

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2012 SEM CORTES (CRÓNICAS 114 A 123 - 2012)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE

O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS. (HECTOR BERLIOZ)

Ficha técnica – Outras obras do autor:

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS
2018 FOTOEMAS foto book, fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas ISBN: 9781388351083
2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas
2018. Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf
2018. Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol-1--3%C2%AA-ed-2018.pdf
2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada
2'17, revisão, compilação e Tradução de "O mundo perdido de Timor-Leste" de José Ramos-Horta ed. LIDEL
2017. Poema "Maria Nobody" IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea "Entre o Sono e o Sonho" Chiado ED.
2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório
2017. "Três poemas açorianos" in Antologia ed. Artelogy dezº 2016
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", in "Povos e Culturas - A ilha em nós", Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2017. "Não se é ilhéu por nascer numa ilha", capítulo do livro "A condição de ilhéu", Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa
2016, compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor "Um missionário açoriano em Timor" vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café
2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/
2015. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015
2014. Prefácio de "O voo do Garajau" Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016
2013. Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais
2012. Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0
2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf
2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf
2012, volume 1 da trilogia da História de Timor: East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf
2012, Tradução "Uma pessoa só é pouca gente / A lonely person is not enough people, the sex and the divine" de Caetano Valadão Serpa
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed.
2012, volume 2 da trilogia da História de Timor: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol-2-Historia-de-Timor.pdf https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992 http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf
2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras
2011, Crónicas Açores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55
2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor
2009, Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-cores/oclc/357576846&referer=brief_results
2009, Crónicas Açores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009
2008, Tradução para inglês de "S. Miguel uma ilha esculpida" Daniel de Sá, Ed. VerAçor.
2008, Tradução de "Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Brel" Victor Rui Dóres, prelo, ed. VerAçor.
2008, Prefácio e Revisão "A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse" de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada
2007, Tradução para inglês "E das pedras se fez vinho" de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal
2007, Tradução para inglês, "Santa Maria Ilha Mãe" Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal
2005, coautor tradução para português "The Lost painting" Jonathan Harr, ed. Presença
2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf - http://www.lusofonias.net/chryscv/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf
2004, tradução para português "A People's War" de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal
2004, tradução para português, "Dien Bien Phu" de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal
2002, tradução de "La familia: el desafío de la diversidad" Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal
2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) (1ª ed.) http://www.ebooksbrasil.org/microreader/cronicasCA.lit http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL-1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor0.pdf
2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste The secret files 1973-1975, 2ª ed. https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL-1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng-
1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / ISBN 13/EAN: 9789728305758 https://www.worldcat.org/search?q=chrystello&fq=&dblist=638&fc=ap:25&at=show_more_ap%3A&cookie
1991-2011 Yawuji Barra e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baia, ed. 1991-2011 https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf
1985 crónica X Aborígenes na Austrália https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf
1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf , http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-caj-Volume-3-4#scribd
1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Dili, Timor Português (esgotada) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf
1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQL.pdf http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystello@yahoo.com.au / chryschrystello@journalist.com

Crónica 0

Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram "dois sistemas opostos diante da mente do mundo". E disse mais: "Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira". Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de "mágica". Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cética e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser "politicamente incorreto" já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um "idiota".

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da "civitas". Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

De facto, dali do topo da sua "falsa" (o nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu "castelo" e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grosa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil.

Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *Crónicas: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mátria, um lar.

É sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em "*Os livros que não escrevi*" não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queriam ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crónicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no "castelo" aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado

de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu "castelo" era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela "sorte", os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se "lixo é sempre o mexilhão", pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum "rapaz da sua idade". Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climatéricas diurnas, a nesga de mar que vislumbra pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tomara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclar.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu "castelo" a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil] "

-- 11 h.

A correr do café com leite para o elétrico torrado.

Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.

-- Quinze tostões.

Direito a empurrões, pisadelas.

O pó é grátis

por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir..."

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao

mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preferir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjecturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369.

Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol, que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruía por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.

Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPress, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobaldo Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosas», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Morais Silva, 2.ª edição).

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos direitos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra.

A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns

membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores duma multinacional norte-americana¹. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuo a descobrir.

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me cético em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cónego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.

Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expectativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo -Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes.

Vivia num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto absteve-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada.

As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um "mono" demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou "sopeira" como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

¹ (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

Viva o 24 de abril que este sim deveria ser feriado, ainda não se lê nos jornais todos, mas ouve-se nas esquinas das ruas e nas mesas do café.

Depois da censura económica, da autocensura e de todas as formas dissimuladas de censura, vão-se fazendo inquéritos, elege-se Salazar como a personalidade do século passado, mandam-se emigrar os jovens, promove-se o cinzentismo salazarista e tentam calar-se as vozes diferentes. Mais ano menos ano acaba-se com o feriado de 25 de abril que nada tem a ver já com o clima que se vive.

A revolução continua por fazer, a liberdade de expressão corre sérios riscos, agora que as outras liberdades se foram por causa da crise, o respeito pela diferença esbateu-se mais ainda, vamos tornar as massas ainda mais acinzentadas, uniformes e carneiramenta por entre saudosismos (dantes era o sebastianismo, agora será o salazarismo salazarento).

Por entre uma telenovela, Fátima e futebol o povo nem dá conta de como o levam para novo redil. Há 38 anos deram a liberdade a Portugal e hoje no-la tiram.

Eu continuarei (quase sozinho) um homem do 25 de abril até que me caíem, mas somos já muito poucos e menos ainda podem usar a voz. Hoje ainda me deixam escrever isto, mas por quanto tempo mais?

Há seis anos publiquei no CrónicaAçores umas linhas em que prevenia e previa este status quo ([ler crónica 87](#)) Incrível é que após mais de cem anos dessa lição, ainda nos encontremos tão desamparados, inermes e submetidos aos caprichos da ruína moral dos poderes governantes, que vampirizam o erário, aniquilam as instituições, e deixam aos cidadãos os ossos roídos e o direito ao silêncio: porque a palavra, há muito se tornou inútil!

Agora, o politicamente correto ameaça o humor. A crise fará o resto e aí - sim - estarei definitivamente calado se não morrer antes. Só tivemos 38 anos de liberdade comparados com 48 de ditadura obscurantista, mas pouco temos a celebrar neste ano de 2012 em que nos querem fazer recuar aos anos 50 ou 60 do século passado, a História em marcha à ré. Este ano vou gritar que o 25 de abril devolveu um direito fundamental: o direito à livre expressão e esse é o último que ainda posso celebrar nesta data.

CRÓNICA 115. 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MAIO 3, 2012

O 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, tal como esperado, foi um sucesso com mais de 5 dezenas de investigadores e académicos que participaram, de 30 de março a 3 de abril na Lagoa. Estiveram presentes nove autores açorianos e / ou seus descendentes a quem se prestou uma vídeo homenagem enquanto se anunciava a tradução de excertos de alguns deles para francês, a disponibilizar na página dos Colóquios.

Foi lançado o 14º Caderno de Estudos Açorianos dedicado a Maria de Fátima Borges e um MANIFESTO da lusofonia em tempo de crise. Surgiram convites para divulgar os autores açorianos em países como o Canadá e a Roménia. Houve uma sessão de poesia açoriana seguida de um recital do cancionero açoriano com a presidente do conselho executivo do conservatório regional de Ponta Delgada e duas alunas (flauta e viola da terra).

Igualmente se deu a hipótese ao grupo musical infantojuvenil Velvet Carochinha da escola EBI da Maia de atuar na sessão de abertura no Convento dos Franciscanos onde estiveram na mesa o secretário do Governo Regional, Dr André Bradford, o presidente da câmara municipal da cidade da Lagoa, os 3 patronos dos Colóquios da Lusofonia, Professores Doutores Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras), a mestre Concha Rousia da Academia Galega e o escritor moçambicano João Craveirinha em substituição da Doutora Maria de Jesus Barroso que não pode viajar por impedimento médico.

Foram apresentadas 3 obras literárias, duas das quais açorianas, com uma mostra de livros de vários autores açorianos e houve duas representações teatrais de um grupo do Rio Grande do Sul. Consideram-se cumpridos os objetivos de divulgação da literatura contemporânea açoriana e o interesse no trabalho de tradução dos mesmos para vários países.

Graças aos apoios da Direção Regional das Comunidades, Câmara Municipal da Lagoa e da SRCTE foi possível trazer oradores e participantes presenciais dos seguintes países e regiões:

- AÇORES 13 (TERCEIRA, FLORES, S. MIGUEL, PICO)
- ALEMANHA 1
- AUSTRÁLIA 1
- BÉLGICA 1
- BRASIL 11
- CANADÁ 2
- EUA 5
- GALIZA 5
- ITÁLIA 1
- MOÇAMBIQUE 1
- PORTUGAL 13
- ROMÉNIA 1

Estiveram representadas 12 nacionalidades e regiões neste evento.

Os temas eram: TEMAS 17º COLÓQUIO abril 2012 LAGOA

1. Lusofonia, Literatura, Ensino, Formação, Geografia Humana E A Língua Portuguesa No Mundo.

1.1. A (defesa e preservação da) LÍNGUA PORTUGUESA EM TEMPO DE CRISE qualquer que seja o país ou região onde haja Lusofalantes (DEBATE DO MANIFESTO AICL 2012)

1.2. Lusofonia num contexto global. Questões e Soluções.

1.3.1. Literatura.

1.3.2. Ensino.

1.3.3. Didática.

1.3.4. Formação de Professores

1.3.5. Currículos regionais e nacionais

1.4. Literatura (de matriz) açoriana: autores contemporâneos, história recente, perspetivas e projetos (editoriais e outros)

1.4. Geografia de um Povo: Açorianidade no mundo (guetos, comunidades transplantadas, comunidades integradas, comunidades desenraizadas, etc.)

2. ESTUDOS DE TRADUÇÃO

2.1. Literatura lusófona, tradução de e para português

2.2. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores por exemplo:

Ashé, Thomas / Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other Engravings*, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.

Bullar, Joseph / Bullar, Henry (1841): *A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas*, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].

Henriques, Borges de F. (1867): *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard.

Twain, Mark (1899): *The Innocents Abroad, Volume I*, Nova Iorque; London: Harper & Brothers Publishers.

John Updike "Azores", *Harper's Magazine*, March 1964, pp 11-37

Mark Twain, "Innocents abroad" (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP.V/VI

Maria Orrico "Terra de Lídia",

Romana Petri "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha",

António Tabucchi "mulher de Porto Pim

2.3. Literatura Açoriana traduzida para outras línguas

3. Homenagem Contra O Esquecimento 2012: Autores Homenageados

Canadá: Eduardo Bettencourt Pinto

EUA: Caetano Valadão Serpa,

Araquipélago Da Escrita [Açores]: São Miguel) Eduíno De Jesus, Urbano Bettencourt, Daniel De Sá, Fernando Aires (Representado Pela Viúva Dra. Idalinda Ruivo Medeiros De Sousa), E Pela Filha Maria João Ruivo De Sousa; (Terceira) Vasco Pereira Da Costa, Joana Félix (Poetisa E Filha Do Escritor Emanuel Félix), ; Brasil: Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Mª Josefina Leuba Salum

Outros (Poesia, Teatro E Música)

115.1. COMO A IMPRENSA VIU AS CONCLUSÕES:

A criação de bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras dedicadas a estudos da lusofonia para estudantes de vários continentes foi defendida no 17º Colóquio da Lusofonia, em S. Miguel, Açores.

"Numa altura de crise, estas bolsas justificam-se mais do nunca, tendo em vista a difusão da língua portuguesa e porque serve para criar contrapartidas económicas quando os alunos bolseiros regressarem aos seus países de origem", defendeu Chrys Chrystello, presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, em declarações à Lusa. Os Colóquios da Lusofonia estão a decorrer na Lagoa, ilha de S. Miguel, nos Açores, sob o tema: "MANIFESTO contra a crise: A língua como motor económico".

Entre as sete propostas apresentadas no manifesto consta a "criação de pelo menos 500 bolsas de estudo nas universidades portuguesas e brasileiras", tendo Chrys Chrystello referenciado o caso da China com "um forte investimento na Língua Portuguesa, com milhares de alunos licenciados em português."

A criação de bolsas permite "rentabilizar" a língua que atualmente representa 17 por cento do Produto Interno Bruto, não só em serviços, como na educação", acrescentou.

A proposta vai no sentido de o "Brasil disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para estudantes de licenciatura, de mestrado ou de pós-graduação e terminada a presença dos alunos no país de acolhimento, os bolseiros terão adquirido a função de embaixadores da língua portuguesa nos seus países de origem".

O manifesto defende a criação de "antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos" e distribuição nos "países onde o português é ensinado como língua estrangeira".

Além disso, é proposta "a disponibilização gratuita de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos para despertar o interesse por aqueles escritores" e "convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as academias e outras entidades uma bolsa de edições para promover as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos".

O reforço dos cursos de língua portuguesa, tanto presenciais como online são outras das sugestões do manifesto.

Para o presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, são propostas "realistas aos Governos de Portugal e do Brasil", lamentando que a cultura "seja sempre a primeira área com cortes". "É o parente pobre, porque não dá votos.

É muito mais fácil trazer um artista pimba que atrai centenas de pessoas", sublinhou o especialista em linguística.

Os Colóquios da Lusofonia constituem um espaço privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias entre investigadores e estudiosos sobre literatura, linguística e história e contemplou "este ano pela primeira vez, uma homenagem conjunta a nove autores" e três lançamentos literários, entre os quais a Antologia bilingue de 15 autores açorianos contemporâneos, referiu Chrys Chrystello.

Outras conclusões:

1. Importa continuar a divulgar o manifesto AICL 2012 (abaixo).
2. Vamos continuar com a homenagem a vários autores em vez de um só em cada colóquio.
3. Iremos porfiar para levar os Colóquios a novos países e regiões, como Canadá e Roménia sugeridos neste colóquio, além dos que já estavam previstos na Madalena do Pico, Lagoa e Maia (São Miguel), Vila do Porto (Santa Maria) para o triénio 2013-2015.
4. Foi anunciada a publicação do 14º Caderno de Estudos Açorianos dedicado a Maria de Fátima Borges, que trimestralmente colocámos em linha na nossa página http://www.lusofonias.eu/cat_view/99-estudos-acorianos/103-cadernos-acorianos.html?view=docman.
5. A Universidade do Minho dentro dos acordos bilaterais existentes, e o seu mestrado de tradução continua a fazer traduções de excertos de obras açorianas que serão divulgadas nas nossas páginas.
6. A Universidade dos Açores manifestou publicamente a sua vontade de querer aliar-se aos Colóquios para o futuro.

115.2. MANIFESTO AICL 2012 CONTRA A CRISE, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO

A Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL), preocupada pelas recentes decisões de natureza económica que põe em causa o cultivo e mesmo a continuidade da Língua e Cultura em Portugal, vem apresentar, pelo presente, algumas ideias que visam um estímulo económico através da língua e cultura, devendo a médio prazo servir para um estímulo maior à economia. Perante a existência de estudos que apontam a importância deste setor cifrado em 17% do PIB e considerando que Brasil e Portugal são os países que juntos reúnem melhores condições de proporcionarem o arranque deste projeto, fica desde já a ressalva de que a eles se deverão juntar os restantes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) quando estiverem dispostos a fazê-lo sem quaisquer receios de Quintos Impérios e de neocolonização cultural.

1.º. Buscar consensos entre os governos do Brasil e de Portugal para que sejam reforçados e lançados cursos de língua portuguesa – tanto presenciais como online - nas suas vertentes de 'Português Língua Materna' (PLM) e 'Português Língua Estrangeira' (PLE) em todos os quatro cantos do mundo.

Deve ser utilizada uma nova fórmula de conservação e propagação da lusofonia a nível mundial, como até agora não foi proporcionada quer pelo Instituto Camões quer pelo Instituto Machado de Assis e a CAPES, em três vertentes:

- a) aprendizagem e melhoramento da língua portuguesa como PLM ou PLE,
- b) literatura lusófona e,
- c) ciências de tradução.

Dever-se-á utilizar-se o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) da CPLP e o apoio de universidades e politécnicos dos dois países para tal fim.

Justificação:

Os cortes, por parte do Governo português, tanto no sistema no ensino de PLM (para filhos de pais lusófonos residentes em países não-lusófonos), como nos sempre escassos apoios à divulgação da lusofonia através de cursos de PLE (para apoiar o ensino a nível secundário e superior em países não-lusófonos) têm-se mostrado sumamente prejudiciais ao cultivo da lusofonia em países não-lusófonos. Como fruto desta política de abandono, não só acaba por ser posta em questão a capacidade dos filhos de emigrantes portugueses de comunicar de forma adequada em todos os níveis na língua materna, mas também a aquisição da língua portuguesa nos países não-lusófonos onde a cada vez maior ausência do Instituto Camões tem servido como justificação de eliminação de cursos de português. No Brasil, dá-se semelhante abandono do ensino de PLM e PLE nos países não-lusófonos. Apesar da existência do Programa de Leitorado nalgumas universidades em países não-lusófonos, organizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), a rede é bastante reduzida e fica longe de atingir a importância que caberia ao Brasil numa escala internacional. Não consta a existência de uma rede de ensino de PLM, organizada pelo Estado brasileiro e que vise o ensino de PLM aos filhos de cidadãos brasileiros residentes no estrangeiro.

2.º. Buscar apoios das academias nacionais de língua portuguesa existentes, da CPLP, e de todas as restantes instituições para que contribuíssem para este projeto que deve abranger todo o mundo onde haja lusofalantes e interessados na aprendizagem da língua portuguesa.

Justificação:

No mundo lusófono existem várias academias que se dedicam ao cultivo e à normalização da língua portuguesa, nomeadamente em Portugal a Academia das Ciências de Lisboa (ACL), no Brasil a Academia Brasileira de Letras (ACL), bem como a Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL) e na Galiza a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP). Para um projeto que visa fortalecer o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa em todo o mundo, consulta e o apoio por estas organizações não só é uma mais-valia, mas torna-se mesmo indispensável.

3.º. Criar pelo menos 500 bolsas de estudo anuais dedicadas a estudos relacionados com a lusofonia para que estudantes oriundos de países de todos os continentes possam frequentar universidades brasileiras e portuguesas.

Justificação:

Em conformidade com as capacidades financeiras dos países envolvidos, o Brasil poderia disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para os melhores alunos dos cursos referidos em 1.º. Terminada a presença no país de acolhimento, os bolseiros terão adquirido a função de embaixadores da língua portuguesa nos seus países de origem. Num regime a definir, a atribuição das bolsas poderá funcionar de forma semestral (p. ex. para estudantes de licenciatura), anual (p. ex. para estudantes de mestrado) ou plurianual (p. ex. para estudantes de pós-graduação).

4.º. Convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as academias e outras entidades uma bolsa de edições a promover em todo o mundo as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos, as quais seriam disponibilizadas nos vários países.

Justificação:

Uma vez que a unificação da ortografia permite a divulgação do mesmo texto em vários países, a disponibilização das obras literárias mais representativas de cada país aos outros países não só facilita o acesso recíproco a todas as literaturas lusófonas, mas permite a publicação de edições únicas que poderão entrar em vários mercados livreiros.

5.º. Criar antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos e promover a sua distribuição nos países onde o português é ensinado como língua estrangeira.

Justificação:

A semelhança do que se realizou através da Antologia Bilingue de Autores Açorianos (2011), o fornecimento de antologias bilingues de textos literários de referência pode tornar-se indispensável numa primeira aproximação a textos portugueses tanto por parte de estudantes estrangeiros como de falantes da respetiva língua em que a antologia foi publicada.

6.º. Criar e despertar o interesse por autores lusófonos, através da disponibilização gratuita em linha de excertos de obras selecionadas de autores lusófonos.

Justificação:

Desde que se trate de obras isentas de direitos de autor ou que forem publicadas com consentimento dos autores, a divulgação de textos literários de forma digital, tal como está a ser feito com textos literários açorianos nos Cadernos de Estudos Açorianos, tem-se mostrado muito benéfica por ter atraído bastante interesse por parte dos utentes.

7.º. Evitar que as burocracias ministeriais e governamentais impeçam a imediata consecução deste projeto, pelo que deverá ser nomeada uma comissão de sábios para definir em detalhe este projeto, seu cronograma e custos

Este manifesto foi precedido da leitura do seguinte artigo

115.3 CRISE DE IDEIAS - MANIFESTO 2012 17º COLÓQUIO 30 março 3 abril 2012 LAGOA Tema 1.1 a língua portuguesa em tempo de crise

Em minha opinião, a crise do país [seja ele Portugal ou o Brasil] é mais do que tudo uma crise de ideias, de líderes, de pensadores e intelectuais, aliada ao capitalismo selvagem, dito neoliberalismo, que desde os anos 90 vem tomando dos meios de produção globais e manipulando os governos do mundo ocidental.

O país precisa mais de se servir dos seus «sages» para usar um termo francês em vez do mais habitual vocábulo "pensadores ou filósofos" que não incluiria todos os que pretendo incluir.

Um Conselho de Sábios, por assim dizer seria aquilo que o país necessita para vencer a crise e sairmos da podridão da partidarite viciada em cunhas, nepotismo e esquemas.

Teríamos depois, de estabelecer consensos alargados e um plano de mudança e ação a muito longo prazo e buscar a força e iniciativa dos mais jovens para as levar a cabo.

Não devemos deixar que Portugal se perca na sua atual insignificância quando grande parte da sua história foi feita de grandes homens que se sobrepuseram, pela sua visão, a gerações de séculos de Velhos do Restelo.

São estes que hoje guiam os nossos filhos e netos para uma subserviência e dependência total ao grande capital internacional sem esperanças de uma vida melhor.

Trata-se de um retrocesso ao pior da Grande Revolução Industrial ou rumo a uma criação de novos servos da gleba, automatizados, controlados e vigiados, mas sobretudo intelectualmente deficientes.

A receita universalmente seguida é a da ignorância, em que quase todos hoje vivem, aliviada com um voyeurismo exacerbado em Big Bordel (perdão Big Brother) e quejandos, e outras telenovelas da vida real que a TV projeta incessantemente nas horas poucas de lazer.

Acrescentemos a esta fórmula mágica o entorpecimento futebolístico que ajuda a exacerbar paixões e ventilar frustrações recalcadas e temos o caldo mágico para as gerações futuras.

Um sistema educacional e cultural forte seria a base para partirmos para o futuro em que ainda acreditamos.

Temos alguns exemplos de gente excepcional, mas infelizmente a grande maioria emigrou e faz carreira no estrangeiro porque este país só apoia a mediocridade.

Tratou-se de alunos que se não contentaram com a mediocridade do ensino e brilharam sem se deixarem enredar na modorra anquilosante dos que os governam.

É esta situação de exceção que nos traz algumas esperanças.

A minha geração e, antes dela, a dos nossos patronos foi criada na certeza de que nada era fácil nem havia almoços grátis.

Havia trabalho, muito e mal pago, e a réstia de esperança de que este fosse reconhecido pois todas as promoções eram a pulso na longa escalada que encetámos.

Assim, essa geração subiu a novos patamares à custa de trabalho, esforço, estudo e aprendizagem contínua.

Tínhamos coisas sagradas a que chamávamos princípios e ética.

Líamos, debatíamos, estudávamos e continuávamos a aprender toda a vida.

Nada era fácil.

Hoje constata-se o que foi feito nas últimas duas décadas para destruir o tecido escolar, com a facilitação extrema apenas para falsificar estatísticas, programas especialmente elaborados para ninguém ficar para trás, uma redução substancial da quantidade e conteúdo de matérias a aprender, o lento esquecimento a que a História foi votada porque os nossos antepassados eram politicamente incorretos, a marginalização da Filosofia porque poderia levar os jovens a pensar e os maus tratos dados à Língua Portuguesa.

Temos hoje uma vasta gama de professores incultos, e a maioria dos alunos analfabetos funcionais incapazes de compreender ou debater o que leem.

Os autores que estudamos foram substituídos para que hoje fosse quase impossível criar uma geração filológica-linguística como a do Cenáculo² ou até mesmo compreender esse fenomenal, extraordinária e inexplicável centro de espírito e de estudo, de fantasia, de ideias numa sociedade banal como era a de Lisboa naquela época.

O Cenáculo era uma reunião permanente de jovens em casa de Antero [de Quental], dia e noite, todos tinham ali os seus melhores livros, notas, provisões de princípios e de tabaco.

Cada um deles possuía conhecimentos profundos sobre, pelo menos, uma das ciências base que são a matriz do conhecimento: física, química, matemáticas, filosofia, direito, história e linguística.

Quando Antero regressa do estrangeiro pleno de ideias e leituras novas é como que a vinda do Rei Artur à Corte de Camelot e daí nasceram as Conferências do Casino, cheias de cultura europeia, de fervor revolucionário, da romanesca efervescência intelectual e sentimental.

Essa geração de jovens tentou trazer algo de novo e bom à nossa cultura, debatendo o Estado da Nação.

As Conferências do Casino podem considerar-se um manifesto de geração.

Perdoem esta curta digressão para vos explicar o que pretendo.

Denominam-se assim por terem tido lugar numa sala alugada do Casino Lisbonense e foram uma série de cinco palestras realizadas em Lisboa no ano de 1871 pelo grupo do Cenáculo formado, por sua vez, pelas mesmas pessoas, que constituem a Geração de 70.

Antero é o grande impulsionador desde 1868, iniciando os outros membros do grupo em Proudhon.

A 18 de maio 1871 foi divulgado o manifesto, já anteriormente distribuído em prospectos, e que foi assinado pelos doze nomes que tinham intenções organizadoras destas Conferências Democráticas.

22 de maio de 1871- A 1ª Conferência:

"O Espírito das Conferências", proferida por Antero de Quental consistiu num desenvolvimento do programa previamente apresentado. Antero referiu-se à ignorância e indiferença que caracterizava a sociedade portuguesa, falando da repulsa do povo português pelas ideias novas e na missão de que eram incumbidos os "grandes espíritos" e que consistia na preparação das consciências e inteligências para o progresso das sociedades e resultados da ciência.

Para Antero o ponto fulcral seria a Revolução, o seu conceito, que define como um conceito nobre e elevado. A conclusão da palestra termina com o apelo às "almas de boa vontade" para meditem nos problemas que iriam ser apresentados e para as suas possíveis soluções.

27 de maio de 1871- 2ª Conferência:

"Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos" também proferida por Antero. Em primeiro lugar Antero julga a História, como uma entidade, o juízo moral, social e político. Em seguida enumera e discute as causas da decadência. Aponta o Absolutismo, a Monarquia Absoluta que constituía a "ruína das liberdades sociais", o centralismo imperialista que coartara as liberdades nacionais, rumo a uma cega submissão; por fim, o desenvolvimento de hábitos prejudiciais de grandeza e ociosidade que conduziram ao esvaziamento de população de uma nação pequena, substituindo o trabalho agrícola pela procura incerta de riqueza, a disciplina pelo risco, o trabalho pela aventura.

Para Antero a solução destes problemas seria:

"(...) a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, (...), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento, sempre inspirado. (...) a federação republicana de todos os grupos autonómicos, de todas as vontades soberanas, alargando e renovando a vida municipal (...) à inércia industrial oponhamos a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontânea (...), organizada de uma maneira solidária e equitativa..."³[1] A conclusão insere uma dimensão progressista, a instauração de uma revolução, a ação pacífica, a crença no progresso inspirado na moralização social (Proudhon), num tom idealista e retórico.

5 de junho de 1871- 3ª Conferência:

"A Literatura Portuguesa" proferida por Augusto Soromenho, professor do Curso Superior de Letras que faz uma crítica aos valores da literatura nacional. Cita a negação sistemática dos valores literários nacionais, excetuando escritores como Luís de Camões, Gil Vicente e poucos mais. Tem a sua vertente revolucionária ao inculcar a ideia de que a literatura portuguesa deverá ter caráter nacional, mas pautada por valores universais. O modelo e guia desta renovação salvadora da literatura nacional seria Chateaubriand, com o conceito de Belo absoluto como ideal da literatura, constituindo esta um retrato da Humanidade na sua totalidade.

12 de junho de 1871 - 4ª Conferência:

"A Literatura Nova ou o Realismo como Nova Expressão de Arte" por Eça de Queirós salientou a necessidade de se operar uma revolução na literatura. A revolução é um facto permanente, porque manifestação concreta da lei natural de transformação constante, e uma teoria jurídica, pois obedece a um ideal, a uma ideia. É uma influência proudhoniana.

² http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/eca_queiroz/conferencias_casino.html

³ [1] Quental, Antero de, 2ª Conferência: Causas da Decadência dos Povos Peninsulares, Casino Lisbonense, 27 de maio de 1871 in Medina, João, Eça de Queiroz e a Geração de 70, Lisboa, Ed. Moraes, 1980, 1ª ed., pp. 157-158.

O espírito revolucionário tem tendência a invadir todas as sociedades modernas, afirmando-se nas áreas científica, política e social. A revolução constitui uma forma, um mecanismo, um sistema, que também se preocupa com o princípio estético. O espírito da revolução procura o verdadeiro na ciência, o justo na consciência e o belo na arte.

A arte, nas sociedades, encontra-se ligada ao seu progresso e decadência e o artista sob a influência do meio, dos costumes do tempo, do estado dos espíritos, do movimento geral...

Foca ainda as relações da literatura, da moral e da sociedade. A arte deve visar um fim moral, auxiliando o desenvolvimento da ideia de justiça nas sociedades. Fazendo a crítica dos temperamentos e dos costumes, a arte auxilia a ciência e a consciência.

19 de junho de 1871 - 5ª Conferência:

"A Questão do Ensino" proferida por Adolfo Coelho traça o quadro desolador do ensino em Portugal, mesmo o superior, através da História. A solução proposta passa por uma mais ampla liberdade de consciência. Para Adolfo Coelho do Estado nada havia a esperar. Tomando isto em consideração, o remédio seria apelar para a iniciativa privada, para que esta difundisse o verdadeiro espírito científico, o único que beneficiaria o ensino.

26 de junho de 1871

Quando Salomão Saragga se preparava para realizar a sua Conferência "História Crítica de Jesus", o Governo, mandou encerrar a sala do Casino Lisbonense e proibir as Conferências. No mesmo dia, Antero redige um protesto no café Central, hoje Livraria Sá da Costa.

115.4. NO SÉCULO XXI

Vivemos hoje uma encruzilhada como a da Geração de 1870 e das Conferências do Casino, sendo a enumeração de problemas bem semelhante à de então.

Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da Língua Portuguesa, linguística, literatura, história, também nós constituímos um grupo heterogéneo unidos apenas naquilo que nos é comum, a língua de todos nós.

A nossa língua configura o mundo, sem esquecer, porém, que Wittgenstein disse que o limite da nossa nacionalidade é o limite do nosso alcance linguístico.

Os Colóquios são uma prova insofismável de que tudo é possível com custos mínimos desde que se dê liberdade às pessoas para criarem no seio da nossa associação projetos com os quais se identifiquem e que se destinam a pensar e debater amplamente, de forma científica, a nossa fala comum: a Língua Portuguesa de forma conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político – na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes.

Em defesa da Lusofonia, defendemos a nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiossincrasias, impedindo que outras culturas e outros povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem.

É aqui no nosso seio de oradores, patronos e patronos especiais como os que aqui temos hoje, que nos podemos afirmar como plataforma de arranque de uma congregação de um Conselho de Sábios e de jovens cultos e dinâmicos para pensar e agir rumo ao futuro sem nos deixarmos abater pelo negativismo da crise que visa embotar a nossa capacidade de realização.

Resumidamente foi isto que os Colóquios fizeram ao longo de uma década, numa prova da vitalidade que a sociedade civil atuante pode ter quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos.

Resta apenas que todos os que aqui estão se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa e que este sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

PARA TERMINAR INTERROGAMOS:

Quanto vale um idioma?

Se a língua portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida em um canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um recente estudo solicitado pelo Instituto Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à língua portuguesa. -É um percentual interessante e até conveniente, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%) - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho passado. O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia, assim, relações económicas que exigem uma dada língua. E descarta atividades que podem ser executadas por trabalhador de outra nacionalidade ou competência linguística. Por essa lógica, ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral.

Além das "indústrias da língua" há as ligadas a fornecedores de produtos em português, como a administração pública, e as que têm forte conteúdo de língua, como o setor de serviços, ou a que induz maior conteúdo de língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

Por último, o peso de processos em que o conteúdo de uma língua tem predomínio menor ou só relativo, ainda assim enquanto fazem brotar impérios no próprio circuito de trocas de um idioma. No Brasil, é o que ocorreria, por exemplo, à extração de petróleo e de minérios, ou ao agronegócio. Apesar de o estudo não visar o Brasil, a pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da língua portuguesa saltar aos olhos globais. O Brasil virou protagonista das relações comerciais mantidas entre países lusófonos, mercado que movimenta um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de língua portuguesa em outros países gira em US\$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado por países como o Egito, que têm mais de 5.000 anos, e são pobres. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial. O Japão é uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufacturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo. No seu pequeno território, cria animais, e cultiva o solo apenas durante quatro meses ao ano. No entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno que passa uma imagem de segurança, ordem e trabalho, pelo que se transformou no cofre-forte do mundo. No relacionamento entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, fica demonstrado que não há qualquer diferença intelectual. A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios...A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos, deve plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

Solução-síntese:

transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão.

A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um microestado. As transformações desejadas pela Nação para Portugal serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica. Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e só encolhemos os ombros e dizemos: "não interessa!..."

A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir!

Reflitamos sobre o que disse Martin Luther King:

"O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons..."

Há dias assim, acordo ao nascer do sol, olho para as faldas da Bretanha, vejo o mar chão, os montes em frente com as suas vacas alpinistas e penso...tenho de fugir daqui...isto é uma ilha, mas é muito pequena...nada como a minha Austrália com espaço para dar e vender e apenas 22,5 milhões de almas incluindo as almas penadas. Noutros dias acordo e nada se vê, chuva, nevoeiro cerrado e sinto-me como um génio na garrafa, mas sem capacidade de oferecer os 3 desejos a quem me tirar da garrafa.

Nada disto melhora quando leio "O Chrys está sempre a atacar Portugal e a dizer mal..." (in Daniel de Sá).

A propósito da frase descontextualizada e supracitada, lembrei-me de que se há muitos modos de se ser um bom católico, além de ir à missa e bater com a mão no peito, também existem diversos modos de se gostar de Portugal, mesmo quando aparentemente se está sempre a atacar Portugal e a dizer mal. Gostar de Portugal ou dizer bem não são a única forma nem tampouco as mais representativas de se gostar do país e daquilo que nele existe.

Quando aparentemente se diz mal ou se aparenta não gostar, poderá uma pessoa estar a desejar que o país seja aquilo que não é, melhor do que a soma dos seus habitantes dá a entender. Só quando se gosta de um país se deseja que ele não seja viciado pela corrupção, nepotismo, falta de educação, falta de conhecimentos, e tantos outros mínimos denominadores comuns que o têm vindo a caracterizar nas últimas décadas. PARA SE AMAR UM PAÍS PODE DESEJAR-SE QUE ELE SEJA MELHOR DO QUE NA PRÁTICA É, devendo dar a conhecer todos os erros e limitações que o impedem de ser melhor, lutar para que as desigualdades gritantes que se têm vindo a intensificar nos últimos anos se reduzam, para que o fosso entre os ricos (novos-ricos de riqueza cuja origem é dúbia ou incerta no tocante à sua legalidade) e pobres não aumente exponencialmente como acontece, para que a educação redutora do atual facilismo se converta numa educação capaz em vez de produzir doutores e engenheiros (e etc.) para o desemprego, para que a ignorância generalizada das pessoas as não leve a eleger os maiores demagogos e aqueles que nunca nada fizeram na vida além de trabalharem para o partido e no partido..... é exigir uma nova atitude cívica Foi isso que sugeri no 17º colóquio na Lagoa ao escrever que "A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade e ética.

116.2. ALGUÉM FALOU DE PROVINCIANISMO?

Claro que desde o início da minha estadia nos Açores, sempre pautei a minha posição pessoal pela defesa de uma verdadeira autonomia do arquipélago, em vez deste arremedo de autonomia envergonhada em que se vive, dependente do bom humor de quem está sentado na cadeira do poder em Lisboa. Ou como se assiste em 2011-2012 a um esvaziamento de competências decisórias "à cause de la crise". O centralismo onipotente no seu melhor, sem respeito pela Constituição nem pelas leis da autonomia... A autonomia tem progredido lentamente, e em casos pontuais, para satisfazer os nativos sem incomodar os centralistas macrocéfalos em Belém, a não ser aquando do novo estatuto de autonomia inicialmente vetado pelo Presidente da República, Cavaco e Silva, que acabaria, contrariado, por promulgá-lo a 29 de dezembro de 2008. Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo nos Açores e falta massa crítica e intelectual nos Açores de cá, por isso muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.

Há países bem mais pequenos, sem meios (menos que os Açores) e que são independentes de uma forma ou outra há décadas (estou a lembrar-me de uma dúzia de repúblicas do pacífico sul, entre outros...bastava ver como eles resolveram o problema da distância de milhares de quilómetros entre ilhas). A viver à custa de Lisboa é fácil atirar as culpas para o parceiro do lado, mas as culpas são dos sucessivos governos açorianos que nada fizeram para melhorar este estado de coisas (ao menos o Alberto João Jardim foi à falência, mas fez obra, a que alguns chamam progresso embora se mantenha muita miséria) por que a esses, lhes convinha manter o status quo e menos ainda fizeram para ampliar a autonomia e dar-lhe significado...aceitaram-na como um presente de meninos bem-comportados. A visão açoriana do mundo é de tal forma paroquial que este arquipélago dificilmente seria independente, nem haveria gente suficiente e com "cojones" para o tentar. É uma utopia pensar nela pois não haveria gente com capacidade de aproveitar a riqueza da zona marítima exclusiva (afinal só foi descoberta agora ao fim de 37 anos de autonomia...) nem as outras potencialidades exclusivas dos Açores (se calhar não dava votos e não se fez nada por causa dessa necessidade que os políticos têm de se agarrarem ao poder através do voto popular). Depois haveria ainda outro problema grave, quase todo o mundo aqui vive de subsídios e nada sabe fazer sem eles...vai ser difícil desabitua-los Curiosamente, acusam as 8 ilhas de estarem contra São Miguel da mesma forma que São Miguel acusa Lisboa...a macrocefalia de PDL é igual à de Lisboa salvaguardadas as respetivas escalas.

Se fizessem um referendo, a autonomia perdia esmagadoramente pois é melhor culpar o Governo de Lisboa do que os sucessivos governos regionais e estes mantêm-se como os de Lisboa graças aos seus clientes, deveríamos dizer freguesias pois isto não passa de uma grande freguesia, e quando há desacordo ou é porque eu não sou de cá ou porque tu vives fora e não estás bem informado... Não me espanto quando leio o que o escritor micalense Daniel de Sá proclamou:

"Um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a presidência da República. Para problemas bastamos nós mesmos."

Ele crê que a independência nunca será viável (por que é têm, todos, tanto medo dela?)

"18/6/2012 Chrys, tens razão em quase tudo.

Mas pergunto para que serviria uma independência só por uma questão de capricho, se afinal iríamos viver muito pior?

Que é que haveríamos de ser?

Uma espécie de Tuvalu ou Nauru, que alicerçaram a sua independência nos fosfatos, e, quando se estes se esgotaram, ficaram sem riqueza e quase sem solo onde pôr os pés?

A quem haveríamos de acolher-nos?

Aos States, como Nauru à Austrália, servindo quase como colónia penal desta?

Poupa-me.

E essa de acusar quem discorda pondo as razões do diferendo na ausência, mas deixando implícito que os "ausentes" sabem tanto o que se passa como quem cá está, não tem defesa possível.

Eu vivi 65 anos nestas ilhas, três em Espanha e oito meses no Continente.

Acompanhei todas as misérias, sei quem eram os principais culpados e o mais que não podes arrogar-te a presunção de teres aprendido em meia dúzia de anos, nem tão pouco o xxxxx, ausente, deixando-se levar muito pelo impulso embora temperado com alguma ponderação.

Um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a presidência da República. Para problemas bastamos nós mesmos."

Esta resposta entristece e leva-me a contestar:

"Mais autonomia ou independência não sei, quem vota nas ilhas devia decidir..."

Em relação à afirmação "um dos meus princípios radicais é que quem não vive nas ilhas não tem direito a voto, a não ser para a presidência da República.

Para problemas bastamos nós mesmos" discordo, nunca entendi democracias com cidadãos de primeira e de segunda, que era o que acontecia se os expatriados não votassem, para eles não votarem deveria ser-lhes retirada a cidadania (açoriana).

Eu entendo a autonomia dos Açores (passada, presente e futura) como consequência do feudalismo arreigado que dominou as ilhas por séculos e hoje surge a outro nível e com outras roupagens.

O princípio que cita Daniel

"Acompanhei todas as misérias, sei quem eram os principais culpados e o mais que não podes arrogar-te a presunção de teres aprendido em meia dúzia de anos"

excluiria todos os jovens votantes que não vivenciaram isso e teríamos então apenas direito de voto do género para maiores de 65 anos, residentes na ilha há mais de 50?"

116.3. OPINIÃO - "UM POVO QUE SE FAZ NAÇÃO"

Este tema sensível foi recentemente abordado num dos jornais locais (Expresso das nove, 18 junho 2012, Manuel Leal) nestes moldes:

Se julgarmos o sucesso de um evento público pelo número de participantes, a celebração do 6 de junho pela Frente de Libertação dos Açores seria um fracasso.

Todavia, eu diria o contrário. A FLA saiu à rua agora para mostrar a face de figuras que se identificam com as cúpulas de ontem e de hoje e reiterar a sua determinação política e os valores revolucionários e açorianistas por que se rege.

A FLA considera o momento atual de grande perigo para a liberdade dos Açores e o bem-estar das suas populações, fazendo eco veemente do alarme dos líderes das instituições que se pressupunham autonómicas.

Como no seu início conturbado e histórico, o propósito da mensagem da FLA foi, declaradamente, depor de novo ao julgamento da gente do Arquipélago a prepotência e arbitrariedade do Governo da República.

A participação de José de Almeida, que um dia teve por título "Presidente do Governo Clandestino dos Açores", assumiu um significado que transcende a própria celebração.

Já ancião, de idoneidade demonstrada na sua formação académica e nas funções que ocupou na sua experiência de político e revolucionário, profundamente açoriano, veio entregar à consciência açoriana e da solidariedade insular, como num sacrifício simbólico, a sua liberdade e a açorianidade política.

Mártir na colisão com a elite política obediente aos partidos portugueses e vítima das convulsões da própria FLA, chegou a ser perseguido como um criminoso pelo Governo da República, Almeida descobre o peito para oferecê-lo como alvo da retaliação potencial dos sobas políticos que destroem Portugal e com ele os Açores e a Madeira.

A FLA durante muitos anos foi vítima de uma imagem falsa disseminada pela República e pelos seus detratores insulares que a demonizaram, tentando retirar-lhe o cariz profundamente nacionalista e lusíada e impor-lhe uma máscara violenta.

A propaganda portuguesa refletiu-se na política do general Altino de Magalhães.

Nos anos 70 do século passado, aos soldados açorianos o general ofereceu viagens à Metrópole, por exemplo, a fim de lhes fazer uma "lavagem" medíocre ao cérebro acerca das virtudes da soberania portuguesa.

Responsável pelas prisões do 9 de junho, a política de Magalhães revelava um infantilismo ou regressão cognitiva quase inacreditável.

No estrangeiro, sobretudo na América do Norte, a distribuição de medalhas a granel continuou uma tentativa de persuasão que, para quem observou o fenómeno, não podia deixar de reconhecer o propósito.

A manutenção do colonialismo nos Açores fez-se através de uma política multi-século de supressão do desenvolvimento insular.

A partir da resposta mundial no século XX à doutrina de Woodrow Wilson, que defendeu a autodeterminação dos povos coloniais - e mudou o rumo da percepção política nos areópagos da opinião internacional -, o neocolonialismo no Arquipélago concretiza-se de maneira subtil através da Autonomia.

Mas a autonomia, todavia, caracteriza-se pela prática de um colonialismo transvestido na linguagem constitucional permitindo ao Governo da República a violência institucional e arbitrária contra a liberdade do Povo Açoriano. Prossegue agora com mais intensidade sob a presunção decetiva da crise económica e financeira.

No discurso que José de Almeida proferiu no dia 6 de junho, em Ponta Delgada, a sua mensagem relacionava-se com a percepção e experiência da liberdade. O seu argumento não se fundamentava, propriamente, na vida histórica das populações açorianas em que há evidência abundante da opressão portuguesa, mas num quadro psicossociológico e pragmático da realidade atual. O verdadeiro "espírito de independência", declarou ele, nasce quando o indivíduo por sua livre vontade cessa a submissão "ao jugo de uma autoridade prepotente".

A pessoa nega-se, assim, a aceitar um poder cuja política e "imposições" são contrárias ao bem-estar societário, "lesivas dos seus interesses e da sua liberdade de agir".

Disse José de Almeida que "O desejo de independência é, pois, [...] indissociável do conceito de liberdade, considerado no seu sentido mais lato".

Não estou convencido, porém, de que os açorianos são já uma nação, mas sinto em introspeção que se fazem uma nação.

A adesão a uma identidade, que neste caso possui o rótulo de açorianidade, não implícita, necessariamente, a presença plena dos fatores que escoram a experiência psicossocial de nação.

A nação não nasce apenas de uma identidade forte associada a um território específico. Possui ainda um sentido de solidariedade e de identidade comunitária - os processos de grupo - que não rejeita e contesta só a "autoridade prepotente", mas também a presença dessa autoridade a cuja identidade política e jurídica, e, portanto, ao poder exterior e opressivo, o indivíduo e o grupo se perpetuam vergados.

Nos Açores existem duas identidades que definem o nacionalismo ou a ideologia que é o alicerce da nação ou o sentimento exato da identidade da pessoa e do grupo com a nação.

As pessoas com a mesma identidade nacional veem-se num destino comum, irmanadas num ideal de igualdade, solidárias na sua condição mútua e intervenientes no processo coletivo de valorização e desenvolvimento integral da pessoa e do grupo.

Na prática e num sentido filosófico, e num significado vernacular que o Estado adotou para defender-se, corresponde ao juramento de lealdade contido na legenda medieval de "um por todos e todos por um".

Neste contexto, de um lado estão os portugueses dos Açores, os açorianos que se sentem portugueses. No outro os açorianos que são portugueses apenas numa dimensão jurídica decorrente da nacionalidade.

Aceitando a existência de uma nação açoriana, os últimos rejeitam a sua participação na nação portuguesa, sem embargo da adoção no conceito de pátria como a definiu Fernando Pessoa. "A minha pátria", escreveu o poeta, "é a língua portuguesa".

A FLA de José de Almeida filia-se na nação açoriana e abraça a noção quase mística do Quinto Império como amplexo fraternal, forte e multifacetado, das nacionalidades e dos grupos que se expressam em português, incluindo dimensões políticas, económicas, linguísticas, e quiçá ainda de defesa mútua.

O maior reforço ao argumento de José de Almeida justificando a independência dos Açores é a política arbitrária, discriminatória e, em última análise agressiva, do Governo da República.

O tempo constitui um aliado da FLA.

Mas falta-lhe, aparentemente, a capacidade de intervenção no processo persuasivo de rejeição do neocolonialismo português porque os meios necessários à divulgação da sua mensagem estão sob o controlo dos partidos portugueses.

Por isso o Governo da República e as instituições legislativas que os partidos controlam opõem-se, intransigentemente, à legalização dos partidos regionais. Obviamente, a FLA não receia proclamar o que é.

O Governo da República projeta até, por outro lado, o receio claro de que ela seja o que diz ser.

A celebração do 6 de junho foi, além da mensagem de que existe, um repto à prepotência dos donos da Estado Unitário.

Porque ao tomar medidas discricionárias de repressão, que não seriam incompatíveis com a política histórica do poder, Portugal reforçaria a solidariedade açoriana.

"Não é crime - advertiu José de Almeida - desejar ser-se independente [...]. E deixou, ao mesmo tempo, o que poderá ser um aviso, ao completar aquela frase "[...] e lutar pela concretização desse objetivo".

O erro de Portugal no Brasil, quando as Cortes do Porto ignoraram em 1820 a mensagem pluricontinental do Reino Unido de 1815 foi deixar que os rancores alicerçados na prepotência do poder centralizado concluíssem o fenómeno que Euclides da Cunha - que teria ascendência açoriana - sintetizou no livro "Os Sertões" numa frase brilhante explicando a independência quando "o povo era já Brasil".

Os açorianos, neste contexto, são "Um Povo que se faz Nação", usando a expressão de Almeida.

Suspeito, todavia, de que não será a FLA a fazer-lhes a independência, ainda que a promova. Isso caberá à política separatista na persistência neocolonial do Governo da República. 2012-06-18 07:00:00

E assim vai a autonomia açoriana...

Da “falsa” (termo micalense para o sótão), a janela do meu “castelo” desabrochava sobre o mundo. Enxergo mares. Lobrigo montes. Diviso nevoeiros que desaparecem sem rasto. Vislumbro vacas fiéis ao seu destino ruminante sem desfaldarem queixumes. A chuva inclemente e desapiedada vinha, ora do agreste nordeste (o mata-vacas), ora de oeste ou sul e fenestra o meu “castelo”. As grossas pingas corriam janela abaixo, infiltradas na caleira minúscula sob o caixilho. Toldavam-me o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental, gotejando lentamente para o chão.

Mais um inimigo invisível quebrando o cerco permanente que sentia do lado de fora das minhas ameias. Entrei no café. Ao balcão, os do costume. A humidade goteja pelas faces como se fossem paredes. Ninguém parece aperceber-se.

Fantasio, de quando em vez, que a verdadeira autonomia se abaterá sobre o arquipélago criado a ferro e fogo. Aí se vislumbrará a tal ínsula nova. Com ela devaneio. Se a antecipo encoberta componho os óculos, arregalo a íris, foco o invisível. As ondas e as nuvens também conspiram para a ocultarem. Careço de um cartógrafo para a mapear. Enxergo-lhe contornos como se a visse em Braille. Ia jurar tê-la avistado, mais do que uma vez. A minha mulher disse-me que alucinava.

O mar confunde-se com o céu. O horizonte indistinto, em constante mutação, ora cinzento ou azuláceo. Perde-se para além do alcance da visão. Quando fito o grande mar oceano, estou sempre expetante de vislumbrar uma ilha nova a desenhar-se no firmamento. Todos os dias sonho com ela, ora encoberta ora invisível. Acredito piamente que exista para lá da linha impercetível.

Por vezes, as próprias formas e cores das nuvens afiançam esse mistério que os mapas não cartografaram. Confio devotamente. Sei que virá ao meu encontro. Tal como a ilha Sabrina de antanho. Ou outras que surgiam e desapareciam das cartas de marear na época de S. João. Esta é especial. Sempre que posso, perscruto o futuro em busca dela. Esta a realidade que me escapa e, no entanto, está lá. Quando a vir, clamarei o direito a dar-lhe denominação. Designá-la-ei Autonomia. Ia jurar tê-la visto por dentre um belo arco-íris que ia da Lomba da Maia à semiencoberta Bretanha.

Os vaqueiros levantam-se noite cerrada. Continuam a acamar-se cansados dia após dia, semana ou ano de trabalho. Rotinas entrecortadas pelas festas da freguesia. Uma ou outra procissão. Sem queixumes pela má sorte. A mesma que lhes repete destinos ingratos. Resignação amargurada. Lobrigada nas comissuras de peles rugosas, encarquilhadas e sequiosas, sorvendo um copo de mistura ou um abafado. Os campos continuam a ser arados. As vacas mungidas. Chova ou faça sol. Feriado ou fim de semana. A terra e as vacas são elementos únicos mensuráveis da riqueza. Estes vaqueiros só mourejam. Nada mais sabe esta gente além de procriar, como já escrevi algures. Jamais ouviram falar da semana-inglesa. Quase todos andam nas vacas. Ou as têm ou trabalham-nas para terceiros, 24/7/365 (todo o dia, todos os meses, todo o ano). Chova ou faça sol. De tantas em tantas horas estão a mungir as vacas. A levá-las de um pasto para o outro que todo o inverno a ilha se mantém verde.

Os rendimentos são inferiores aos de Portugal (a que muitos chamam o Continente) mas há mais subsídios para rações, para produção de mais leite e sabe-se lá que mais que os burocratas de Bruxelas inventaram.

Nas zonas rurais os filhos, que ainda vão abundando, usam a escola nos interregnos da labuta nos campos. Se faltam e não fazem os trabalhos de casa é porque foram às vacas. Não é opção, mas obrigação. Solidariedade familiar.

Queiram ou não, cumprem o destino boieiro e a vontade paterna, herdada de séculos, sem sombra de desfortuna. Fatalismo ou destino, nunca se interrogam, apenas o cumprem. Vá-se lá a saber. Os medidores de felicidade são pouco fiáveis.

O açoriano vive do imediatismo. Futuro nunca, mas presente sempre à vista, nada arrisca nem previne. Este açoriano é bem diferente do seu antepassado que no século XIX com menos estudos, sem universidade nem Novas Oportunidades criou a Sociedade da Agricultura Micalense, quiçá o movimento mais importante da história dos Açores.

O comércio da laranja extinguiu-se vitimado por uma doença quando a exportação estava ainda numa fase de ampla expansão, tendo atingido o seu máximo três décadas depois de ter surgido a ideia de criar a tal sociedade. O que esses antepassados anteviram foi que aquela riqueza não seria duradoura devido aos avanços da produção e do transporte na Europa e, em especial na Península Ibérica.

Hoje em dia, as ilhas transformaram-se em vacaria. Não são senão uma imensa leitaria. O quotidiano açoriano, fora das pequenas urbes, é similar à escravatura de antanho. Cuidar de vacas doutrem a troco dum soldo miserável, sem direito a férias, doenças, feriados é servidão. A gleba cumpre horários sagrados sem calendário, religiosamente acatados por homens e mulheres. Apesar de poucas, também por aí andam. Supõe-se que interrompam as lides aquando da gravidez.

Para 2015 antecipa-se o fim das quotas leiteiras, um remate anunciado há muito para essa riqueza artificial. No século XVIII ninguém pudera prever a data exata do fim da exportação das laranjas. Nos últimos anos vem aumentando a produção anual de leite sem que haja do Governo, das autarquias ou das gentes qualquer ação, individual ou coletiva, que comece a prevenir o futuro.

Claro está que os pastos se podem converter em terras de cultivo antes que o Diabo esfregue um olho, mas os trezentos mil ou mais animais não se desvanecem num ápice. Sete anos antes do fim das quotas leiteiras, abordei o Presidente da Junta da Lomba da Maia propondo uma reunião de esclarecimento onde os locais pudessem discutir ideias (se as tivessem) sobre a reconversão que terá de haver. Nem um se mostrou interessado, decerto pensaram que um urbano como eu nada teria para lhes comunicar sobre o ganha-pão deles.

Daqui a pouco não existirão fundos europeus para a excessiva produção de leite que se regista nas ilhas e ficarão sem nada. Depois do fim da gesta heroica e brutal dos baleeiros, que Dias de Melo retratou, aproxima-se o fim da era do leite. Virão dias de fome e de aflição. Nada ou muito pouco foi feito para a reconversão desses milhares de famílias que vivem do “leite” num ciclo vicioso de maiores produções para “sacar” maiores fundos europeus. Quem sabe se não poderiam converter as vacas leiteiras em produtoras de carne da melhor qualidade para exportação? Podiam usar a tecnologia existente e a mão-de-obra local seria sujeita a uma apropriada componente de atualização de formação e desenvolvimento pessoal?

Nos EUA já há quem aproveite o estrume do gado bovino para produzir energia ecológica...será que estes campos podem produzir biodiesel? Por outro lado, como a terra é fértil, quando se acabarem as vacas gordas leiteiras poderiam diversificar e manufaturar queijos, aproveitar os solos úberes para criarem outros produtos agrícolas para mercados de nicho e exportar para o mundo.

Infelizmente, não vi nem ouvi nenhum dos técnicos agrários, vulgo engenheiros, propor ou estudar quais os mercados de nicho que estas férteis terras poderiam fornecer. Falta visão como quando o chá sucedeu às laranjas. Os políticos insulares, como os seus congéneres continentais, vivem nas suas torres de marfim condicionados ao ritmo da reeleição e não deverão ter visão para “imaginar” os Açores daqui a 10, 20 ou 30 anos, tudo é feito pelo imediatismo da próxima contagem de votos, nada se faz nem se percebe que haja quem o queira fazer.

Reservo-me, hoje e sempre, o direito de emitir opiniões e ser controverso quando afirmo que nos meios rurais, os açorianos continuam escravos, tal como os seus antepassados. Mesmo sem o saberem. Há quem alegue que esta escravatura hodierna é bem mais humanizada e de matizes mais esbatidos (decerto nunca foram escravos para o afirmarem...é como o país de brandos costumes).

Seguem destinos tradicionais sem os questionarem. O fatalismo insular pode ser explicado pela brutal aspereza dos elementos: o fogo e as manifestações telúricas. Nesta ilha (ao contrário das restantes oito) as gentes vivem de costas voltadas para a água que os rodeia por todos os lados. Com o credo na boca. A permanente imposição férrea de normas, que aceita sem discutir, como se ainda vivesse sob o medo de uma sociedade feudal, a mesma que persiste nos seus monopólios económicos. Sem se preocupar com a aparência de democracia e igualdade, que a constituição do país consagra no papel. Tal como sucede no ciberespaço, na sociedade do "Second Life", esta democracia é virtual. A fome será menor que dantes. A dependência, dissimulada de vontade própria, perpetua-se igual. Em nome das santas tradições, procissões e festas. Em nome do Divino Espírito Santo e do Santo Cristo.

A energia positiva dos vaqueiros é muitas vezes canalizada para ações relacionadas com o culto cristão eivado de paganismos, como as romarias tradicionais. Existem alternativas, mandar a escavidão às urtigas e viver do rendimento de inserção social. É o sistema da "Faixa de Gaza" da Ribeira Grande lá para os lados de Rabo de Peixe. A maioria das famílias (com excelente taxa de natalidade), jamais empregadas nem empregáveis, vive do rendimento mínimo. Trabalhar é só para os inúteis.

A autonomia, constituída no papel, ciclicamente pedida com salamaleques e, sempre que necessário, contestada pelo governo central, dá a aparência de liberdade ao ciclo secular repetido. Aquando das grandes tragédias, fruto dos elementos telúricos, fogo e água, a revolta popular manifestava-se nos pés dos que se punham a caminho.

A emigração foi sempre a fuga à fome e escavidão. Iam para paraísos terrenos no lado outro do Grande Mar Oceano, lá donde seus parentes tornavam contando maravilhas. Com a pequena exceção do Havai, o Éden açoriano há séculos que se conjuga nas Américas, primeiro na do sul (especialmente Brasil), mais recentemente, na do norte. Ainda hoje.

Já Daniel de Sá escrevera "Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela", Onésimo diria que era a "melhor", mas continuava a haver um ou outro revoltado com a miséria, a falta de futuro, a ausência de presente e o excesso de passado, sempre pronto a meter pés ao caminho. Rumo à verdadeira autonomia do dinheiro. A única que permite sonhar. Não há democracia sem capital. Karl Marx nunca o soube. Só com poder de compra se pode ser livre. Sem posses os pobres não podem almejar a liberdade. A emigração é a face visível da verdadeira emancipação açoriana.

Nos Açores há imensas réplicas da macrocefalia de Lisboa e do Terreiro do Paço. Governam como na monarquia absolutista. Nem os cães ladram quando a caravana passa. Até os cachorros são indolentes. Mimetizam as pessoas, acomodadas e aburguesadas. O insuportável e fedorento colonialismo paternalista de Lisboa manter-se-á até que as turbas saiam à rua. Aí sim, pode haver autonomia. Eu clamava, tal como - em tempos idos - exprimira aos líderes timorenses antes de serem independentes, que competia aos açorianos decidirem e traçarem o seu destino. Assim o escrevia já no início de 2008: Em risco de ser, de novo e involuntariamente controverso, creio haver regionalismos autonómicos, como o dos Açores, que deveriam ser incentivados. O desprezo constante a que votam os ilhéus é quase tão mau como a tentativa forçada de desertificação humana no interior profundo de Portugal. Se ora se fala - pouco e mal - sobre os Açores tal se deve a essa maléfica invenção soporífera chamada telenovela que deu visibilidade ao arquipélago.

Para os continentais, quando se fala dos Açores é quase como discursar de Timor Português quando fui para lá em 1973. Sabiam que eram ilhas e pouco mais. Quase como a anedota da pergunta insólita "a senhora é dos Açores, mas é branca?" Não avisaram que a paisagem é verde, as pessoas não. O orgulho em ser-se açoriano é profundo, arreigado ao húmus, mas difuso. Confunde-se com bairrismos de cada ilha ou insularismos de cada freguesia. É prejudicado pela idiosincrasia micaelense de chamar Açores às outras ilhas. Como se S. Miguel fosse o continente português perpetuando noções de dependências e vassalagens obsoletas. Fruto da herança ancestral, do obscurantismo de 48 invernos salazarentos e 35 primaveras bafientas da 3ª República entorpecente e anestésiante, alegadamente democrática... A história ilustra a luta entre a Ilha Terceira e S. Miguel pela supremacia dos capitães donatários, titulares da efémera nobilitude de "capital do arquipélago". Estes vícios repetem-se hoje. Dado o desdém com que os continentais tratam os autóctones (basta ignorá-los), seria de esperar maior unidade e desejo autonómico. De emancipação. Não independência. Salvo raras exceções, poucos manifestam tais desejos face ao poder central cego e cabeçudo. Parecem satisfeitos com a submissão à macrocefalia de Ponta Delgada, que espelha Lisboa. Em tempos, o açoriano expatriado Manuel Leal escreveu que:

*"A revolução açoriana vem-se mostrando à janela há séculos.
Nunca teve uma face persuasiva.
Não a possui em ideologia, embora exista quem assim apregoa.
Fazem-no nos cafés, numa elite dentro da ilha e sem eco.
A revolução à mesa do café não chega a parte nenhuma".*

Se preferissem a emancipação total poderia ser tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou da Ossétia do Sul. Cristóvão de Aguiar aventava que teriam de ser nove as independências. Talvez quatro bastassem: S. Miguel e a sua colónia de Santa Maria; a Terceira e a colónia da Graciosa; o Faial e a sua colónia do Pico e, por fim as Flores e a sua adjacente Corvo. Podiam ainda considerar as possessões ultramarinas como Toronto, Nova Bedford e outras tantas que por ali havia.

Chegou o tempo de o povo demonstrar capacidade identitária e poder de intervenção perante um país resumido a Lisboa e submisso perante uma Europa dominadora que julga os cidadãos como números, para aumentar ou estabilizar orçamentos.

Cito, uma vez mais e sempre, Martin Luther King "I had a dream". Sem macrocefalias nem subalternidade. Um governo regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrias e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país.

A autonomia vive-se hoje apenas em círculos muito restritos, e em alguns escritores e em "expatriados" em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da "elite esclarecida" (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haveria mesmo elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os

antepassados de 1890. Nos Açores, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que se chamou autonomia.

Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão com esse momento de libertação. Assim inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo os não deixasse para trás na sua voragem.

CRÓNICA 117, PORTUGUESES, 30 JUNHO 2012

Este foi o discurso que nunca cheguei a ouvir, mas imaginei:

Portugueses, portuguesas

É mentira que o Governo esteja a preparar novos impostos, novas subidas de preços e mais cortes nos benefícios de empregados e desempregados, reformados ou no ativo. Nunca foi intenção deste Governo aumentar a pobreza, o desemprego, a fome no país, mas herdámos uma pesada herança do Governo anterior que vai demorar várias gerações a pagar e temos que satisfazer os compromissos assumidos por anteriores governos. Nunca foi nossa intenção dar dinheiro à Banca que causou esta crise, mas somos obrigados por contratos anteriormente firmados e que bloqueiam qualquer hipótese de renegociação, motivo pelo qual fomos cancelando benefícios aos nossos funcionários, que infelizmente terão de suportar as reformas estruturais que pretendemos implementar no país e que resultam obviamente do que foi negociado no passado por anteriores governos e que nos impõe esta necessidade de trazer sanidade às contas públicas.

Teremos assim de vender os anéis para que sobre os dedos e mesmo assim não temos garantia de que isso seja suficiente. Destarte vendemos a energia da EDP, a distribuição da REN, negociamos a venda das águas, da companhia aérea, dos aeroportos e outras infraestruturas, muito mais rentáveis se forem os estrangeiros a geri-las porque francamente o Estado não tem capacidade para gerir tão variados bens.

As portagens introduzidas nalgumas estradas SCUT visam aumentar a utilização pelos turistas que aqui vêm deixar divisas e reduzir o tráfego e viaturas portuguesas, o que permitirá aos turistas andar mais livre e desafogadamente nas nossas estradas a fim de que regressem aos seus países com uma melhor impressão de Portugal. Ao enviarmos os jovens licenciados e desempregados para outros países estamos a exportar os conhecimentos que fizeram dos portugueses um povo de navegantes e descobridores, e estamos convictos de que também eles virão a descobrir novos mundos e formas de vida, permitindo aumentar a importância dos portugueses nessas sociedades de acolhimento e obterem posições de relevo tão importantes para o orgulho nacional. Temos tomado inúmeras medidas como o encerramento de hospitais, maternidades, centros de saúde, tribunais e outros serviços cuja produtividade era baixa e custavam imenso a manter, pois estudos recentes provam que algumas das medidas tomadas pelo Governo antes de 1974 eram bem mais económicas que as atuais e conduziram o país a uma riqueza de que só resta a memória hoje. Estamos convencidos de que com todas estas alterações estruturais estaremos a criar sólidas bases para a riqueza de Portugal.

Pretendemos - em breve - expropriar todos os terrenos agrícolas não cultivados e entregá-los aos estrangeiros para que estes com as suas técnicas mais evoluídas possam ali obter uma produção agrícola que nos permita voltar aos tempos dos celeiros da nação. Sabendo-se como é exígua a oportunidade de emprego nessas terras do interior assim estaremos a contribuir para uma redução do desemprego local.

Além das reduções dos elementos autárquicos base, as freguesias, estamos a criar uma nova dimensão do país que nem havia sido tentada desde Mouzinho e que permitirá reduzir os bairrismos que tanto têm servido para dividir o país em pequenas parcelas em vez de o aglutinar. Estamos cientes de que a situação geral do país irá melhorar com todas estas medidas e em breve nos orgulharemos de ser um país que todos invejam.

Aproveito para lembrar alguns dos meus escritos (entre 2005 e 2008 no anterior Governo socrático), mudou o Governo e o primeiro-ministro, os discursos são mais nacionalistas e acompanhados do hino nacional, mas o país segue na mesma direção do abismo...

.... Começara pelas urgências e por outras coisas com nomes esquisitos SAP, SAPU, VMR, etc. Mas os desígnios eram mesmo os de fechar o interior para ficar como coutada dos ricos que ali poderiam comprar umas casinhas ao desbarato para passarem férias. Foi pena o ministro não ter sido ambicioso, já que era arrogante. Deveria era ter fechado todo o país, não só algumas urgências. Com o país encerrado, era mais fácil governá-lo. Gastava-se menos dinheiro (logo ficava resolvido o problema do défice), os espanhóis vinham e podiam plantar tudo aquilo que os portugueses não plantam (porque não dá, ou porque não vale a pena, dizem eles).

Disponham disto como a sua horta ou quinta, um pouco à moda dos do Faial que faziam do Pico a sua colónia de férias. Só havia um problema nesta solução, como é consabido os portugueses têm uma produtividade elevadíssima quando trabalham no estrangeiro. Ai, sim, era uma chatice, se comessem a trabalhar nas hortas dos espanhóis (que dantes eram dos portugueses) podiam começar a habituar-se a trabalhar e a produzir e ainda tornavam este país rentável...

..., mas não se iludam, não é só cá, é em todo o mundo ocidental...

Desacreditando os professores e a sua profissão, abalando os alicerces do ensino público com normas pouco exequíveis, pouco fiáveis e de resultados estatísticos garantidos, mas sem que isso represente qualquer grau de conhecimentos técnicos, científicos ou académicos, esta reforma do ensino privilegia os títulos obtidos nalgumas escolas privadas.

Exclui-se a Universidade onde o senhor primeiro-ministro obteve um diploma por fax e TPC (trabalhos de casa) pois infelizmente foi obrigada a fechar. As massas continuarão a enviar as suas crianças para a escola sem se aperceberem que os paradigmas do século XX já não vigoram.

Os estudos nada significam. Isto é, não significam nada do que significavam. Afinal isto não é mais do que a aplicação da minha velha máxima pessoal quando afirmava que um dia destes, um décimo segundo ano equivale a uma quarta classe da sua infância e uma licenciatura não é mais que um velho 5º ano do liceu (curso complementar) e assim sucessivamente até ao mestrado que terá o valor dum antigo bacharelato e o doutoramento da velha licenciatura. Ridículo? Ousado? Despropositado? Não? Comparem o conteúdo curricular dos vossos filhos ou netos com o vosso e depois conversa-se.

Agora com a passagem obrigatória de todos os alunos, mais o plano das "Novas Oportunidades" vai Portugal finalmente baixar o coeficiente de iletrados, mas ao contrário do que muitos pensam, não vai deixar de ter iletrados, o que vai deixar é de ter iletrados sem diplomas.

Nada disto é feito à toa, nem apenas é feito por uma questão de birra do senhor primeiro-ministro que parece não nutrir grande afeto pelos que ensinam, fruto duma qualquer frustração infantojvenil que não se pode confirmar.... Já foi feito nos EUA, na Austrália e no Reino Unido, onde há escolas secundárias que custam tanto ou mais que universidades privadas.... Aliás não é só na educação que isto se verifica. Assim aconteceu com a justiça naqueles países e irá acontecer em Portugal.

Na saúde é ainda pior. Veja-se, a título de exemplo, os médicos do "ER" (série televisiva Serviço de Urgência) a atenderem os doentes consoante têm seguro privativo (e conforme a cobertura deste) ou não, logo despachados depois de tratados sumariamente. Assim irá acontecer neste jardim.

Mal um hospital ou uma urgência fecham, logo aparece um grupo privado a querer construir um hospital com urgências médicas. Foi o caso de Mirandela e hoje em Bragança. Também é assaz curioso que apareça o ex-ministro Correia de Campos a liderar esses conglomerados de saúde privados.

Claro que quem vive no Bronx não pode ter a mesma qualidade de vida dos que vivem em Manhattan (não sei se me entendem). Isto é, em termos indianos há uma zona de sudras e vaixias onde poucos se deslocam. Mesmo a polícia tem medo de lá ir, pode ser que a ASAE depois de preparada militarmente nos EUA lá possa entrar. Como que se fossem favelas, ou bairros-de-lata.

As "pessoas de bem" e pilares da sociedade vivem em zonas mais abrangentes em termos de serviços e de oportunidades.

Muita sorte têm estas castas menores por disporem de água potável e eletricidade.

Teremos assim, um país (e o mundo) cada vez mais a duas velocidades, a dos que têm e a dos que não têm. Por isso ninguém se parece preocupar com os desempregados vitalícios que começaram a surgir (no fim da década de 80 na Austrália e agora em Portugal).

Ninguém parece perder o sono ou o apetite (estamos a ficar todos obesos) pelos sem-abrigo que se propagam mais depressa que coelhos nas ruas das nossas cidades, esvaziadas de gente de Humanidade. Autênticos desertos à noite. Isto enquanto o camartelo municipal não chega para demolir as casas que irão ser "gentrificadas" e darem origem a condóminos de luxo a quem as quiser pagar. Assim, os velhos subúrbios da gente do povo e classes menos abastadas passam a ser áreas VIP.

O interior desertificado e abandonado do Portugal pequenino passará a ser uma coutada de férias dos ricos e poderosos.

Mas a grande diferença é que na maior parte dos países ocidentais, ditas democracias, ainda existe um mínimo de pudor, decência, bom senso e dignidade. Os casos de corrupção, nepotismo e outros, que ficam impunes em Portugal, ainda vão sendo punidos nalguns daqueles países. Voltando à emigração, recorde-se a tragédia que era nos anos 60 e 70 do século passado quando as pessoas tinham de fugir "a salto" para tentarem sobreviver à custa do seu trabalho braçal, numa Europa em crescimento que carecia de mão de obra barata e silenciosa. Havia outros que se exilavam para lutarem contra o regime colonial da ditadura (Estado Novo). Os que ora emigram fazem-no apenas porque se vive numa sociedade

consumista cada vez mais exigente. Ninguém está para grandes sacrifícios. Lá fora ganha-se bem mais, para o mesmo trabalho indiferenciado e escravo que faziam aqui. Só não se entende porque é que aqueles açorianos (que regularmente são repatriados dos EUA e Canadá) não emigraram pela via normal e legal. Premeditadamente foram com vistos de turista, que há muito prescreveram, e deixaram-se ficar sempre na miragem duma amnistia. Mas ouvi-los falar de injustiça custa a engolir, tanto mais que criticam a falta de apoio portuguesa. Onde é que eles estiveram nos últimos trinta anos? Não sabem o que é e como funciona o Estado português? O mesmo que agora manda centenas de crianças de Elvas e locais limítrofes nascerem em Badajoz porque não compensa ter abertas maternidades no interior desertificado do país (sem perguntar ao vizinho Estado soberano espanhol se estava pelos ajustes) Já estou a imaginar o problema burocrático daqui a uns anos. Onde nasceu? Em Badajoz, então mostre-me a sua documentação. Tem autorização de residência neste país? Mas eu sou português/a, a minha mãe é que teve de ir ao lado de lá da fronteira para a maternidade. Pois bem se nasceu em Badajoz não pode ser português... Se esse problema demorar tanto a resolver como o de alguns portugueses que por nascerem em Angola ficaram apátridas, bem podem esperar sentados.

EM 31 outubro de 2011: "O jovem desempregado em vez de ficar na "zona de conforto" deve emigrar", disse o secretário de Estado da Juventude e do Desporto.

"Se estamos no desemprego, temos de sair da zona de conforto e ir para além das nossas fronteiras", disse o governante, que falava para uma plateia de representantes da comunidade portuguesa em São Paulo e jovens luso-brasileiros.

Segundo o mesmo responsável, o país não pode olhar a emigração apenas com a visão negativista da "fuga de cérebros". Para Miguel Mestre, "se o jovem optar por permanecer no país que escolheu para emigrar, poderá dignificar o nome de Portugal e levar know-how daquilo que Portugal sabe fazer bem".

Caso a opção seja por, no futuro, voltar a Portugal, esse emigrante "regressará depois de conhecer as boas práticas" do outro país e poderá "replicar o que viu" no sentido de "dinamizar, inovar e empreender".

Com o intuito de capacitar o jovem português e aumentar os laços com outros países, o responsável diz que o Governo português pretende incentivar também os intercâmbios estudantis e os estágios no estrangeiro. A presença do jovem no estrangeiro será um dos temas abordados do Livro Branco da Juventude, que deverá ser lançado a 02 de novembro, disse.

A maior desgraça de uma nação pobre é que em vez de produzir riqueza, produz ricos. (Mia Couto). Aceda ao Artigo completo:

<http://apodrecetuga.blogspot.com/2012/01/emigrar-e-solucao-portugal-nao-gosta-de.html#ixzz1zN7EQpiZ>

ou como se lia <http://www.ribeirinhas.pt/2011/12/23/emigrar-porque-em-portugal-nao-se-preve-grande-futuro/>

O nosso primeiro-ministro (Passos Coelho), que há meia dúzia de meses tinha a solução para todos os nossos problemas, convidou os quinze mil professores que se encontram atualmente desempregados, a emigrar, porque em Portugal não lhes prevê grande futuro. Bem, no que toca a soluções, o homem prometeu e fez!

Querem melhor? Impostor e incompetente não lhe podem chamar.... Muito bem, senhor Passos Coelho. Emigremos! Ou não fossemos nós um povo nómada, acostumado a passar metade da vida de mala na mão, com a alma e o coração dividido entre "lá" e cá. A diferença é que no século passado emigravam os incultos, aqueles a quem a pobreza impossibilitava o acesso a uma licenciatura.

Virado o século, depois de andarem anos a incentivar-nos ao ensino, dos pais se terem sacrificado para formar os filhos, vem o senhor e diz-lhes que façam as malas e que vão para Angola! Solução fácil e conveniente. Vão, mas não cortem os laços! Façam a típica vida de emigrante, trabalhem muito e vivam pouco, juntem muitos dólares e enviem para cá, porque a banca, essa a quem os vossos pais se empenharam para vos dar um curso, que tem dois terços da sociedade escravizada, a trabalhar para eles, agora mais do que nunca precisa das vossas remessas.

Envie para cá muito dinheiro. Construam aqui muitas casas, comprem carros, comecem a pagar impostos, que as nossas finanças precisam urgentemente de receita. É preciso manter a máquina e se a verba vier de fora, sem criar postos de trabalho e investir numa vida digna para os cidadãos, é ouro sobre azul.

Emigrem! Os professores e os médicos e os enfermeiros. Os pequenos empresários, a quem a austeridade lançou para a ruína e para o desemprego. Os da restauração, os do comércio tradicional, aqueles que fecharam portas e não conseguiram colocação nas grandes superfícies. Os agricultores, a quem pagaram para que não amanhassem as terras. Os pescadores, que receberam para não sair pró mar, os operários que perderam o trabalho de toda a vida. Os mecânicos, os trolhas, os eletricitistas...e os seus filhos e netos e as gerações seguintes...

Emigremos todos! Deixemos aqui apenas os "orientados", os "apadrinhados", os lambedores de botas... Vamos lá para fora, fazer pela nossa vida e pela deles. Quanto mais mão de obra exportarem, mais remessas entram e mais fácil será governar o país.

Mais dinheiro a entrar e menos bocas a reclamar, facilita a vida a qualquer político. Ficará tudo mais fácil e mais vantajoso, principalmente para os que cá ficarem. Depois edificam-nos aqui estátuas e dedicam-nos avenidas. Aos emigrantes, esses otários, que desta feita já não viajarão com a cesta de vime e o garrafão, que já não trocarão o V pelo B, mas que logo serão rotulados por outro motivo qualquer.

Vamos, mandemos muito dinheiro para a terra, mas fiquemos por lá! Nada de vir para aqui no fim da vida, a dar despesa ao Estado; a ocupar bancos de jardim, lares de idosos, centros de saúde e parcelas nos cemitérios. Isso é para os que cá ficaram!

Agora espero que entendam por que tenho escrito tão pouco desde o início do ano...se calhar penso em emigrar...nunca o fiz antes malgrado ter vivido em vários países e regiões, em diferentes circunstâncias de Timor a Macau, Austrália, Indonésia (Bali), Brasil e Açores. A vida em Portugal é hoje mais deprimente do que nunca, o futuro é mais miragem hoje do que em 1972 quando me preparava para fazer as malas com algumas hipóteses de vencer na vida, enquanto hoje nem filhos nem netos terão sequer essa miragem se ficarem no país, a menos é claro que sigam a via partidária e cheguem ao Governo... Sendo um otimista nato que sobreviveu a muitas crises e desgraças, encontro-me na posição de nada ter a dizer quanto ao futuro que não seja repetir as palavras do primeiro-ministro: emigrem. Mas para os mais velhos, como eu, na alvorada da Terceira-Idade sem reforma ou com hipóteses de reformas reduzidas para a minha mulher é preocupante saber que poderemos não ter pão para comer nem teto para nos abrigarmos. Busco uma réstia de otimismo e não a encontro no país, e na maior parte do mundo ocidental, empenhados nesta espiral autodestrutiva do lucro, ganância, especulação e dinheiro a todo o custo. Resta saber o que as potências emergentes como a China e Índia irão fazer enquanto o grande império ocidental se desmoronar.

Há muito que escrevi sobre o fim da Europa como a conhecemos, envelhecida, islamizada, tiranizada há uns anos pela germânica Angela Merkel na sua tentativa de construção do 3º Reich enquanto os EUA caminham também a passos largos para a sua irrelevância nas próximas décadas. A escravização dos povos nesta era da NOM (nova ordem mundial) assemelha-se à Revolução Industrial, mas enquanto naquela a riqueza se produzia e era reinvestida agora não é produzida e é meramente utilizada em especulação improdutiva com o intuito de escravizar as vítimas do sistema bancário que todos os governos parecem querer salvar para prevenir a sua pele e o seu dinheiro...

Um círculo vicioso de morte, miséria e que - mais cedo ou mais tarde - irá conduzir a guerras civis, convulsões sociais graves, repressão policial, manipulação e mudanças geopolíticas de vulto. Há quem diga que os dias não correm a favor de nacionalismos independentistas, antes se caminha rumo à aglutinação forçada, mas duvido que assim seja.... Creio mesmo que com esta crise se caminha para uma nova pulverização de velhos ódios tribais europeus e uma balcanização de alguns estados. Um novo tipo de guerra sem se dispararem tiros, os mortos e estropiados são-no pela fome, miséria, sem-abrigo e desemprego, da exploração desenfreada da Banca mundial. Mas mesmo assim ainda não me queixo, com a crise mais gente tem precisado de traduzir documentação para ir para a Austrália. O 17º colóquio na Lagoa em abril foi

um sucesso com 9 escritores açorianos presentes ou representados, acabei a tradução de mais um livro de um autor açoriano, o Governo australiano está a investir fortemente em África e precisa dos meus serviços e a sobrevivência está garantida até ao natal. Tudo isto partindo do princípio que não acredito no fim do mundo preconizado pelo calendário Maia, tal como não acredito nas previsões da ex-professora primária e atual astróloga Maya...nem me deixo afetar pelas rivalidades entre a Lomba e a Maia...e o facto de a minha mulher ter sido professora na Maia (arredores do Porto e nos Açores), a minha mãe foi professora na Maia (Vermoim) e a minha irmã professora foi na Maia ... "Maiais everywhere" como dizia a minha filha Vanessa Ingrid quando era mais pequena e misturava as duas línguas...

MAIA⁴ a zona onde atualmente se encontra o município é povoada há milénios, tendo sido encontrados vestígios que datam do Paleolítico. Em muitos dos montes da região existiram povoados, da Idade do Ferro. Atraídos pela riqueza dos solos e a abundância de recursos, os romanos também deixaram aqui as marcas visíveis da sua ocupação. Em meados do século XIII, o julgado maiato estendia-se desde a cidade do Porto até ao Ave e do mar até às serras.

Em 1304, no entanto, as Terras da Maia foram integradas no termo do Porto, perdendo a autonomia administrativa e política. Em 1360, foram instituídos os primeiros donatários na região e, nesse ano, D. Pedro I doou o senhorio da Azurara, com o julgado da Maia, ao infante D. Dinis, seu filho.

A história deste município está, também, intimamente ligada à fundação da nacionalidade. Alguns autores defendem mesmo que o Príncipe Afonso Henriques terá sido aqui educado, junto à família dos Mendes da Maia, a que pertenciam o arcebispo de Braga, D. Paio Mendes e o famoso guerreiro Gonçalo Mendes da Maia, o "Lidador", assim chamado por ter entrado em constantes lutas destemidas contra os sarracenos. Na época dos Descobrimentos, saíram da Maia, tecidas com as matérias-primas dos linhares locais, grande parte das velas que equiparam as caravelas portuguesas.

No início do século XVI, coube a D. Manuel I conceder o foral, que previa as rendas e os foros a pagar aos donatários dos Reguengos da Maia, bem como a forma de exercer as penas e justiças mais comuns. Entre os anos de 1700 e 1836, o concelho era composto por 44 freguesias e englobava toda a faixa marítima entre o Leça e o Ave. Com as reformas administrativas iniciadas em 1836, transformou-se num município autónomo, mas reduzido em área e em freguesias.

Em 1857, chegou mesmo a ser extinto e foi necessário esperar até 1868 para que fosse restaurado. No século XIX, a Maia foi atravessada, em 1809, pelo exército napoleónico do duque da Dalmácia, o marechal Soult, que de Braga se dirigia para o Porto. Nos anos agitados das lutas liberais foi também, entre 1832 e 1834, palco de lutas sangrentas entre absolutistas e liberais.

Após a proclamação da República, em 1910, a Maia (elevada a vila no ano de 1902) teve por algum tempo, como administrador, o filósofo tribuno Leonardo Coimbra. No dia 23 de agosto de 1986, a Maia foi, finalmente, elevada à categoria de cidade. As freguesias da Maia são as seguintes: Torre do Lidador, um dos edifícios mais altos de Portugal - Avenida Visconde de Barreiros, Águas Santas, Barca, Folgosa, Gemunde, Gondim, Gueifães (íntegra parte de cidade da Maia), Maia (parte da cidade da Maia), Milheirós, Moreira, Nogueira, Pedrouços, Santa Maria de Avioso, São Pedro de Avioso, São Pedro Fins, Silva Escura, Vermoim (parte da cidade da Maia), Vila Nova da Telha. O Aeroporto Internacional Francisco Sá Carneiro fica em Pedras Rubras, na freguesia de Moreira. Cultura: A Maia é considerada como um importante centro cultural na região sendo de realçar variadas atividades ligadas ao teatro, à música, às artes plásticas e às tradições locais como as manifestações etnográficas visíveis nas festas religiosas que se realizam ao longo do ano. Também o Jardim Zoológico, o único do norte devidamente organizado, é ponto de encontro para muitos visitantes. Anualmente, a cidade recebe no Fórum da Maia o Festival Internacional de Teatro Cómico da Maia e a exposição mundial da World Press Photo. Património: Igreja de Águas Santas ou Igreja de Nossa Senhora do Ó - Monumento Nacional do século XII. Possui duas naves com soluções diversas e é tida como uma igreja românica. Mosteiro do Divino Salvador de Moreira - Monumento Nacional, remontando a sua existência a 862. É tido como um templo maneirista. Marco Militário - monumento nacional na freguesia de S. Pedro de Avioso e faz parte de uma série de oito marcos militários pertencentes à Via XVI (Bráçara - Olisipo). Personalidades:

Fernando Campos é um escritor português nascido em Águas Santas, em 1924.

Fernando Teixeira dos Santos, economista e ex-ministro das finanças, nasceu em Moreira em 1951.

Gonçalo Mendes da Maia, o "Lidador", nasceu na Maia em 1079.

Abu-Nazr Lovesendes ou Aboazar Lovesendes (938 -?) Senhor da Maia. Trastamiro Aboazar, filho de Abu-Nazr Lovesendes é tido como o 1º senhor oficial da Maia.

Gonçalo Trastamires, 2º senhor da Maia e um dos conquistadores de Montemor, nasceu no ano 1000 e faleceu nesta localidade em 1 de setembro de 1039.

Frumarico Aboazar, Senhor medieval da Maia.

Mendo Gonçalves da Maia (1020-1065).



CRÓNICA 118 LÁGRIMAS POR TIMOR, ATÉ QUANDO? JULHO 15 2012

118.1. POESIA POR TIMOR

Vou começar com uma curta série de poemas inéditos dedicados a Timor:

547. ELEIÇÕES SEM LIÇÕES EM TIMOR, 8 JULHO 2012

dili 23 setembro 1973
 cheguei hoje a Timor português
 a vinda marcará a minha vida para sempre
 sem o saber nunca mais nada será igual
 o futuro começa hoje e aqui
 entrei no tempo da ditadura
 sairei na democracia adiada

na bagagem guardo sabores,
 imagens e odores
 sonhos de pátria e amores
 divórcios e outras dores
 cheguei sem bandeiras nem causas
 parti rebelde revolucionário
 tinha uma voz e usei-a
 tinha pena e escrevi sem parar
 pari mais livros que filhos
 para bi-beres e mauberes

48 anos de longo inverno da ditadura
 24 de luta independentista
 agora que a Lois vai cheia
 e não se passa na seical
 já maromác se apaziguou
 crescem os lafaek nos areais
 perdida a riqueza do ai-tassi
 gorada a saga do café
 resta o ouro negro
 para encher bolsos corruptos
 sem matar a fome ao timor

perdido nas montanhas
 sem luz, água ou telefone
 repetindo gestos seculares
 mascando sempre mascando
 o placebo de cal e harecan
 mas com direito a voto
 para escolher quem o vai explorar
 sob a capa diáfana da lei e ordem
 do cristianismo animista
 oprimido sim, mas enfim livre.

548. QUERIA SER TOKÉ 11 JULHO 2012

eu queria ser toké e contar o que vi
desde que partiste em 1975
queria saber falar
dar os nomes os locais e os atos
de todas as atrocidades, violência e mortes
que testemunhei mudo na minha parede

eu queria ser toké e escrever tudo
queria contar o que não querem que se saiba
queria contar o que não queriam que se visse
queria contar os gritos que ninguém ouviu

queria ser água e apagar os fogos
que extinguíram a nossa história
como se não fora possível reconstruí-la

queria ser pássaro e levar nas asas
todos os que foram chacinados
violados, torturados e obnubilados
voar com as crianças que morreram de fome
as mulheres tornadas estéreis

tanta coisa que queria dar-te Timor
e não posso senão escrever palavras
lembrar teu passado heroico
sonhar futuros ao teu lado

549. ALUCINAÇÃO NA AREIA BRANCA (TIMOR) 11 JULHO 2012

era maio em 1975
havia luar na areia branca
sem ondas na ressaca
caranguejos azuis na fina areia
baratas voadoras à frente dos faróis
eram pequenos os lafaek e raros
quase se ouviam os corais a falar

ao longe sem luzes em dili
o escuro dos montes

entre nós e o ataúro
deslizavam barcos espíões
antecipavam a komodo
ensaivavam invasões

corri a alertar
ninguém quis ouvir
escrevi e denunciei
chamaram-me alucinado
nunca imaginei o genocídio

550. TIMOR NAS ALTURAS 15 JULHO 2012

queria subir ao tatamailau
pairar sobre as nuvens
das guerras, do ódio, das tribos
falar a língua franca
para todos os timores

queria subir ao matebian
ouvir o choro dos mortos
carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco
consolar as vítimas de liquicá
beber o café de erméra
reconstruir o picadeiro em bobonaro
tomar banho no marobo
ir à missa no suai
buscar as jóias da rainha de covalima
passar a fronteira e voltar
chorar todos os conhecidos e os outros
e quando as lágrimas secassem
regressaria à minha palapa imaginária
à mulher mais que inventada
oferecer-lhe um pente de moedas de prata
percorrer as suas ribeiras e vales
sussurrar por entre as folhas do arvoredó
navegar nos seus beiros
rumar ao ataúro e ao jaco
desfrutar a paz e as belezas ancestrais
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam
os insetos projetados contra as janelas
atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira
todos se lembram menos tu

551. LÁGRIMAS POR TIMOR, ATÉ QUANDO? 16 JULHO 2012

confesso sem vergonha nem temores
hoje os olhos transbordaram
lágrimas em cascata como diques
pior que a lois quando a chove

o coração bateu impiedoso
os olhos turvos a mente clara
as mãos trêmulas de impotência

nas covas e nas valas comuns
muitos se agitaram com a morte gratuita
mais um casal de pais órfão
mais um filho varado às balas
sem razões nem justificações

poucas vozes serenas se ouviram
velhos ódios, vinganças acicatadas
o povo dividido como em 1975

sem alguém capaz de congregar o povo
sem alguém capaz de governar para todos
sem alguém acima de agendas pessoais
sem alguém acima de partidos

temos de ultrapassar agosto 75
udt e fretilin
a invasão indonésia e o genocídio
faça-se ou não justiça
é urgente um passo em frente

é urgente alguém com visão
um sonhador, um utópico
um poeta como Xanana já foi
alguém que ame timor
mais do que ama suas crenças
mais do que ama suas ideias
mais do que ama sua família

talvez mesmo uma mulher
sensível e meiga
olhar almendrado
pele tisonada
capaz de amar
impulsiva para acreditar
liberta de injustiças passadas
solta de ódios, vinganças e outras
capaz de depor as armas
todas
e liderar.

O que a seguir se narra parece mais do domínio do irreal (como aliás é frequente em Timor) e nada faria supor que uma proposta minha de uma governação de unidade nacional para Timor despertasse tanta animosidade entre timorenses, portugueses e outros no ciberespaço. Aqui se dá conta do sucedido, transcrevendo os comentários, mas protegendo a identidade dos que comentaram. Tudo começou em 15 de julho quando noticiei que recomeçara a violência em Timor-Leste.

118.2. INFELIZMENTE RECOMEÇOU A VIOLÊNCIA EM TIMOR... CNRT VAI FORMAR GOVERNO COM PD E FRENTE MUDANÇA

Xanana em vez de fazer um Governo alargado de reconciliação nacional com a Fretilin uniu-se a dois partidos minoritários e o resultado está à vista...
Timor Hau Nian Doben - 15 de julho de 2012

De acordo com o CJITL, o V Governo Constitucional de Timor-Leste será constituído, pelo Congresso Nacional de Reconstrução Timorense (CNRT), Partido Democrático (PD) e pela Frente Mudança. Esta decisão acaba de ser tomada após uma conferência do CNRT realizada hoje no centro de convenções de Díli e que reuniu representantes de treze distritos.

Após tomada a decisão Xanana Gusmão afirmou aos participantes de que, "esta coligação será melhor do que a dos últimos cinco anos" e que ele "exige que este novo Governo sirva melhor o povo e a nação".

O CNRT foi o partido mais votado nas últimas eleições legislativas obtendo 30 assentos parlamentares, seguido pela Fretilin com 25 e do PD e da Frente Mudança, com oito e dois, respetivamente.

Publicada por TIMOR HAU NIAN DOBEN em 17:30

Smh.com.au - Michael Bachelard July 15, 2012

One person is feared dead as violence erupted in East Timor, apparently prompted by political party Fretilin being excluded from a role in the new governing coalition.

Violence was reported in the capital Díli, as well as the outer districts of Viqueque and Baucau. A number of cars were burned and one person died in the conflict in the Díli suburb of Comoro, outside the headquarters of the ruling CNRT party, a source has said.

The fragile democracy had this year managed a presidential election and a run-off election for president, as well as a parliamentary election without significant violence, but the announcement today by prime minister Xanana Gusmão that he would invite two minor parties into a coalition to form government for the next five years appears to have triggered the violence.

Hopes were high among Fretilin supporters that they might also be invited to join a "government of national unity".

But Mr Gusmão dashed those hopes at a special meeting of his national congress for Timorese reconstruction in Comoro, Díli, announcing he would govern with the democratic party and a new breakaway from Fretilin, Frente-Mudanca.

Sources suggested that the violence had been triggered by one of the CNRT delegates at the meeting who strongly criticised the leaders and members of Fretilin, which has spent the past five years in opposition.

A source told Fairfax that houses owned by CNRT figures in some of the outer districts may have been torched, but this is unconfirmed.

East Timor was wracked by violence in 2006 and again in 2007, prompting Australian and united nations forces to move into the country to help keep the peace.

The latest outbreak may jeopardise their plans to leave at the end of this year, once the new government was bedded down.

in last week's election, Mr Gusmão's party increased its vote from 24 per cent in 2007 to 36 per cent. Fretilin received 30 per of the vote and 25 seats, PD (democratic party) - backed by outgoing president José Ramos Horta - gained 10 per cent and eight seats and Frente-Mudanca 3 per cent and two seats.

The CNRT's general secretary said forming a coalition with PD and Frente-Mudanca was in the best interest of stable government.

A Fretilin MP, Estanislau da Silva, said earlier he was not disappointed by yesterday's decision. "we would have liked to contribute," he said. "we have experience. but that is their decision."

The vote and negotiations were seen as a vital test of whether the 1300 un peacekeepers can withdraw from the country. they are expected to leave at the end of the year.

with Mouzinho Lopes and Joyce Morgan. Timor Hau Nian Doben em 22:09

118.3. DÍLI: GNR TEVE DE INTERVIR EM CONFRONTOS ENTRE FAÇÕES POLÍTICAS.



Houve apedrejamentos, cortes de estradas, carros queimados e alguns feridos sem gravidade, por: TVI 24 15- 7- 2012 15: 53

Divergências entre facções políticas timorenses culminaram este domingo em apedrejamentos, cortes de estradas, carros queimados e alguns ferimentos sem gravidade em Díli, Viqueque e Baucau, revelou à Lusa o comandante Barradas do subagrupamento alfa, em Díli. De acordo com a Lusa, os incidentes terão sido suscitados após o anúncio de que a Fretilin não faria parte da coligação governamental que está a ser formada, na sequência das eleições legislativas realizadas a 7 de julho, em que o CNRT, de Xanana Gusmão, venceu, mas sem maioria absoluta. Os incidentes tiveram lugar por volta das 19:00 em Díli (11:00 em Lisboa), obrigando à intervenção das autoridades policiais, com o envolvimento dos militares portugueses da GNR.

Pelas 23:00 em Díli a situação estava «pacificada», mantendo-se o patrulhamento da polícia timorense, apoiada pelos militares portugueses da GNR, adiantou à Lusa o comandante Barradas.

O partido de Xanana Gusmão, que ganhou sem maioria absoluta as legislativas timorenses, decidiu convidar o PD e a Frente Mudança para formar o próximo Governo, rejeitando uma coligação com a Fretilin, segundo fonte oficial.

118.4. Distúrbios resultam de “atitude irresponsável” do CNRT - Mari Alkatiri 16 de julho de 2012, 15:29

Macau, China, 16 jul (Lusa) - os distúrbios em Timor-Leste praticados por alegados membros da Fretilin “não são feitos em nome” do partido, são “consequência de uma atitude irresponsável do CNRT e de alguns dos seus membros”, afirmou hoje à agência Lusa Mari Alkatiri. Segundo o secretário-geral da Fretilin, “os atos criminosos não têm nada a ver com a organização. A qualidade das pessoas é uma coisa, os atos das pessoas são outra coisa”, disse o mesmo responsável, ao salientar que ninguém pratica distúrbios em nome da Fretilin. Num contacto telefónico feito pela Lusa a partir de Macau, Mari Alkatiri, secretário-geral da Fretilin, salientou, contudo, que a reação das pessoas é uma resposta à “atitude irresponsável do partido CNRT e dos seus membros”.

“Utilizaram os canais oficiais para fazerem uma conferência em direto e fazerem quase um julgamento público à Fretilin”, disse Mari Alkatiri, ao sublinhar que publicamente os membros do Conselho Nacional Da Reconstrução Timorense (CNRT) acusam a Fretilin de “não contribuir para a paz e outras coisas”.

“Isto é um ato irresponsável que teve lugar numa conferência do partido” e que depois gerou “reações espontâneas de pessoas e não da organização”, assinalou.

Mari Alkatiri disse também ter já falado com o presidente da República, Taur Matan Ruak, e com um colaborador do primeiro-ministro, Xanana Gusmão, “apelando a que assumam uma postura que acalme as pessoas”.

Com lugar garantido na oposição depois do Conselho Nacional Da Reconstrução Timorense ter decidido convidar o Partido Democrático e a Frente Mudança para formar um Governo maioritário, Mari Alkatiri garante “respeitar totalmente o resultado eleitoral”, mas diz que a oposição do país nunca passou de cosmética. “Eles dizem que querem uma oposição forte, mas é cosmética, porque o Governo nos últimos cinco anos nunca respeitou a oposição”, concluiu. Ara/jcs. Lusa/fim

CHRYS CHRYSTELLO COMENTA:

A realidade timorense é o que nós sabemos que ela é, e a acreditar naqueles que dizem que a não compreendem é perpetuar a cega obediência a cores partidárias, neste caso os que dizem que Xanana é um santo e Mari o diabo, e os outros são anjos bons ou maus conforme os partidos.

O mesmo esquema que vem desde 1975 de divisão do povo entre os que apoiam a, b, c e nenhum que queira congregar todo o povo e governar para ele - povo - e não para os interesses e agendas pessoais de cada um e de cada partido.

Quando como poeta e crente em utopias propugno que se reúna um Governo de unidade nacional para acabar com as divisões que vêm de 1975 dizem que, de facto, não conheço a realidade (artificialmente imposta) timorense. Enquanto não ultrapassarmos o golpe de Estado da UDT, do meu querido e saudoso João Carrascalão, e a brutalidade da Fretilin que se seguiu antes do genocídio indonésio, nada se pode fazer...

Não peço que esqueçam, nem sequer peço já justiça pois ela nunca chegaria a tempo de tantos que morreram em vão, peço apenas que entendam que Timor não é um Estado falhado mas pode não ter o futuro que todos desejam se continuarmos com a mesma matriz tribalista que existe há séculos (ver meu vol. 2 da trilogia de Timor, <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992>). É necessário um passo para a frente e isso está reservado aos que têm visão, aos que sonham e aos que acreditam e não aos que vivem amarrados em injustiças passadas, velhos ódios, vinganças por realizar e outras quejandas...

118.5. OS INFANTILMENTE PREVISÍVEIS ADVERSÁRIOS DE XANANA GUSMÃO, por António Veríssimo segunda-feira, 16 de julho de 2012,

No ponto geográfico onde o sol se põe, naquilo a que chamam ocidente, creio que todos adormecemos julgando que os distúrbios ocorridos ontem em Timor-Leste estavam dominados e que nesta manhã daquele país tudo acordaria com a ressaca de uma tarde-noite violenta, mas em paz.

Assim parece não estar a acontecer.

Poderei afirmar que estou quase virgem sobre as notícias ou e-mails que hoje me põe a par da situação em Díli e noutras localidades onde existiram e existem confrontos violentos.

Bastou-me ler que já se regista um morto para ficar com o dia estragado, com a tristeza e a revolta que muitos de nós, pacifistas e democráticos amantes de Timor-Leste, sempre experimentámos quando a violência estala no país.

Em tempos idos eram a ansiedade e tristeza coladas à impotência que morava connosco até no subconsciente por via das atrocidades das forças ocupantes indonésias.

Agora, e de há tempos a esta parte, talvez a tristeza seja maior porque são timorenses os carrascos dos próprios timorenses.

Para mim e para muitos de nós não importam as suas cores partidárias, importa que não está certo e que por não valorizarem a vida comportam-se como as odiosas forças indonésias ocupantes do país durante mais de duas décadas.

Irmãos contra irmãos por razões nunca suficientemente justificativas para matarem, esfolarem, incendiarem, ferirem, apedrejarem...

Quem se julgam? O que defendem? Quem apoiam? Apoiam o caos, a vossa miséria, e mais nada.

A irracionalidade regressou a Timor-Leste. Atiram-se culpas para este e aquele. Fala-se sobre quem provocou os primeiros “acordes” da violência.

Diz-se que foi o CNRT, que foi Xanana. Mas onde está a novidade?

Todos sabemos que Xanana Gusmão é mestre em fazer o mal e a caramunha.

Em organizar um golpe e convencer de que foram outros que o fizeram, em dividir os timorenses em Lorosae e Loromonu por lhe convir essa divisão e as ações de violência consequentes, em fazer-se vítima de atentados quando estruturou mais uma boa farsa...

E todos caem infantilmente naquilo que Xanana Gusmão semeia: a discórdia seguida de violência, de destruições e mortes.

“Caem sempre na esparrela montada por Xanana” disseram-me ontem de Timor-Leste.

Desculpem, meus caros adeptos da violência: mas vocês são parvos ou o que são?

Depois de quase 10 anos de vivência mais ou menos democrática não há justificação possível para ter reações como as de ontem e de hoje, pelo que mal li e sei.

A violência não serve a ninguém, muito menos à Fretilin.

Não há desculpa para a existência de violência exceto a que seja imprescindível para nossa defesa, para vossa defesa, para a defesa de qualquer pessoa ou organização física e violentamente atacada.

E mesmo assim deve ser aplicada com conta, peso e medida.

Preferencialmente com todo o respeito que devemos ao direito à vida animal e humana.

A violência prossegue em Timor-Leste.

É o que vi de relance.

É o que a seguir terei por destino inteirar-me...

Basta! Não façam o jogo desse homem malvado e de seus associados, que não olham a meios para atingirem os seus objetivos.

Exatamente por fazerem o jogo deles é que Gusmão e os seus andam gordos e anafados e quase todos os outros com fome e a sobreviverem à míngua.

Deixem de ser tão infantis, tão primários, tão previsíveis aos olhos dos vossos adversários e inimigos. Respondam-lhe adequadamente no quadro institucional e democrático.

Basta!

Este é um “déjà-vu” estéril e cansativo.

118.6. EMBAIXADOR DE PORTUGAL RENOVA CONSELHO PARA SE EVITAREM "DESLOCAÇÕES DESNECESSÁRIAS" À NOITE 16 de julho de 2012, 20:08

Díli, 15 jul (Lusa) - o embaixador de Portugal em Timor-Leste, Luís Barreira De Sousa, renovou hoje o conselho aos portugueses em Díli para que "evitem deslocações desnecessárias", após distúrbios na noite de domingo de que resultou um morto e vários feridos.

Numa mensagem escrita enviada por telemóvel ao final da tarde de hoje em Díli (manhã em Lisboa), o embaixador adianta que "os incidentes diminuam", mas acrescenta que "esta noite os que vivem em Díli deverão ainda evitar deslocações desnecessárias".

Esta é a segunda mensagem enviada pelo embaixador Luís Barreira De Sousa à comunidade portuguesa de Díli e surge na sequência de distúrbios que provocaram a destruição de 58 carros e ferimentos de "três ou quatro" pessoas, uma das quais acabaria por morrer no hospital.

Os distúrbios ocorreram depois de o partido de Xanana Gusmão, que ganhou sem maioria absoluta as eleições legislativas de 07 de julho, ter convidado os dois partidos que elegeram menos deputados para formar Governo, rejeitando uma coligação com a Fretilin, o segundo partido mais votado pelos timorenses.

Os incidentes ocorreram cerca das 19:00 de domingo em Díli (11:00 em Lisboa), obrigando à intervenção das autoridades policiais.

Pelas 23:00 (15:00 em Lisboa), a situação estava "pacificada", mantendo-se o patrulhamento da polícia timorense, apoiada pelos militares portugueses da GNR. Lusa / fim

118.7. TIMOR-LESTE: POLÍCIA DETEVE CINCO PESSOAS DESDE O FINAL DA TARDE DE DOMINGO

jcs - Lusa

Macau, China, 16 jul (Lusa) - a polícia nacional de Timor-Leste deteve, desde o final da tarde de domingo, cinco pessoas alegadamente envolvidas em ações de desestabilização social no país, disse à agência Lusa o comandante da polícia, Longinhos Monteiro.

Num contacto telefónico feito a partir de Macau, Longinhos Monteiro explicou que na noite de domingo foram detidas duas pessoas e que já hoje de manhã outros três indivíduos que estarão envolvidos nos distúrbios que começaram após o conselho nacional da reconstrução de Timor-Leste (CNRT), o partido de Xanana Gusmão, que ganhou sem maioria absoluta as legislativas timorenses, ter anunciado ter convidado o PD e a Frente Mudança para formar o próximo Governo, rejeitando uma coligação com a Fretilin.



Longinhos Monteiro disse também que os distúrbios, que classificou como "atos criminais" estão a ser perpetrados por "militantes ou apoiantes da Fretilin" que demonstram a sua "insatisfação com violência e anarquismo".

Mas, sublinhou, a polícia está no terreno para manter a tranquilidade e a ordem pública, e "nenhum país democrático aceita a violência e o anarquismo como parte do jogo político".

Desde o final da tarde de domingo, Longinhos Monteiro identificou também 63 viaturas do Governo destruídas ou com danos, "entre os quais cinco carros da polícia", e cinco polícias feridos nos confrontos.

Apesar de sublinhar "ser seguro" andar nas ruas da capital, onde a polícia está pronta a intervir em qualquer cenário, Longinhos Monteiro apelou à população para se manter em casa dado que os distúrbios são provocados por pessoas que atacam tudo o que não seja do partido (Fretilin).

"Para eles o alvo é tudo o que não é do partido", disse. Publicada por página global em 13:19

4 comentários:

Anónimo disse... 16 julho de 2012 15:25

Quanto à violência em Díli, um responsável e credível membro do CNRT, Dionísio Babo, afirma: «Um grupo de jovens estiveram nas ruas a apedrejar carros e, segundo a informação da polícia, houve 58 carros que foram destruídos e três ou quatro pessoas que foram hospitalizadas, mas a situação em geral está calma...esse grupo de jovens saiu para a rua e começou a fazer distúrbios», afirmou. Quanto ao mesmo assunto o irresponsável, tendencioso, ex-PGR e agora, convenientemente diretor nacional da PNTL, disse também que os distúrbios, que classificou como "atos criminais" estão a ser perpetrados por "militantes ou apoiantes da Fretilin" que demonstram a sua "insatisfação com violência e anarquismo". O Sr. Longinhos Monteiro como ex-PGR tem a obrigação de saber e sabe, que a sua função atual é manutenção da ordem pública, pois os julgamentos e acusações são, ou melhor eram as suas anteriores competências. Como sabe das suas atribuições e competências a única conclusão que se pode tirar é a de que o Sr. Diretor da PNTL está a ser tendencioso e em vez de manter a ordem pública está a provocar a desordem pública nacional, a atizar os "ódios" e destruição do país. Enfim a história repete-se com as "mesmas estórias e os mesmos atores e autores" ... De uma vez por todos cumpra os seus deveres ou pelo menos seja honesto e mantenha a "ordem..." Ou demita-se.

anónimo disse... 16 de julho de 2012 16:01

Temos de ser claros para o mundo: tudo o que está a acontecer em díli, capital de Timor-Leste, e culpa do CNRT de Xanana Gusmão. É culpa do Xanana, atual PM de Timor-Leste! Como é que num país que se diz democrático, um partido político paga para ter tempo de antena durante quase todo o dia, para que os seus militantes possam atacar o maior partido da oposição, Fretilin, insultando os seus militantes e simpatizantes e, ferindo a sua dignidade!? Isso é logicamente uma clara provocação. ... Mesmo que haja só uma vida que se perde em Timor, ela é demasiado preciosa, e não depende da vontade de Xanana Gusmão ou do seu comandante geral da polícia nacional, Longinhos Monteiro! 16 de julho de 2012 16:01

Anónimo disse... 16 de julho de 2012 16:07

Apoio! A vida é um dom de deus e não esta nas mãos de Xanana ou do longinhos disporem das vidas dos timorenses. Pertence a deus dispor das nossas vidas! Hoje em Timor a vida dos nossos cidadãos já não tem preço, e valor!

Cada morte e mais um número para as estatísticas da ministra Emília Pires. E o Xanana devia ter vergonha, pois já não consegue ser o unificador das vontades e o aglutinador das aspirações do povo de Timor-Leste. Ao seu redor abundam os corruptos, os pró-indonésios e os oportunistas. Timorenses, chegou a hora de limparmos Timor da gente desta laia! Viva a revolução! Abaixo Xanana Gusmão!

anónimo disse... 16 de julho de 2012 16:16

O problema é que a Fretilin não consegue sobreviver sem cargos públicos. Xanana acerta em não convidar a Fretilin que já deu provas que não tem cultura democrática nem temperamento para ser oposição consequente. Cadeia para esses baderneiros!!

Enquanto isto acontecia nalguns grupos do Facebook os ânimos exaltavam-se...

Egdo - É de lamentar. Sunday July 15 - JULY 15 at 13:42 ·

Ac - Não eclodiu em Timor! Em algumas zonas, sim. E espero que rapidamente tudo volte ao normal! Sunday July 15 - at 13:43 ·

Cezb - Governo alargado? Com o rival que perdeu? Ficou em 2º lugar? Quem tem que decidir é a CNRT e mais ninguém! Não misturem alhos com bugalhos! Estamos numa Democracia! Não ao fanatismo radical! Sunday July 15 - at 13:59 ·

Jmlp - Infelizmente isto aconteceu, mas, a mim, não me espanta. Estes senhores da Fretilin têm um longo historial de violência que já remonta a 1975. Eu tenho vindo a focar as atrocidades por eles cometidas que incluem a chacina de grandes timorenses e outras pessoas gradas, só porque tinham opinião diferente à da sua ideologia. Há 37 anos estes factos, embora, não se aceitassem, podia dizer-se que ninguém sabia o que era democracia, enfim, podia arranjar-se as desculpas que se entendesse. Mas, agora já não há desculpas. O PSD não fez coligação com o CDS? Será que as coligações não poderão democraticamente ser escolhidas? Ou será que o forte da Fretilin é oposição à catanada ou bombardear zonas neutras, como a ponte de cais em agosto de 75 com o custo de vidas inocentes? Eu sei que muitos de vocês que irão ler estas minhas palavras que me saem do coração (timorenses, portugueses e não só) não concordam com o que digo e eu aceito. De certeza que não me vão chamar nomes ou atirar tiros, como fizeram ao meu carro em agosto de 75, mas, desculpem, eu tenho uma memória ainda viva e razoável e de vez em quando lá vêm à tona algumas destas peripécias. Perdoem os que não gostarem. Não leiam, mas não desdenhem da Democracia. Sunday July 15 - at 14:10 ·

Ac - em 2007 quem ganhou foi a Fretilin e não foi para o Governo, lembras-te? Pela interpretação do artigo 106º da nossa Constituição formou-se um Governo de coligação. Ou seja, nem sempre quem ganha, manda! Foi uma coligação ou aliança pós-eleitoral. Sunday July 15 - at 14:28 ·

Chrys Chrystello - obrigado, lá está o que se discutia há horas nesta ou noutra lista sobre a história de Timor e a necessidade de ela ser ensinada urgentemente...Sunday July 15 - at 14:41 ·

Aa - Xanana tinha de formar um Governo maioritário. A Fretilin desde cedo que se pôs de parte nessa hipótese. Restava aliar-se a partidos mais pequenos. Tudo normal. A violência e o mau perder é que não estavam nos planos. Sunday July 15 - at 15:11 ·

Chrys Chrystello - o que era preciso era consolidar a paz...agora que a ONU sai...basta de violência! Sunday July 15 - at 15:15 ·

Af - É como se há 1 ano o PS quisesse, à força, entrar no Governo do PSD... Agora, como há 38 anos, a rapaziada da Fretilin não sabe o que é "democracia". E isso entristece-me. Conheci-os todos. Em 1974, assisti à mudança da ASDT para Fretilin, tenho o livrinho decalcado do manual do PAIGC, ouvi programas de rádio em que se apelava aos militares para que tomassem conta dos quartéis e paióis, estranhei a não-ida à Cimeira de Macau (o único elemento lúcido não estava em Timor), e já em Lisboa revoltei-me quando soube do assassinato do meu amigo Aquiles Soares, que em matéria de patriotismo nenhum lhe chegava aos calcanhares. Depois houve Aileu, e sabe-se lá mais o quê. Parece que o paradigma não mudou. Os novos são iguais.... É a sombra que mancha a imagem que eu tenho e quero conservar, de Timor e do seu povo. Só não conheci Xanana. Mas sei quem é. Força, Xanana, CNRT mak manaan! Sunday July 15 - at 16:40 ·

Hb - Dado o potencial de violência cabe à Fretilin o bom senso de apelar à calma. Ainda são as dores de um jovem país. Sunday July 15 - at 16:52

Db - Que se saiba foi o CNRT que ganhou as eleições e muito justamente foi convidado a formar Governo. Aliou-se a quem achava que lhe dava condições para governar (PD e Frente Mudança). Não acatar esta decisão é falta de humildade democrática em aceitar os resultados eleitorais onde o povo escolheu de forma soberana os seus representantes. Sunday July 15 - at 17:18 ·

Mefm - 1975 Timorenses e Portugueses! É verdade e lamento (por Timor e pelos Timorenses, o que está acontecendo). A violência dá cabo de um País! É pena que não o entendam. Um Timor tão bonito, de gentes empreendedoras, capazes e lindas. Que mais esta ferida seja sanada! Que a Paz volte para todos e que Timor possa caminhar em Democracia, rumo ao Progresso e Desenvolvimento. Sunday July 15 - at 17:23 ·

Rmb - estava em Timor em 11 de agosto de 1975? Se sim acho que você viu tudo só com uma vista! Foi aqui que começou a violência e de que maneira! Estava lá, peguei em armas e fiz parte daquilo que a sua outra vista não vê ou não quer ver! Infelizmente aquilo que nós queríamos fazer não bateu certo! Hoje lamento tudo o sucedido, mas também acho que a culpa é de todos nós Timorenses! Sunday July 15 - at 20:44 ·

Aa - reconheço que não tinha lido estas últimas notícias da Fretilin. Mas eu baseei-me nas declarações anteriores aos resultados eleitorais, em que diziam que se vencessem não fariam alianças para o Governo. Depois da derrota, então sim pareciam interessados em participar no Governo, o que seria bom. Mas as divergências políticas são muitas para isso ser possível. Sunday July 15 - at 21:29 ·

Jfgt - O meu comentário referia: De acordo com o Repórter da RTP em Díli a "agitação" começou depois de apedrejarem a Sede do Comité Central da Fretilin... (e que não venham dizer que são simpatizantes desse partido...como já alguém aqui me tentou fazer crer há uns tempos atrás) ...Sunday July 15 - at 22:53 ·

Jfgt - Já agora informo que logo que vi estas notícias peguei no telefone e falei para Díli, uma das informações que me deram é que o Congresso do CNRT realizado neste fim de semana foi transmitido pela televisão... e que o mesmo congresso foi um "enxovalhar" da Fretilin... Uma autêntica "caça às bruxas" ... E mais comentários não faço...que cada um tire as suas conclusões! Sunday July 15 - at 22:57 ·

Jmlp - Amigo, o que eu escrevi foi o que eu vi e vivi, com os dois olhos que, graças a Deus ainda preservo. Queres-me dizer que as chacinas e o ódio não existiram em 1975? Terei que repetir os nomes dos mártires que pereceram às mãos da Fretilin? Quero-te recordar que o José Alexandre Gusmão, hoje conhecido por Xanana, era Fretilin, bem como o Ramos Horta. Mas adiante. Também dizes que não foi verdade os bombardeamentos à Ponte Cais, considerada pelos beligerantes, como zona neutra? Eu estava lá nessa altura e também a 11 de agosto. Mais detalhes desses bombardeamentos. Um dos rockets destruiu um helicóptero da força aérea portuguesa estacionado do lado esquerdo a seguir aos armazéns e matou pelo menos uma criança. Vi uma mãe de volta dessa menina, fechar-lhe os olhos e virou-se para mim e disse "coitadinha, ainda estava viva e dei-lhe a extrema-unção." Tu não viste, mas o meu Datsun 100A, que deixei à entrada do cais tinha vários buracos de balas na embaladeira. Teriam sido dirigidos a quem? -Volto a dizer-te que tudo isto foi visto e presenciado com os meus 2 olhos. De politiquices e bastidores nunca percebi nem muito nem pouco e continuo a não perceber. Não tenho formação política, mas tenho o dom de poder dar uma opinião e espero que percebas que tento ser coerente com as minhas opiniões. Compreendes o que quero dizer, ou terei que explicar não sou um vira casacas. Independentemente do que pudesse ser melhor ou pior para Timor e é isto, R o que está em causa, o partido vencedor, uma vez convidado para formar Governo tem todo o direito DEMOCRÁTICO de escolher os seus parceiros de coligação com os quais terão que ter uma maior afinidade. E, quanto a isto "potatos". Viva a Democracia, viva a Liberdade, fora com os opressores, viva meu amado Timor que parece ter nascido para não ser feliz, apesar da sua beleza. Sunday July 15 -

Rmb - acho que não escrevi o que você detalha! O que simplesmente queria dizer foi que a violência a que você se refere começou no dia 11 de agosto de 1975 com o golpe da UDT de que eu fazia parte.

Está claro que você não viu o que eu vi ou não quis ver. Lamento as mortes desnecessárias de ambas as partes, mas temos de ter coragem de aceitar que todos nós fomos culpados! E isto não quer dizer que mudei de casaca ou de clube de futebol. Depois de 37 anos na Austrália aprendi muito! Hoje não voto (em eleições) em caras de quem lidera os partidos políticos porque joguei basquetebol ou bebi umas cervejas com os seus líderes! Voto sim em Partidos que apresentam os melhores programas de governação para o País! Acho piada quando se refere ao partido vencedor! Em 2007 quem foi o vencedor? Foi convidado a formar Governo? Está claro que não! Você opôs-se? Está claro que não! Yesterday at 01:33 ·

Cezb - Sr.! Gostei do seu depoimento! Só eu é que sei da morte do Aquiles, de Aileu, Maubisse e Same! Fui eu quem passou as passas do Algarve desde 75 até fins de 77 no mato e depois em Díli até julho de 1983! Você sabe quem ficou com o Datsun 100 A? Olhe segundo me contaram ficou com o seu compatriota Mau Lelo! Este fantoche na prisão do QG insultou e cuspiu para a cara do Maggiolo Gouveia à minha frente. Tem agora um lugar no Jardim dos Pés Juntos em Santa Cruz. RIP. Abraços a todos vós! Viva Xanana! Viva CNRT e viva Timor-Leste! July 16 at 06:19

Af - grato por recordarem o Maj. Maggiolo Gouveia, que eu tive o prazer de conhecer, bem como a família. Um 'gentleman', um homem coerente. Teve a sorte do Aquiles..July 16 at 11:04 ·

Chrys Chrystello - Acabo de escrever isto quando falo sobre um Governo de reconciliação nacional alargado aos principais partidos. Pretendo com isso a paz presente e futura e a defesa dos interesses da nação timorense e não nos interesses dos partidos, como sempre quem se lixa é o povo. Por continuarmos com estas clivagens é que ainda não há o progresso e desenvolvimento que deveria haver em Timor.... Há pessoas que continuam agarradas aos vícios de 1975...esperemos que novas gerações ultrapassem isso.

He - De facto, é lamentável não se perceber o que é a realidade timorense. Yesterday at 11:20 ·

Chrys Chrystello - A realidade timorense é o que nós sabemos que ela é e a acreditar naqueles que dizem que a não compreendo é perpetuar a cegueira obediência a cores partidárias, neste caso os que dizem que Xanana é um santo e Mari o diabo, e os outros são anjos bons ou maus conforme os partidos. O mesmo esquema que vem desde 1975 de divisão do povo entre os que apoiam a, b, c e nenhum que queira congregar todo o povo e governar para ele - povo - e não para os interesses e agendas pessoais de cada um e de cada partido. Quando como poeta e crente em utopias propugno que se reúna um Governo de unidade nacional para acabar com as divisões que vêm de 1975 dizem que de facto não conheço a realidade (artificialmente imposta) timorense. Enquanto não ultrapassarmos o golpe de Estado da UDT do meu querido e saudoso João Carrascalão, e a brutalidade da Fretilin que se seguiu antes do genocídio indonésio, nada se pode fazer... Não peço que esqueçam, nem sequer peço já justiça, pois ela nunca chegaria a tempo de tantos que morreram em vão, peço apenas que entendam que Timor não é um Estado falhado, mas pode não ter o futuro que todos desejam se continuarmos com a mesma matriz tribalista (ver meu vol. 2 da trilogia da história de Timor) que existe há séculos. É necessário um passo para a frente e isso está reservado aos que têm visão, aos que sonham e aos que acreditam e não aos que vivem amarrados em injustiças passadas, velhos ódios, vinganças por realizar e outras quejandas...A realidade timorense a que se refere é qual? A de hoje, a de 1975, a de 1999, a de 2002? É que a realidade timorense muda e vai continuar a mudar...Grato pelo tempo que vos tirei. July 16

e - Quanto à realidade timorense, é a de todos os tempos, ou melhor, a de hoje, com toda a história que lhe está adjacente...July 16

Chrys Chrystello - não tomo partido por pessoas ou partidos...ou ideologias...o povo timorense tem direito de fazer o que bem entende...July 16

Jmlp - A política de Timor pode-se dizer, é de todo incendiária, a julgar pelas opiniões das pessoas e pela forma como cada um defende as suas ideias. Eu não me julgo um defensor do que quer que seja, por várias razões, sendo a mais evidente a minha falta de conhecimentos e formação política e o meu fraco curriculum académico. Tenho isso sim, uma vasta experiência de vida acumulada através dos meus já longos 67 anos nos quais se encaixam um mínimo de inteligência, contudo suficiente para poder distinguir o branco do preto ou o verde do amarelo ou ainda a luz do dia da penumbra da noite. Quero aqui afirmar que fui simpatizante da UDT e que continuo a acreditar nas razões que levaram ao golpe de 11 de agosto e nos princípios que protagonizaram essa ação em relação aos seus motivos e ideais... As minhas desculpas por qualquer apreciação menos correta que tenha feito em relação ao teu último comentário. Sou defensor da união entre todos os timorenses e que se deverá procurar e encontrar uma plataforma que abranja ricos e pobres de modo a que todos possam nivelar as suas vidas de uma forma digna e justa, dentro do espírito da Carta das Nações Unidas. Por outro lado, amigo R, sei também que alguns seguidores da UDT não se comportaram dentro do espírito defendido pela maioria dos seus líderes e assisti até a algumas brutalidades cometidas por apoiantes da UDT, nomeadamente em relação a Fretilins detidos na PM ao ponto de precisarem de proteção para se deslocarem aos sanitários. July 16

jmlp - Em conflitos de guerra há sempre a tendência para extremismos, uns mais do que outros, mas a Lei também se aplica a esses excessos através de inquirições com o intuito de julgar e condenar os prevaricadores que não deverão de forma alguma ficar impunes. Foram demasiados os crimes de guerra

cometidos e não é por ódio ou por raiva que se devem condenar os culposos, mesmo que isso seja um processo muito longo. Deve-se fazê-lo em nome da coerência e da justiça. Os mártires de Timor têm o direito de repousar em paz e, enquanto os facínoras continuarem a, injustamente, respirar o ar puro e a usufruir da liberdade própria dos justos nunca poderão ter sossego nem as suas famílias que ainda hoje choram e penam pela perda injusta dos seus entes queridos levados precocemente. Apelo a todos os timorenses, simpatizantes e amigos de Timor que aceitem a democracia e que unam as suas vozes apelando à Paz naquele País e que dirijam as suas críticas de uma forma construtiva, sustentando sempre as suas ideias de modo a poderem tornar-se uma mais-valia. Chega de guerras. Chega de ódios. Deixem-se de invejas e esqueçam o seu ego, se é que realmente amam Timor da mesma maneira que eu, que orgulhosamente tenho 4 frutos valiosos dessa terra maravilhosa e que, infelizmente continua a ser injustiçada pela maldade dos homens. July 16

Chrys Chrystello - curioso como propugno a unidade de todos os timorenses e sou atacado com ferocidade que me faz lembrar o sangrento 1975...parece um clubismo pior do que o futebol..., mas as minhas ideias utópicas ou poéticas continuam a ser as mesmas.... Eu amo Timor e todos os timorenses e sou acusado de não acatar os resultados eleitorais, e quando interrogo se esses valores eleitorais não eram os mesmos em 2007...dizem que agora quem manda são os que ganharam... Afinal quem ama Timor e os timorenses e quer a unidade deles? Quaisquer que sejam as suas ideias...ou há quem entenda que vale tudo para o partido que ganha e que isso é mais importante do que a unidade nacional? E a ameaça da Austrália sempre presente (goste-se ou não dele e do seu partido Mari fazia frente aos interesses da Austrália e tentou obter maior compensação dos direitos do petróleo) e os outros interesses regionais que ameaçam a frágil democracia que tem sobrevivido com tropas estrangeiras? Haja paz e unidade que é a única via para o futuro July 16

Db - E porque é que o CNRT não havia de coligar-se com quem queria se passava a ter maioria (30 +2+8=40) contra os 25 da Fretilin? Qual é a injustiça de tal ato? Onde é que foi desvirtuada a democracia? Onde não foi respeitado o direito constitucional? O que parece é haver défice democrático em algumas mentalidades que ainda não aceitaram a ideia que em Democracia se ganha e se perde. O Povo é quem mais ordena e o povo manifestou-se em eleições livres pela vitória do CNRT. Tão simples quanto isto... 15 hours ago ·

Chrys Chrystello - mas ninguém pôs isso em causa...até podem governar só ou com um outro parceiro...deviam era não acicatar mais as animosidades já existentes entre os dois grupos que polarizam a sociedade timorense. Ou eu me engano ou continuará infelizmente a haver incidentes - destes e doutros - como com a polícia e o Reinaldo em 2006.... Ainda ninguém cuidou de tratar as feridas, só puseram Band Aid...e a ferida pode gangrenar...e nessa altura já não há tropas da ONU ou vão chamar o polícia australiano outra vez?

db - Mas parece-me que aqui os desacatos não começaram do lado de quem ganhou as eleições...antes pelo contrário!

Chrys Chrystello - lá voltamos ao mesmo, um acicata e o outro responde resultado mais violência e mais um morto em vão...Desejo paz para os timorenses...não quero ter razão nem vencer, democraticamente ou não, quero é paz para todos, será muito difícil entender o que pretendo? Fiquem todos com a razão...eu quero ficar em paz com todos os timorenses e os que não querem a paz e causarem desacatos deixem a lei funcionar... termino aqui este assunto que não leva a lado nenhum. 15 hours ago ·

aj - Boas tardes ou boas noites sobretudo para Timor-Leste que bem precisa! Entrei há pouco neste grupo porque ao lê-lo fiquei também com vontade de escrever umas palavrinhas tal era o que se me proporcionava na leitura. Por isso, pedi a uma pessoa amiga, pela qual tenho o maior respeito, para me adicionar. E no mesmo calce, digo já, não sou dos que mudam de "casaca", portanto e assumidamente se pudesse votar teria votado no CNRT de Xanana Gusmão enquanto Mari Alkatiri estiver à frente da Fretilin, ponto. Isto é a minha posição, valerá tanto como outra qualquer diferente.

O Sr. Chrys Chrystello diz no post: "Xanana em vez de fazer um Governo alargado de reconciliação nacional com a Fretilin uniu-se a dois partidos minoritários e o resultado está à vista..." É um facto, aliou-se ao PD e à FM e o resultado está à vista. À vista, como sempre estive à vista as ameaças de Mari Alkatiri quando dizia (parece que continua a dizer e pelos vistos até acontece): "só a Fretilin pode criar estabilidade e instabilidade em Timor" ...

Ficou-lhe muito mal isto e pelos vistos deveria assumir as respetivas responsabilidades embora já tenha dito que a violência, esta de ontem, eventualmente exercida por elementos da Fretilin, seja da responsabilidade desses elementos e não da estrutura Fretilin.

Lindo! É bonito. Talvez assim já seja aceitável a violência. Por acaso, considero que quem se deve reconciliar com os partidos e com Xanana é a Fretilin, não o inverso por motivos óbvios, sobretudo por motivos históricos. Quem se tem de reconciliar com o Povo timorense é Mari Alkatiri. Apenas concluo que é preciso saber perder ganhando ou perdendo mesmo, coisa difícil para aqueles lados visto que a "escola" não é seguramente uma "escola" de Paz! As palavras e posicionamentos pré-eleições, das Flores, Da Paz, da Harmonia...eram afinal coisas afirmadas da boca para fora...repito aqui, para inglês ver.

É bom que se lembre que nas primeiras eleições legislativas para o Parlamento Nacional em 2007, o resultado que dali saiu foi a formação do IV Governo Constitucional da República Democrática de Timor-Leste.

Ao contrário do que foi amplamente assumido pela Fretilin, na altura e durante todo este mandato da AMP, nunca esse partido assumiu como "constitucional" quem a tal, democraticamente, foi chamado a governar. Fizeram disso bandeira e inicialmente recusaram-se a assumir os lugares que lhe competiam, de Deputados ao Parlamento Nacional.

Como se percebia que o Parlamento Nacional continuaria a funcionar apesar da aberração, reviram essa posição. Nada de ilegal existia, apenas a teimosia da Fretilin em ter achado que...devia ser chamada a governar. Repete-se a história, não há paciência. Sem ter conseguido uma maioria estável para o PN devia ser chamada a governar? Só se fosse mesmo para o Orçamento Geral do Estado não ser aprovado com as implicações posteriores - eleições passados 6 meses, obviamente! Logo, de estável, nada teria.

Não se pode esquecer os anos em que a Fretilin decidiu sozinha governar e tudo o que durante esse tempo se passou. Mas isso fica para outra achega. Para não se falar que a Fretilin foi Governo, sozinha, sem ter sido sufragada especificamente para esse efeito. De uma Assembleia Constituinte passou para Parlamento Nacional e ponto, siga a marinha.

Portanto, na verdade a Fretilin nunca conseguiu agremiar consensos para levar a bom porto a sua hipotética governação. Esta é uma realidade! O "facto" de não terem querido saber ler a própria Constituição, "feita" pelos Srs. Doutores, é de bradar aos céus! Nela está plasmada a possibilidade de formação de governos maioritários mesmo que o partido mais votado esteja próximo da casa dos 49%...e a Fretilin nem perto esteve para poder ter peso na decisão do Presidente da República (Ramos Horta) para chamar quem tivesse de chamar. Basta para isso que não consiga que outros partidos se aliem para atingirem a maioria absoluta de lugares no Parlamento Nacional (artigo 106º da Constituição).

Ora foi exatamente isso que aconteceu à Fretilin em 2007 e agora em 2012. Se há que culpar alguém talvez seja de começar pela própria estratégia da Fretilin que afinal não conseguiu fazer crescer o seu eleitorado a ponto de se encontrar em situação confortável ou que outros partidos a ela se aliassem para conseguir maioria absoluta para governar.

Parece-me demasiado claro para não se perceber. O PD não quis aliar-se à Fretilin, ponto. A FM não quis aliar-se à Fretilin, ponto. O CNRT não quis aliar-se à Fretilin, ponto. Isto é uma maioria absoluta que a Fretilin, uma vez mais, não quer respeitar? Que chatice. Então, mas agora ficam chateados pela sua própria incapacidade? Não se entende ou melhor, como é que se entende que o denominador comum permaneça sem tirar ilações? Atirando a bola para os outros, como muito bem sabe fazer, Mari Alkatiri ainda não percebeu (?) que enquanto estiver à frente do destino da Fretilin, o destino mais provável será o contínuo definhamento do "partido histórico".

A verdade é pura e dura, a realidade confirma-o. Basta fazer contas! No telejornal da RTP 1 das 13h00 (TMG) de ontem, ou me baralhei todo ou ouvi dizer pelo "fantástico" jornalista, primeiro que os distúrbios tinham origem nos do CNRT...para depois, mais tarde, na mesma peça, ouvi-lo dizer que poderiam ser elementos da Fretilin maldispostos com o que havia sido dito dentro do CNRT...vou tentar rever as imagens, mas há algo aqui que anda de cabeça para o ar. Mari Alkatiri a exigir um pedido de desculpas por terem "enxovalhado" a Fretilin?

Quantos pedidos de desculpas não deve este senhor a outras pessoas e partidos!? Quantos pedidos de desculpa não deve este senhor ao povo timorense?! Já o fez? Se sim, os meus sinceros parabéns. Mantenha a postura.

A violência gratuita deve, tout-court, ser tratada à medida da mesma! Venha ela de onde vier, tenha a forma que tiver! Quando a violência é utilizada como "arma" de pressão só piora a situação de quem a exerce e de quem a ordena, sendo que quem sofre com isso são, sempre, "os/as outros/as", nunca os seus mentores. Na capa da defesa em se dizer que voilá: "eis os resultados por Xanana não se ter aliado a Mari" ...apenas tenho a dizer que quem assim pensa longe está de querer o Bem para aquele encantado país e para aquele Povo. Se não é democraticamente que lá chegam, não será também pela violência que conseguirão atingir os objetivos pois quem mais ordena é o voto e quanto a isso está tudo dito. Assim vão longe...e longa foi a escrita...11 hours ago ·

Aa - partindo do princípio de que se está a basear em dados concretos (e acredito que sim) tenho de concordar consigo, mas eu sou português, de nada serve entender ou não a mensagem. Terão que ser os timorenses a entendê-la. 11 hours ago · Like

aj - entender a mensagem que acabei de escrever? Julgo que os e as timorenses não precisam de "a" entender, pois sabem muito bem, fazer as suas opções. Ao escrever o que escrevi, foi exatamente no sentido de outras pessoas que se preocupam e gostam de Timor, não ficarem apenas com a versão constantemente injetada...aconteceu isso a muito boa gente quando rebentou a violência de 2006 e se bebia "informação" manipulada com o beneplácito de muito português. Compreendo as suas palavras, mas insisto: nada há a perder em se perceber o passado, o presente e perspetivar o futuro (que nunca se sabe qual será). Que são os e as timorenses a decidirem e escolherem as suas opções? Sem dúvida, não vejo de outro modo. Digamos que foi um desabafo meu. 10 · hours ago

jcs - Falou muito bem o Sr. pois nunca deveremos justificar atos de violência criminal, isto posso eu dizer, pois salvei-me por um triz da morte no domingo, sem saber porque! 5 hours ago ·

Aj - Caro ..., a violência deve ser denunciada, venha ela de onde vier...caso contrário a permissividade instala-se e como é evidente isso serve desígnios obscuros. O que me aflige é as pessoas de bem ficarem em silêncio. Compreendo a dor, o receio, o medo, mas nenhuma dessas situações se deve instalar, é isso que pretendem alguns. Não pode ser, denuncie a situação vivida nos órgãos competentes. Como dizia o Represas... "se uns se calam, gritemos nós". Basta de violência! 17 jul 14.17

Jmlp - Concordo em absoluto com as suas sábias palavras. As pessoas não devem, NUNCA, confundir justiça com esquecimento ou "fazer vista grossa". Isso acaba por mostrar convívência e isso é inadmissível. Também e em minha opinião, os crimes de ontem ou de hoje são sempre de agora e, portanto, nunca deveriam prescrever. A justiça é uma ciência sempre atualizada e só a Divina é eterna. 17 jul 14.17

as - Lamento profundamente que a violência tenha voltado aos palcos de Timor. O diálogo e o bom senso são fundamentais para continuar a construir-se a paz que tão dolorosa de conquistar foi para o martirizado povo Timorense.

rvtvg- Vamos juntos para o bem da estabilidade do nosso país, o que está errado para que continuar assim?? Nossos erros ou os erros dos líderes do povo?



CHRYS CHRYSTELLO COMENTA:

não partilho desta forma de fraternidade da revolução francesa nem de outros similares pós-1975 pois acredito que o povo timorense pode decidir o seu rumo sem mais mortes sectárias...

CRÓNICA 119 O ÚLTIMO VERÃO 24 JULHO 2012

A Alemanha prossegue imparável a sua campanha para escravizar a Europa do sul, mas o 4º Reich terá o mesmo fim dos anteriores: a derrota, só que até esse momento muitos de nós morrerão pelo caminho, outros afundar-se-ão na miséria, e disso não falarão as televisões... A fome alastrará e haverá violência, mas o povo português tal como as chocas das touradas da minha infância continua «manso», abúlico, anestesiado prosseguindo a sua herança feudal de escravo. Tal como a avestruz que enfiou a sua cabeça na areia porque não era nada com ela ou como a nêspera de Luiz Pacheco que se deixou ficar quieta e calada, à espera que viessem e a comessem. Confúcio disse «não tento conhecer as perguntas; tento conhecer as respostas», mas neste caso fico pior que ele, pois nem tenho perguntas nem respostas. «Nem sempre chega sorrir, só porque se está vivo.» João Franco (Revista Nova Águia, número oito) interroga «se Portugal ainda existirá no século XXII?»

- Dois caminhos estendem-se à nossa frente, a escolha que for feita, determinará a sobrevivência ou o desaparecimento do nosso país.

Por um lado, estende-se o caminho da perda de soberania, com o consequente esboroar de Portugal, diluído numa Europa burocrática e cinzenta, ou numa Ibéria.

Por outro, o caminho de um reerguer nacional, em que Portugal recupere independência, isto é, a capacidade e autonomia de tomar decisões quanto ao seu futuro».

Não são poucos os que defendem que por detrás da dita «crise da dívida soberana» se encontra um impulso – mais ou menos subterrâneo, mais ou menos intencional – para criar uma «federação europeia», não democrática e totalmente dominada pelas elites económicas e financeiras do norte da Europa. Até europeístas convictos, como eu, começam a ter dúvidas, bem sei que hoje não existem líderes europeus como aqueles que sonharam com a Europa, mas esta sistemática destruição da unidade europeia a troco de trinta moedas encapuçada numa tirania mundial sem cara, nada augura de bom. Não creio que surjam, do nada, líderes capazes de se oporem a esta oligarquia do lucro sedeada na América, com agendas secretas de aniquilar a Europa e salvaguardar os seus interesses assentes no dólar. Convém não esquecer que os EUA estão tão falidos (aliás, dizem-me que estão mais falidos) do que a Europa dos 27, que a sua dívida soberana está quase toda nas mãos dos chineses e por isso a autonomia ou independência norte-americana estão tão comprometidas como a europeia.

Por outro lado, a Europa, de tão envelhecida que está, corre o risco de se tornar deserta de europeus a muito curto prazo, estando já a ser substituída nalguns países por muçulmanos com uma elevada taxa de reprodução, nacionalidade e descendência e que, mais dia, menos dia, passarão a governar essa velha Europa de burca e sharia, embora não se possa dizer isto por ser politicamente incorreto. Claro que devemos ouvir e calar, como ontem dia 23 de julho de 2012, quando foi anunciado que a ministra dos direitos da mulher e quejandos em Marrocos disse que «não havia motivo para se preocuparem com as violações das mulheres e o casamento abaixo da idade por que isso não eram problemas da sociedade marroquina» ...

Nem nos devemos deixar apoquentar por se seguirem normas islâmicas semelhantes às da Idade Média da civilização dita ocidental, quando apedrejaram uma mulher até à morte ou executaram outra no Afeganistão por adultério, o que se veio provar que nem sequer era verdade. Não devemos dizer nada e devemos respeitar essas civilizações e religiões mesmo que continuem a viver na Idade da Pedra dos direitos do homem e sobretudo, da mulher. Por outro lado, a crise internacional instigada pelos especuladores bancários do ocidente continua a ameaçar os cidadãos europeus com o Medo (do Desemprego, da Recessão, do Caos, etc.) e estes interesses estariam a confrontar os cidadãos, pouco a pouco, com a «inevitabilidade» da entrega dos derradeiros limites de soberania à «união» europeia. Os pretextos para este falso «federalismo» (que mais justamente deve ser chamado de «nortismo neoliberal», porque assenta no norte da Europa) estão aí, à vista de todos: um sistema fiscal único, abertura total de fronteiras, moeda única, soberanias limitadas e governos «autocráticos», etc. A Islândia, em 2008 deu-nos a lição de que é preferível deixar os credores perder os seus investimentos especulativos a reduzir pensões, benefícios sociais e criar o caos na sociedade. Em vez de salvar os seus Bancos a todo o custo e sacrificando em seu nome toda a sociedade, a Islândia preferiu deixá-los falir de forma controlada, salvando a economia. Viriato Soromenho Marques escrevia no DN de 24 de julho de 2012:

A natureza das instituições avalia-se pela sua resiliência às crises. O carácter dos amigos mede-se pela sua capacidade de ficarem ao nosso lado, contra tudo e contra todos, nas horas de perigo e desgraça.

O que está a suceder a Espanha, a mergulhar numa espiral de destruição, revela que a União Económica e Monetária, como está, se tornou uma sala de tortura, condenada a perecer, e que os Estados membros da União Europeia são governados por uma gente pequenina que não percebe que é preciso ajudar os nossos aliados para nos ajudarmos a nós próprios.

O índice IBEX, das maiores empresas espanholas, tem hoje menos valor bolsista do que dívida conjunta dessas empresas. A dívida pública espanhola (e italiana) está a subir em todos os prazos, apesar do incrível pacote de terror económico imposto por Berlim e Bruxelas a Madrid, para a aprovação do empréstimo de cem mil milhões de euros para o setor bancário. As autonomias, com Valência à cabeça, estão arruinadas.

O cínico Weidmann, o Torquemada monetarista à frente do Bundesbank, aconselhou Espanha a pedir um «resgate completo». Suprema crueldade! O FEEF está reduzido a trocos e o MEE está na mesa do Tribunal Constitucional Alemão, sob observação, pelo menos até 12 de setembro... O BCE nunca mais fez compras no mercado secundário. Prometer o que não se tem é o máximo insulto a quem precisa...

Reina o silêncio dos cobardes na maioria das capitais europeias. O de Lisboa é inqualificável.

Só Monti, que sabe ser a Itália o próximo alvo, expressa a sua inquietação em voz alta. Por este caminho, este será o último verão da Zona Euro.

O último verão antes de uma nova, perigosa e incerta geografia política europeia, cujas dores de parto não pouparão ninguém.

Isto para não falar da ameaça do FMI à Grécia. Depois de tanta austeridade vão fechar a torneira do dinheiro. Quase os ameaçaram a eleger este Governo para continuarem a dar dinheiro e agora zás, fecha-se a torneira euro... Almeida Garrett em Viagens na Minha Terra perguntava aos economistas políticos, aos moralistas se «já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico... cada homem rico custa centos de infelizes, de miseráveis.» Claro que não pois eles nem sequer se dão conta da existência desses seres, quando muito serão algarismos desgarrados, sem família nem existência própria, apenas casas decimais nos seus cálculos de lucro. Ao nosso lado, muitas vezes sem sabermos, nem vermos, nem ouvirmos, as famílias vão morrendo asfixiadas na sua miséria, pobreza e humilhação... famílias que até há pouco eram pilares da comunidade... Esta terceira guerra mundial a que ora assistimos é mais impiedosa e brutal que a depressão de 1929, mas nem por isso menos mortífera. E o povo iletrado - mas licenciado com canudo e tratamento por doutor - assiste a tudo incrédulo refugiando-se numa qualquer telenovela, com futebol, Fátima e fado como sempre foi seu apanágio. As elites - que depois do 25 de abril foram tidas como fascistas e fascizantes - sempre serviram para liderar movimentos de massas, mas como estão em vias de extinção não lideram nada. Faltam Movimentos como um novo MDP (na sua fase original)⁵ ou uma Seara Nova capazes de aglutinar a intelligentsia que resta, e dar o grito do Ipiranga que tanto é necessário neste país. Não contem com os militares que eles nem com eles próprios podem contar... por isso qualquer revolução militar está fora de questão. Também não acreditem em referendos populares que estes funcionam bem no papel, mas na prática deixam muito a desejar. Se já tiverem uma idade respeitável, como a minha, em que emigrar está fora de questão as alternativas são poucas... Dentro da mesma linha de pensamento Clara Ferreira Alves escrevia há dias:

«É a falta de cultura, estúpido!»

Portugal tem hoje uma pequeníssima elite que consome cultura, quase toda velha e sem sucessores...merecemos isto...elegemos esta gente...não somos muito diferentes...convém não esquecer o que nos separa, exatamente, do Relvas. Pouco.

O dito não é um espécime isolado, um pobre diabo animado de força e disposição para fazer negócios e trepar na vida, que entrou em associações e cambalachos, comprou um curso superior e...se autoinstituiu em conselheiro do rei.

Nunca vimos isto nesta escala, porque na 25ª hora da tragédia nacional, quando Portugal se confronta com a humilhação da venda dos bens preciosos (os famosos ativos) aos colonizados de antanho e seus amigos chineses, o que o país tem para mostrar como elite é pouco. Nada distingue hoje a burguesia do proletariado. Consomem as mesmas revistas do coração, leem a mesma má literatura, veem a mesma televisão, comovem-se com as mesmas distrações. Uns são ricos, outros pobres.

A elite portuguesa nunca foi estelar, e entre a expulsão dos judeus e a perseguição aos jesuítas, dispersámos a inteligência e adotámos uma apatia interrompida por acasos históricos que geraram alguns estrangeirados ou exilados cultos permanentemente amargos e desesperados com a pátria (Eça, Sena) e alguns heróis isolados ou desconhecidos (Pessoa, O'Neill). Em "Memorial do Convento", Saramago dá-nos um retrato da estupidez dos reis mas exalta romanticamente o povo...o partido comunista tinha uma elite intelectual e de resistência inspirada por um chefe que, aos 80 anos, quase cego, resolveu traduzir Shakespeare. Cunhal traduzindo o «Rei Lear» de um lado, Relvas posando nas fotografias ao lado da bandeira do outro. Relvas, um subproduto de telenovela O tempo dos chefes cultos acabou, e não acabou apenas em Portugal. A cultura de massas ganhou...cada estúpido é o busto de si mesmo, a burguesia e o lúmpen distinguem-se na capacidade de fazer dinheiro...uma massa informe de consumidores que votam.

E que consomem democracia, os direitos fundamentais, como consomem televisão, pela imagem. Sócrates e o Armani, Passos Coelho e a voz de festival da canção. O jornalismo, aterrorizado com a ideia de que a cultura é pesada e de que o mundo tem de ser leve, nivelou a inteligência e a memória pelo mais baixo denominador comum. A brigada iletrada, como lhe chama Martin Amis, venceu. Estão admirados? John Carlin, o sul-africano autor do livro que foi adaptado ao cinema por Clint Eastwood, «Invictus», conta que Nelson Mandela e os homens do ANC, na prisão, discutiam acaloradamente, apaixonadamente, Shakespeare. Foram «Júlio César» ou «Macbeth», «Hamlet» ou «Ricardo III» que os acompanharam. Não é um preciosismo. A literatura, o poder das palavras para descrever e incluir o mundo num sistema coerente de pensamento, é, como a filosofia e a história, tão importante como a física ou a álgebra. A grande mostra da Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos é Shakespeare (no British Museum) e não um dono de supermercados ou futebolista. Os «heróis» portugueses descrevem-nos. E descrevem a nossa ignorância. Passos Coelho é fotografado à entrada do La Féria ou do Casino. Um dono de supermercados ou um esperto ministro reformado são os reservatórios do pensamento nacional. Portugal tem hoje uma pequeníssima elite que consome cultura quase toda velha e sem sucessores. Não estamos sós. Como bem disse Vargas Llosa, em vez de discutirmos ideias discutimos comida. A gastronomia é uma nova filosofia.

Ferran Adrià é o sucessor de Cervantes e de Ortega Y Gasset."

Clara Ferreira Alves - Expresso - 21-07-2012

Dito isto, creio que a única hipótese é juntar a pouca elite que resta, criar um Governo de salvação nacional e liderar o país, antes que ele se afaste como a «Jangada de Pedra» rumo não ao oceano, mas ao abismo para onde caminha demasiado depressa para que o possamos parar. Pode nem ser a tempo, mas ficaríamos com a sensação de que ainda íamos salvar o país. Com esta gente e estes partidos não há democracia que resista e teremos mais do mesmo, qualquer que seja o partido ou a coligação no poder. Foram eles que criaram o «sistema» da impunidade na justiça, da não-educação no ensino, da saúde que nos querem tirar e da forma de entrelaçarem os seus negócios e negociatas de forma a saírem sempre vencedores, qualquer que seja o partido no poder.

CRÓNICA 120, OUTRA VEZ, O ROSÁRIO DAS FESTAS DA SENHORA NA LOMBA DA MAIA, 28 AGOSTO 2012,

Nem tive coragem de lhes dizer que Andrómeda se prepara para deglutir a Via Láctea (daqui a uns milhares de anos) ...vai ser um cataclismo enorme que converterá a Terra em poeira cósmica ou lançá-la para o enorme buraco negro de energia negra que enche o universo e lhe dá consistência. Mas não assomei à janela aberta para os alertar. Estavam tão felizes aqui nesta minha aldeia da Lomba da Maia (freguesia, aqui não lhe chamamos aldeia, sussurram-me, de novo).

Havia centenas de pessoas aglomeradas nas ruas engalanadas com os postes e bandeiras e as luzinhas do costume. A igreja fora enfeitada por dentro e por fora, apresentando o seu aspeto mais feérico do ano, as pessoas vestiam os seus fatos domingueiros, outros usavam vestes nupciais para assim darem mais solenidade ao evento.

Os homens que normalmente, ao domingo, ficam à porta da igreja, da parte de fora, andavam vestidos com capas de cor branca com capelinas de azul céu, prontos a levarem, o andor de nossa senhora do rosário da Lomba da Maia. A parada da charanga dos bombeiros de Nordeste só viria trocar os seus tambores na segunda-feira dia da procissão ao cemitério e da procissão da mudança à noite, e isto era domingo, dia maior da procissão, com estradas e ruas cortadas pela PSP, enquanto as pessoas afanosas atapetavam de flores as ruas por onde a procissão iria passar.

Entretanto o Manel Sá Couto de dez em dez minutos botava fotos no Facebook para os emigrantes que não puderam vir à festa verem o que se estava a passar, quem estava, quem não estava, quem vestia o quê, quem não pusera colchas à janela, quem fechara as portadas das janelas, quem não fora à missa, etc. Tudo bem documentado fotograficamente

⁵ O Movimento Democrático Português / Comissão Democrática Eleitoral (MDP / CDE) foi uma das mais importantes organizações políticas da Oposição Democrática ao regime do Estado Novo em Portugal, antes do 25 de abril. Foi fundado em 1969, atuando através de comissões democráticas eleitorais, para concorrer às eleições legislativas.

Em 1973 participou no Congresso Democrático de Aveiro.

Depois do 25 de abril constituiu-se como partido político, fazendo parte de todos os Governos Provisórios, com exceção do VI. Concorreu à eleição para a Assembleia Constituinte de 1975 sozinho e, a partir de 1976, em coligação com o PCP, formando a APU.

Em 1987, em dissidência com o PCP, já não participou na coligação eleitoral CDU, apresentando-se às eleições com listas próprias. Nessa mesma data, alguns militantes dissidentes formaram a Associação de Intervenção Democrática (ID), que até hoje continua a integrar, como independente, as listas do PCP - Partido Comunista Português.

Em 1994 fundiu-se com o grupo editor da revista "Manifesto", dando lugar ao movimento Política XXI, que veio a ser uma das correntes fundadoras do Bloco de Esquerda

para memória futura, conversas intermináveis de café e ajustes de contas eternos. O desfile de carros alegóricos infelizmente foi dos mais pobres dos últimos anos, talvez refletindo a crise não só financeira, como de ideias e de falta de jovens empenhados em manter viva e acesa esta tradição.

Dizia eu que me esquecera de os avisar que todas estas festas e procissões acrescidas de rezas e promessas não iria impedir Andrómeda de vir deglutir a mais pequena galáxia da Via Láctea onde se insere o pequeno planeta azul em que vivemos. Andavam tão felizes, a realizar o sonho anual de diversão e fé. Compreendo que antigamente esta fosse a ocasião maior do ano, para se celebrarem casamentos, e se terem uns dias de festa a compensar o trabalho escravo dos que labutavam de sol nascer a sol-posto, mas hoje em dia a situação é diferente.

Estamos já no século XXI, os casamentos já não são arranjados entre os parentes e vizinhos, já há muitos que casam fora deste círculo lombadamaense, outros nem sequer trabalham e vivem dos rendimentos mínimos ou de inserção social como párias que são, muitos preferiram uma vida fácil de drogas e furtos, a sociedade já não tem a tecido moral e cívico de antanho. Mas no inconsciente rural a festa continua a simbolizar a liberdade de uns dias fora da escravatura do trabalho.

Gastam fortunas a preparar as comidas, as vestimentas, os andores, as ruas, é a consumação que se presume alegre e embebedada na maior parte dos casos, dos sacrifícios e das poupanças feitas ao longo do ano para serem consumidas nestes 5 ou 6 dias de festividades.

Não entendem o meu alheamento, o silêncio a que tenho direito, a paz e sossego que aqui busquei e muito menos entenderiam a Andrómeda, talvez me perguntassem se era uma nova personagem da telenovela favorita. Nem entendem que eu fuja nesta época do ano para outras ilhas ou que me encafue aqui na falsa - de portadas e janelas fechadas - tentando abafar o som tonitruante da discoteca improvisada na Rua do Rosário e que abana as ruas e as casas até às 3 da manhã.

Nem sequer me dou ao trabalho de explicar que sou a favor das tradições e festas populares, mas que creio que a abordagem pouco lógica e não-analítica dos locais, é já uma encenação da tradição, desvirtuada de mil e uma maneiras, e não se justificam as libações anuais da festa nos moldes em que originalmente foi concebida.

Sei também que para além de desconhecem a Via Láctea e Andrómeda ou outras galáxias isso não os afeta pois está a tantos milhares de anos no futuro que eles nem sequer entenderiam, mas o que eu que pretendia de facto dizer-lhes, era que estes sacrifícios, estas festas de nada iriam servir pois não podem impedir o choque de galáxias.

Dir-me-iam que me falta a fé para acreditar e que se assim acontecesse seria essa a vontade do Senhor e as galáxias teriam de obedecer já que eu não o faço...

Depois da procissão, os homens tiraram as capas com que desfilaram e foram juntar-se aos restantes nas tabernas e tendinhas improvisadas que aqui surgem nestes dias pois as tabernas locais (de dia, são cafés) não chegam para tanta sede.

Numa delas "Ká t'espero" que todos os anos surge como um cogumelo, mais acima, do outro lado desta rua, eram sete da manhã e as portas ainda não tinham fechado, as vozes entarameladas, os discursos desconexos, as bravatas de sempre até que a luz se fechou, pois, o sol já nascera e por entre gritos e imprecacões cada um foi regressando para donde viera. Aumentada assim a autoestima e orgulho dos locais, a aldeia vai voltar a hibernar presa a tanta grilhetas do passado, por entre inúmeros casos de violência doméstica, pedofilia e feudalismo encapotado, que coexistem com os ladrões e pequenos meliantes do gangue da droga que se reúnem no Largo da Igreja.

Irão prosseguir as queixas e invejas contra a vizinha Maia que se quer alcandorar (e justificadamente) a vila enquanto a Lomba permanece parada no tempo e no espaço à espera de Andrómeda, sem ideias, sem jovens, sem ousadia nem visão para o futuro que já se vive em tantos outros lugares.

Mas em todas as ilhas nestes meses de junho a setembro, vão prosseguir em todas as aldeias (chame-lhes freguesias que aqui não temos aldeias, senhor) as festividades em honra de todos estes santos e santas da santa mãe igreja que ainda vai tendo alguma influência. Esta, revela-se sobretudo no seio das mulheres e jovens dessas aldeias açorianas, mas a igreja local tem-se revelado incapaz de captar a maioria dos adolescentes e os homens disponibilizam-se apenas para colaborar em festas, procissões, enterros e romagens, continuando a ficar à porta das igrejas ou no bar em frente. A intriga, as telenovelas e o clima irão continuar a preencher o quotidiano desta gente, a cada ano nascerão menos crianças, e cada ano que passa mais se libertarão destas grilhetas do passado.

Os que emigraram continuarão porém a manter arreigadas todas estas tradições e a tentar perpetuá-las como se o tempo tivesse parado na memória da sua infância e juventude, mantendo viva a sua peregrinação anual de volta à aldeia para as festas da padroeira, reforçando os laços que os unem a esta terra e a reproduzirem nas suas novas terras estas tradições com os meios locais de que dispõem o que cria festas híbridas incorporando aspetos de culturas distintas, como tive oportunidade de pacientemente observar em vídeos que o Dr Luciano da Silva (o da Pedra de Dighton e de Colombo Portugêses) me mandou para eu estudar esse portuguesismo açoriano.

Ao observar essas festas, com tanto elemento exógeno incorporado e tão pouco genuíno, interroguei-me se as crianças que nelas participavam sem falarem português, iriam preservar a língua ou se apenas iriam associar a sua açorianidade naquelas festas travestidas. Afinal, todos nós recordamos as festas da nossa infância e quando envelhecemos refugiamos-nos nelas para nos protegemos do que nos ameaça numa sociedade em constante evolução. Lembro que as festas da minha juventude, nas aldeias transmontanas, me parecem ainda hoje, mais genuínas do que estas que se desenrolam cinquenta anos mais tarde nesta ilha.

Apesar das semelhanças exógenas óbvias cinquenta anos são duas gerações humanas em que se espera haver alguma evolução e mudança, aquilo a que vulgarmente se chama "progresso" e é sempre o bode expiatório de todas as alterações da identidade de um povo. E as festividades locais vão prosseguir mais dois dias, mas nestes dias o movimento é sobretudo dos vendedores de cachorros quentes, pipocas e pequenos brinquedos e das "discotecas" e tabernas improvisadas. Para o ano, tudo se repetirá inexoravelmente nos mesmos moldes se, entretanto, o mundo não acabar como dizem as alegadas profecias maias e outras. Para muitos – como eu – o mundo já acabou há muito e já vivemos noutra mundo bem diferente daquele que sonhámos na nossa juventude.

CRÓNICA 121 LUSOFONIAS: DO CANADÁ À GALIZA, 26/10/2012

O tempo anda mais louco que os deuses e os políticos, parti dos Açores rumo a Toronto com chuva. Depois de sairmos veio mais um furacão, ou seja, outra vez, a mesma furacoa (é o feminino de furacão) Nadine, agora transvestida de tempestade tropical, voltei e ainda hoje um mês depois andamos com chuva, vento e tempo cinzento...mais próprio de fevereiro do que de outubro. O voo para Toronto sem nada digno de registo exceto a funcionária afro-europeia da SATA que embirrou com a minha dupla nacionalidade e identidade e não havia meio de me deixar embarcar com o meu

nome... Um dia destes vou ter de me chatear a sério com as autoridades e tenho mesmo de ir – outra vez - ao registo civil expurgar a identidade original que abandonei há trintena de anos e que me daria direito a viagens SATA a preço de residente enquanto a minha atual não dava por ser estrangeiro... Isto apesar de a ter usado nos últimos oito anos sem embargo algum.

121.1. TORONTO 2012

Ainda brilhava o sol na bela cidade do Ontário quando aterramos. Dentre os passageiros num avião lotado ia a ex-secretária de estado da emigração, Manuela Aguiar, que nos fez companhia com um dos seus temas favoritos, sobre feminismo e que também se deslocava para o Simpósio dos 65 anos de Português na Universidade de Toronto...

Contudo, a cena que para sempre ficará registada na minha memória de elefante, foi a da verdadeira guerra campal, sem tréguas nem pausas, entre os açorianos e lusodescendentes, que à chegada se atropelavam, iam uns contra os outros, se atiravam com malas e tudo para tentarem retirar a sua bagagem do carrossel de bagagens... juro nunca ter assistido a nada semelhante, pior que um pisoteamento como os que ocorrem quando uma grande multidão está tentar ir para um mesmo lugar, normalmente quando os membros da parte de trás da grande multidão continuam empurrando para a frente sem saber que os da frente estão a ser esmagado, ou por causa de algo que os obriga a se mover.

Só não caí, por mais que uma vez, devido a uma visão estereoscópica aliada ainda aos rápidos reflexos que me restam...e assevero JAMAIS TER VISTO algo semelhante de brutalidade, falta de civismo, primitivismo. Nem nos países mais atrasados da Ásia há 40 anos se via uma cena destas, vergonhosa.... Deixei que a turbamulta se afastasse toda, e o carrossel ficasse quase vazio antes de me aventurar a retirar a nossa bagagem...

À espera na saída do aeroporto, uma limusina (das muitas que se viam e iam das normais às esticadas vulgo “stretch”) esperava na saída do aeroporto, mas resolvemos modestamente escolher um vulgar táxi, com a notável característica de o taxista não nos importunar com as suas ideias sobre a política ou outras...

Deixou-nos no Comfort Inn na esquina de Charles e Yonge (pron. Young) na baixa citadina. A multa por fumar no quarto era de 250 dólares segundo nos comunicaram logo ao fazer o check-in. Demos umas voltas pelas redondezas e acabamos por jantar num restaurante asiático das redondezas com escolha entre comida chinesa, japonesa, tailandesa, vietnamita, etc.

Na manhã seguinte tínhamos o dia livre para ir às cataratas do Niágara com o casal Malaca Casteleiro, pois a Conceição nunca lá estivera. Um SUV (de motorista fardado a rigor) com capacidade para oito pessoas, veio buscar-nos (parecia saído do filme Men in Black) e levou-nos a uma companhia de indianos que nos haveriam de levar, com boa disposição, pelas margens dos lagos Ontário e Eyre até às cataratas. Passamos e paramos num aérodromo para quem queria optar por voar ou andar de helicóptero e tivemos uma longa paragem comercial num vinhedo onde se produzia o elusivo ice wine que é colhido aquando dos primeiros nevões...uma gota de cada bago ...

Se bem que a experiência de vinhos me não agradasse pois não os podia provar, todos os restantes gostaram imenso.

Finalmente chegamos ao enorme e intenso espetáculo das cataratas. Um negócio milionário a explorar uma das maiores belezas naturais da humanidade, que não cessa de impressionar qualquer pessoa, por mais que a visitemos. A quantidade de água que, incessantemente transborda do Lago Eyre para Ontário deixa qualquer um boquiaberto. Continua a seduzir-me a pequena ilha que fica mesmo antes da queda da água no lado canadiano, a atração pelo abismo...

Apetecia ficar ali eternamente à espera que a ilha se desprendesse e fosse arrastada pela catarata abaixo. Já em 1999 tivera esse mesmo sentimento de ir a nado contra a corrente, ficar sentado na ilha e esperar... Gostei deveras de visitar a pequena, mas atraente *City of Niagara Falls* com construções arquitetónicas bem interessantes, a igreja mais pequena do mundo, uma limpeza impecável, ruas e jardins bem cuidados....

Até apetecia ficar lá a viver e aproveitar os milhões de turistas de todo o mundo que a visitam e lhe dão vida. Não tivemos muito tempo para a ver, pois íamos a pé e tínhamos tempo limitado que se gastou no Prince of Wales a comer umas belas sanduíches de boa carne canadiana. Desde que ali estivéramos (nas cataratas propriamente ditas) em 1999 notou-se do lado americano, a construção de um enorme mirante ao nível da queda e a construção de alguns atalhos descendo até à base das cascatas para os turistas americanos verem o que há para ver, se bem que muito menos interessante do que sua metade canadiana...

Desta vez, devido a ventos contrários, apanhou-se imensa água pois a enorme coluna de vapor, nesse dia, ia a centenas de metros de altura caindo sobre todos os que, como nós, andavam nos barcos Misty Maid e aos que em terra faziam a marginal de dois quilómetros até Table Rock. Mais uma experiência que as inúmeras e belas imagens não nos deixarão esquecer. <https://youtu.be/PCKDHWIKS80> - <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2157-toronto-2012.html>

Nessa noite, acabamos por jantar, ao lado do hotel, no restaurante Wish, juntos com o casal Bechara acabado de chegar, e no dia seguinte depois de levantar cedo, fomos ao restaurante japonês também ao lado do Comfort Inn onde se podia tomar um pequeno-almoço por cerca de 7,50 dólares canadianos (6 euros+-). Pusemos os pés à marcha rumo ao nosso Simpósio, liderados pelo caminhante rápido, Malaca Casteleiro, com seu passo de ganso que – na vés+era - anotara no mapa o trajeto...

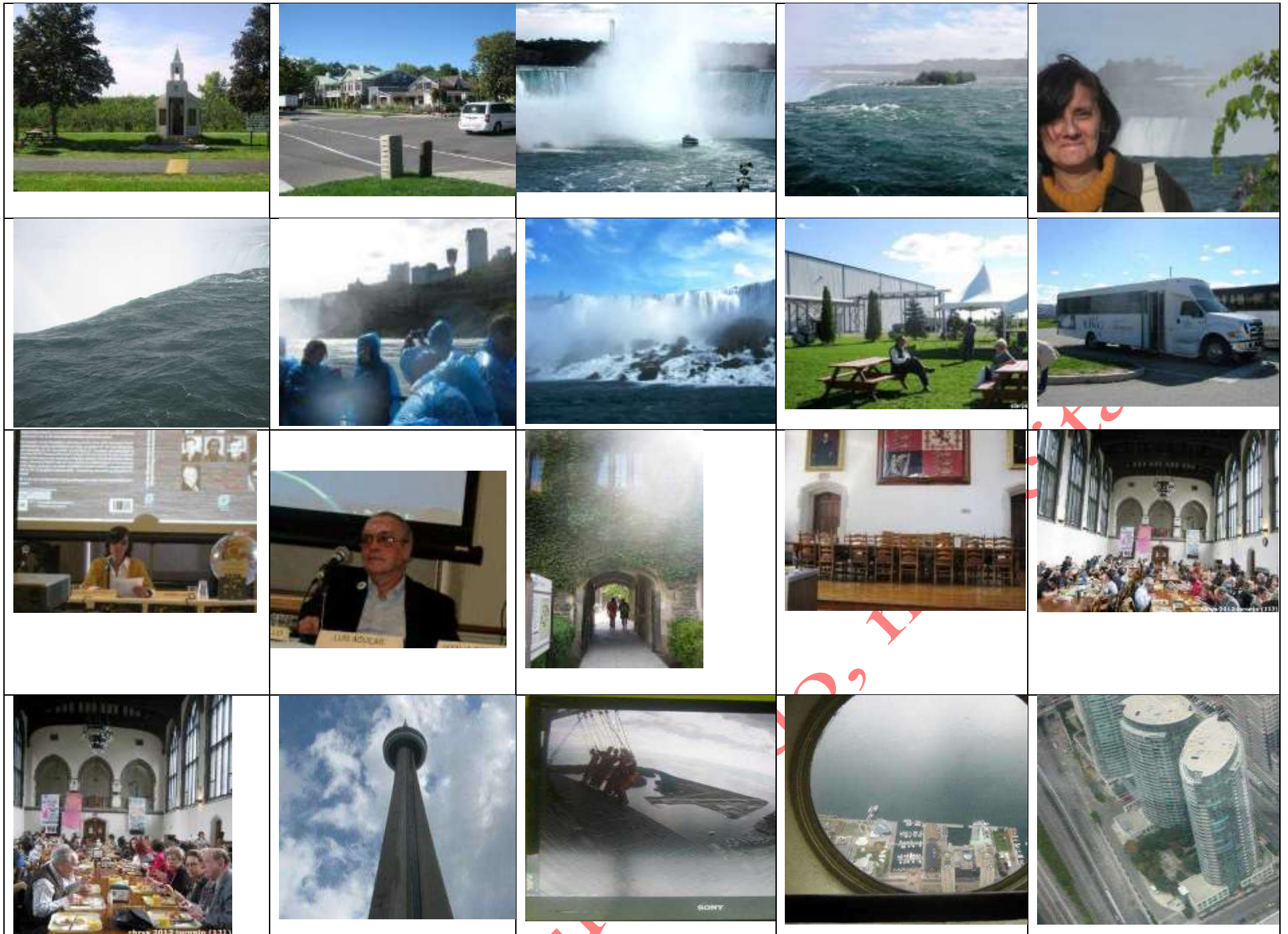
A Manuela Marujo que nos patrocinava a ida a Toronto para os 65 anos do Dept.º de Estudos Portugueses e Espanhóis da Universidade avisara que em marcha lenta demoraria dez minutos do hotel ao Victoria College... estranhamente só passados 45 minutos chegamos ao campus fechado da Universidade e acabámos por ser liderados por um sueco que trabalhava no departamento e falava português com sabor brasileiro. Afinal, em vez de seguirmos em linha reta na Charles Street que distava, de facto, dez minutos, afastáramo-nos dessa rota e fomos para outra entrada noutra ponta da Universidade que, como é costume nestas paragens, é uma cidade dentro da cidade...

As sessões decorreram bem, mas com pouca assistência, mas a melhor parte não era nas sessões, mas sim a sensação única, surreal e fantasmagórica de almoçar na cafetaria onde foi gravado o refeitório dos filmes de Harry Potter.... Estar ali naquele cenário assombroso era já fazer parte da História se bem que fosse de ficção...

...ao fim do primeiro dia fomos agraciados com um jantar volante no belo terraço panorâmico da casa dos anfitriões (Manuela Marujo e marido Domingos, um verdadeiro ayatollah na sua campanha antitabagista, mas isso era material para uma outra crónica...). Lá fomos de táxi com capacidade para seis pessoas, mas o taxista (este era do Paquistão, os outros motoristas de táxi em que andamos eram do Afeganistão, Bangladeche, Iraque, etc.) andou perdido por zonas menos recomendáveis da George Street e não tinha GPS...ficou de nos ir buscar pelas dez da noite, telefonámos e pelas 22.30 não chegara pelo que tivemos de recorrer à portaria do prédio e mandar vir outro.

Ao quarto dia, já só estávamos nós, os Malaca (que ficavam mais dois dias), e os Aguiar de Montreal, pois o casal Bechara regressara na véspera de tarde. Como era dia de partida para nós, ao começo da noite, decidimos ir visitar a

torre (CN Tower) a 474 metros de altura, tendo lá passado grande parte do dia nas alturas. Acabámos por comprar mais umas lembranças a acrescentar às que fizéramos nas cataratas e em lojas das redondezas do hotel. Regressamos dessa bela cidade com esperanças, mas bem poucas, num colóquio em Toronto (foi para isso que lá fui) e algumas para Montreal onde o casal Aguilar do Instituto Camões parecia capaz de nos organizar patrocínios...



121.2. DO CANADÁ PARAGEM CURTA EM PONTA DELGADA RUMO À GALIZA

Chegamos a PDL de manhã cedo e ainda não chovia. Fomos diretos à Audi (J H Ornelas) onde o carro ficara para substituição de peças, ordenada pela marca, de um qualquer defeito de fabrico, mas era demasiado cedo e tivemos de aguardar meia hora para que abrisse.... Reparada a viatura viemos nela até à Lomba da Maia onde deixáramos o João. Mudamos as malas, preparamos o que havia a preparar e já outra vez com chuva e a ameaça do regresso da (furacoa) Nadine partimos num avião para o Porto via Lisboa.

Tal como é costume, sempre que fazemos este desvio pela capital do reino, as malas ficam para trás.... Iriam ser-nos entregues na manhã seguinte. Dois dias a ver o crescimento da neta mais nova que apesar de ter 14 meses mais parece ter apenas 7 no seu tamanho...e a matar saudades da mais velha, vi a minha mãe ainda rija nos seus 89 ½ anos a celebrar os 63 do filho primogénito, mais a minha irmã e sobrinho.

Depois fomos trocar de viatura individual para uma carrinha de 9 lugares e rumámos à Galiza (Ourense) com o escritor Álamo Oliveira, o artista plástico Zé Nuno da Câmara Pereira, a pianista Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada e a sua filha Carolina, exímia violinista e aluna de Matemáticas Puras, mais o artesão Paulo Melo do Nordeste (Caldeirões), o editor Francisco Madruga (que ia de castigo a conduzir), e nós dois já bastante cansados antes do 18º colóquio começar.

O GPS que aluguei por 30 euros ao dia foi bom, mas as ruas atualmente estavam fechadas com pinos chamados Bolardos e mandava-nos ir para locais onde não se podia entrar sem o abridor de pinos Andamos meia hora às voltas sem atinar como entrar no casco histórico onde se localizava o nosso hotel Irixo... Tivemos de telefonar aos amigos da Academia Galega para nos virem salvar...afinal estivéramos bem mais perto do que parecia... só que havia que subir o passeio, junto a uma igreja, para se poder entrar naquela zona quase exclusivamente pedonal.

Alojados numa praça com "movida" até altas horas (onde está a crise com esta gente toda a comer e beber fora todos os dias?) e bem instalados num quarto com amplo terraço onde eu podia fumar, ali ficamos 4 noites.

No dia seguinte teve início o colóquio que se desenrolou bem, como todos, mas com pequena adesão de público local, desta vez com a novidade de duas exposições, uma de Manuel Policarpo (aliás Vasco Pereira da Costa), a outra de fotos da arte de Zé Nuno da Câmara Pereira, mais a mostra de artesanato da Salga / Ribeira dos Caldeirões no Nordeste de São Miguel.

Antes das formalidades da AGLP fomos prestar preito à Consellaria (Câmara Municipal) onde a Presidente interina nos recebeu e agraciou. Era a terceira presidente em menos de 3 semanas...o eleito fora preso, depois substituído pela vereadora da cultura e agora esta.



Logo no primeiro dia houve uma sessão especial da Academia onde iriam ser empossados os novos académicos correspondentes da AGLP.... Foi um momento emocional, jamais pensaria estar eu, um dia em tão ilustre companhia... não vindo para as línguas pela via académica, mas antes pela via da tradução...

... depois da emoção em 30 de março de 2010 ao proferir uma palestra na Academia Brasileira, agora esta imerecida honra que aceitei em nome coletivo dos Colóquios da Lusofonia. O lançamento literário foi interessante pois celebrei ali 40 anos de vida literária lançando em simultâneo um CD de Timor e um livro em capa dura que é uma coletânea de 5 volumes de poesia abarcando desde meados de 1960 até 2012, que curiosamente integra vários planetas como Açores, Macau, Timor, etc.

121. 3.1. DA GALÍCIA À GALIZA – DISCURSO DE ABERTURA

E para terminar, como se falava de emoções, o testemunho dos discursos feitos nos vários momentos:

Agradeço o patrocínio do município de Ourense, apoio fundação AGLP, associação Pró-AGLP, sem os quais não seria possível termos reunidos aqui académicos e amantes da lusofonia de tantos países e regiões

Caros académicos, caras e caros associada/os, minhas senhoras e meus senhores

Estamos aqui na cidade que teve as suas origens no Paleolítico inferior-médio, na Idade do Bronze, e se desenvolveu com os Romanos, com especial proeminência para as águas termais das Burgas e a sua localização na via de Braga a Astorga.

Teve algum relevo no tempo dos Suevos quando foi capital e esteve ligada à lenda de conversão daqueles ao cristianismo.

Foi anexada pelos Visigodos em 585 e não sofreu - se não de forma esporádica - a invasão muçulmana antes da invasão normanda (1008-1015).

Em 1122, Dona Teresa (Tareixa) de Portucale concede ao bispo Diego III a jurisdição sobre Ourense que em 1188 passa a ter município.

Em 1386, o inglês duque de Lencastre na sua lenta marcha rumo a Babe, Bragança, faz-se coroar aqui rei de Castela, firmando um pacto com Juan I mas não passou de Leão.

Segue-se um período de invasões, guerras, e destruições até que os bispos que partilhavam o poder com os senhores feudais o começam a perder entre 1586 e 1628.

Apesar de continuarem a existir mosteiros e conventos em quantidade, os franciscanos cedem terreno aos dominicanos e jesuítas, que mantêm a urbe na sua forma medieval com apenas três mil habitantes em 1752.

Começa a desenvolver-se a partir de meados do século XIX e a expandir-se num crescimento que se mantém até hoje.

Esta comunicação não é académica. Jamais poderia falar academicamente da Galiza, pois nem amores nem sentimentos se podem dissecar num laboratório.

A minha ligação à Galiza data de 1030 AD, segundo me ensinou a minha avó paterna que até era brasileira. Fui lá ver o sítio onde tudo (a minha família paterna) começou, aqui perto, e gostei de me imaginar celanovês num passado longínquo coevo de Dom Nuno de Cellanova, senhor do condado do mesmo nome, sogro da Infanta Dona Sancha Henriques, filha de Henrique de Borgonha, conde de Portucale.

Ao regressar à realidade - já no século XXI - conheci no primeiro colóquio da lusofonia (em 2002) um jovem empresário, Ângelo Cristóvão, que sonhava com uma Galiza lusófona, ele que foi o meu guia da história da Galiza que não aprendemos, dado que Portugal e Galiza são dois povos irmãos que vivem de costas voltadas um para o outro, como se houvesse um imenso mar a separá-los. O desconhecimento mútuo é generalizado e aumenta à medida que a ignorância dos mais jovens se solidifica em pequenos resumos da História que deveríamos estudar em detalhe e minúcia.

Na escola falamos da variante galega da língua como quem fala das guerras entre Esparta e Atenas, num passado demasiado longínquo, nesta portuguesa mania de desvalorizar a história, que fez de todos nós o que somos hoje. O problema começa por ser político e sensível, de difícil resolução e menos vontade política de o abordar. Só os poetas e os sonhadores utópicos, essa elite que pode mover nações e gerar a diferença entre a vida e morte das civilizações, acreditam ainda que o futuro da Galiza passa pela unificação da língua escrita de que o Acordo Ortográfico de 1990 é o instrumento a brandir contra o status quo da imutabilidade histórica dos reinos. Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo aqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, eis que agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua.

Foi isso que nos trouxe à Galiza neste 18º colóquio para que juntos possamos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos.

Fala-se mais Português em Angola hoje do que no tempo da presença portuguesa apesar da forte competição das línguas nativas.

Em Goa existe um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa e novos livros têm surgido mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona.

Em Macau a língua portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam.

Em Timor como segunda língua oficial já há mais de 25% de falantes quando há dez anos nem a 5% chegava o número de falantes.

Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar Português começaram a usar esta língua como língua de resistência.

Também no Reino de Espanha há quem fale Português como língua de resistência ao domínio cultural que faz sujeitar a escrita do galego às normas ortográficas castelhanas tentando obviar à preservação da identidade cultural do velho reino da Galiza.

A língua galega é sob todos os aspetos (históricos, filológicos e paleolinguísticos), português. Português da Galiza, mas Português.

No entanto na Extremadura espanhola, onde nunca houve uma língua comum, também o Português é ensinado a milhares de pessoas.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional. É nossa vontade e desígnio que na Galiza se proceda à reintegração total da língua na Lusofonia como a História o manda e, por isso, apoiamos desde a primeira hora a criação da AGLP.

A dimensão real das diferenças entre o galego e o português são insignificantes e a questão da ortografia é meramente política, sendo um grave erro estratégico não afirmar perentoriamente que "galego e português são a mesma língua".

Tem faltado construir pontes pois os políticos portugueses estão sempre temerosos de ofender a vizinha Espanha e os políticos galegos temem que depois da autonomia cultural venham outras.

Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm palavras portuguesas/galegas.

A própria língua japonesa tem várias palavras portuguesas/galegas como: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão-de-ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc. Há ainda um idioma próprio falado na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia que se chama Papiá Kristang (língua cristã) ou português de Malaca que é constituído por palavras portuguesas/galegas com formas gramaticais diferentes. Existe também o Patuá de Macau, mas em vias de extinção. Os portugueses/galegos falam com estas gentes sem dificuldade.

É fundamental o galego ser atual. Os povos só evoluem bem intelectualmente quando se expressam bem na sua língua materna e não na estrangeira colonizada.

Não se consegue expressar bem com um idioma do passado com adulterações neocolonialistas castelhanizadas como o agora inventado «portunhol» para impor a uma Nação milenária.

Pelo contrário o galego atual será o encontro dos galegos com as suas origens em que simultaneamente ganham um poderoso meio de comunicação quer a nível cultural como comercial, que ajudará a crescer a Nação Galega neste mundo globalizado.

Escrever galego-português dentro da norma lusófona dá-lhe uma dimensão mundial e é a única forma de salvá-lo da morte. O português-galego não é um idioma de propriedade de Portugal, mas dos países que o adotaram como oficial além da Região Autónoma Especial de Macau na China.

Além do mais, lembremos que Afonso X, rei castelhano, trovou em galego-português por ser uma língua melódica.

Quero recordar agora, em linhas gerais, o que já conseguimos alcançar para vos lembrar que os Colóquios da lusofonia criados em 2001 passaram a associação cultural e científica sem fins lucrativos em 1 de janeiro de 2011.

Os nossos oradores «típicos» não buscam mais uma conferência para juntar aos seus currículos, antes estão interessados em partilhar as suas ideias, projetos, e criar sinergias nos quatro cantos do mundo, irmanados deste nosso ideal de «sociedade civil» capaz e atuante, para – todos juntos – atingirmos aquilo que as burocracias e as hierarquias muitas vezes não podem ou não querem.

Acreditamos que somos capazes de fazer a diferença.

Os nossos oradores juntam-se aos colegas no primeiro dia de trabalhos e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É isso que nos torna distintos de qualquer outro colóquio ou simpósio.

Pretendemos aproximar povos e culturas no seio da grande nação dos lusofalantes, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência, todos unidos pela mesma língua.

Quando em 2001 preparámos, no Porto, o início dos COLÓQUIOS ANUAIS da LUSOFONIA - sob a égide do então nosso patrono Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra - queríamos patentear que era possível ser-se INDEPENDENTE, descentralizar a realização destes eventos e levá-los a cabo sem sermos subsídio-dependentes.

Nos Açores, os Encontros tiveram início em 2006 trazendo, académicos, estudiosos, escritores e outras pessoas para debater a identidade açoriana, a sua escrita, as suas lendas e tradições.

Deste intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou qualquer outro ramo de conhecimento científico, podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana.

Os Colóquios inovaram logo no seu primeiro encontro em 2002 e introduziram o hábito de entregarem um CD das Atas/Anais no início das sessões.

Em 2003 visitou-se a Língua Mirandesa

Em 2004, os Colóquios fizeram a campanha que salvou o Ciberdúvidas;

Em 2005 presidiram ao lançamento do Observatório da Língua Portuguesa, depois integrado na CPLP e fomos os únicos, até hoje, a debater a introdução da Língua Portuguesa em Timor-Leste.;

Em 2006 lançámos a primeira pedra para a criação da Academia Galega da Língua Portuguesa e debatemos a biunivocidade dos Crioulos na Língua Portuguesa

Em 2007 atribuímos o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debatemos (pela primeira vez em Portugal) o Acordo Ortográfico ora em vigor.

Em 2008 assistimos à abertura da Academia Galega da Língua Portuguesa nascida no seio dos Colóquios. Esse ano marca o início de parcerias com Universidades e Politécnicos quando o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa (Professor Adriano Moreira) se deslocou a Bragança para dar «o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia».

Na sequência desta vinda acabaria por doar o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal Adriano Moreira.

De 2007 a 2012, incansáveis prosseguimos a campanha para a execução do novo Acordo Ortográfico, com o laborioso apoio dos seus proponentes: Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara, [Carlos Reis] e Ângelo Cristóvão que nos têm assistido a lutar pela língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais. Em Portugal não há uma política de língua. Enquanto as Letras se mantiverem subalternas como mera Secção da Academia das Ciências é imperioso que esta seja mais atuante na defesa da língua e das suas variantes face aos desafios que os políticos não conseguem afrontar. A vetusta Academia tem de ser pró-ativa em vez de reativa, mas não parece ter vitalidade para tanto. O futuro e a preservação da língua não se compadecem com esperas nem vivem de glórias passadas. Portugal está irremediavelmente atrasado. Não pode esperar mais. Por isso sonhámos ainda hoje com a criação de uma Academia das Letras, uma Academia da Língua, independente, sem sujeições a projetos estatais ou outros.

Em 2008 e 2009 os Colóquios foram a Santiago de Compostela para o 1º Seminário de Lexicologia da AGLP para provar que ela conta com o apoio das outras Academias e dos Colóquios da Lusofonia que a ajudaram a nascer numa época conturbada relativamente à situação da língua portuguesa na Galiza.

Em 2009 definimos o projeto do MUSEU DA LUSOFONIA e decidimos levar os Colóquios a Santa Catarina, Brasil, e tivemos como convidado o escritor Cristóvão de Aguiar na Homenagem contra o esquecimento, que incluía, entre outros, Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Nesse ano foi firmado um protocolo com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos.

Em janeiro de 2010 foram lançados os Cadernos de Estudos Açorianos em pdf na nossa página www.lusofonias.net estando já disponíveis 16 cadernos, vários suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem não apenas de iniciação para aqueles que querem ler autores açorianos, mas também de suporte aos futuros cursos de AÇORIANIDADES E INSULARIDADES. Em 2010 mantivemos a homenagem contra o Esquecimento que incluiu os nomes de Vasco Pereira da Costa, Cristóvão de Aguiar, Dias de Melo e Daniel de Sá. Na Sessão de Poesia declamaram-se poemas de Vasco Pereira da Costa incluindo o poema «Ode ao Boeing 747», em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhano, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio no Brasil em abril de 2010 que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas/Anais, fazendo-se um Anuário, que foi disponibilizado «online» em 2011, ano em que fomos até Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico de Macau.

Em 2011 seguiu-se a primeira ida à ilha de Santa Maria, onde se lançou A antologia (bilingue) de autores açorianos contemporâneos enquanto a AGLP disponibilizava os seus meios técnicos para a página oficial da AICL, numa nova plataforma.

Nesse 16º colóquio em Vila do Porto, aprovou-se uma declaração de repúdio pela atitude de PORTUGAL olvidando séculos de história comum da língua, ao excluir a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades de fala lusófona.

A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico foi integrado em dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão à última hora do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

A AICL entende que não se pode deixar de fora a região onde nasceu a língua portuguesa há mais de dez séculos. É um crime de lesa língua de todos nós.

A Língua que se fala na Galiza, em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique e em tantos outros países e regiões é a mesma, com a peculiaridade de ter sido o berço da mesma língua comum.

Trata-se de uma medida obviamente ditada por preconceitos políticos e contra a qual a AICL se manifesta veementemente encorajando todos os seus associados e participantes nas suas iniciativas a protestarem publicamente contra esta injustiça feita à língua portuguesa e à AGLP.

Em 2012, na Lagoa, na Homenagem contra o Esquecimento 2012 celebraram-se nove autores, tantos quantas as ilhas e num mestrado do curso de tradução da Universidade do Minho, verteram-se para francês, excertos de obras de autores açorianos.

Ali se lançou o MANIFESTO AICL 2012, A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO que aqui divulgaremos, esperando que este evento possa servir de ponte entre duas culturas unidas na sua insularidade entre os elementos que as rodeiam na Galiza e nos Açores.

Hoje, aqui, estão alguns desses autores a partilharem convosco o que há de comum entre a Galiza e os Açores: duas insularidades culturais no seio da Europa.

Os nossos projetos de divulgação de autores açorianos, sua tradução em várias línguas, a divulgação do cancioneiro açoriano, as antologias, os livros que temos editado, os artistas que temos promovido, entre tantos outros projetos que enunciamos na sessão de abertura deste 18º colóquio permitiram já levar os Açores a locais desconhecidos, e sentimo-nos todos embaixadores dessa açorianidade quando os nossos oradores estudam autores açorianos.

Com esta vinda à Galiza acreditamos que podemos criar pontes culturais entre duas regiões autónomas cercadas por culturas dominantes e que têm um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono. Queremos criar intercâmbios entre os Açores e a Galiza para juntos, e com o apoio do Governo Regional dos Açores possamos incrementar as relações comerciais e culturais entre as regiões, porque afinal falamos todos a mesma língua. A todos os que aqui estão presentes o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.

121.3.2. DISCURSO DE ACEITAÇÃO DE ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA AGLP

Prezados académicos, excelências

Em 30 de agosto de 2002 Timor-Leste tornava-se independente e em 18 de outubro conheci Ângelo Cristóvão que ficou boquiaberto quando lhe disse que «Este 1º Colóquio da Lusofonia deveria chamar-se o Genocídio da Língua (Portuguesa) na Galiza, mas a entidade patrocinadora [SLP] não deixou»

Deve ter imaginado que ou era louco ou um agente provocador do reino de Espanha.

Uns anos mais tarde (2007) seria aquele o título de novo colóquio no qual seria proposta oficialmente a criação da AGLP, a que todos assistimos em 2008.

Tive a oportunidade de lhe dizer naquela ocasião e, posteriormente, o que pensava do problema da língua na Galiza, salientando que, por ter porfiado 24 anos pela independência de Timor, poderia tentar transpor para a Galiza alguma da minha experiência e aplicá-la no campo da língua.

Com a enorme capacidade que só os visionários têm, um grupo restrito de galegos e galegas atravessaram o rio Minho em busca do sonho de recuperar a língua de seus antepassados e parte integrante da sua História, tal como fizera a antiga Irmandade das Falas, entre 1916 e 1936, depois renascida na década de 1980 como Irmandade das Falas da Galiza e Portugal.

Aos poucos, começou a falar-se do problema que, infelizmente, continua ignorado pela vasta maioria dos portugueses, mas aquele pequeno grupo, como cavalo de Troia que era, soube conquistar algumas personalidades importantes para a sua luta e desde a sua criação, que a AGLP, a sua Fundação e a Associação Pró-AGLP, não têm parado de aumentar os seus convénios e protocolos com entidades de todo o mundo lusófono. Falta ser feita justiça no seio da CPLP para que lhe seja reconhecido o direito ao estatuto de Observador, desígnio que tomámos como nosso no 13º Colóquio da Lusofonia em março de 2010, em Santa Catarina no Brasil, e, posteriormente, reiterámos no 14º colóquio em Bragança em outubro de 2010 em Macau e Santa Maria em 2011. Foi por isso com espanto que assistimos dia 22 de julho 2011 ao anúncio pela CPLP da admissão da AGLP sob proposta do país anfitrião (Angola). A mesma admissão surpreendentemente foi retirada da página oficial da CPLP umas horas depois sem qualquer explicação, pelo que as celebrações de júbilo na Galiza e no resto do mundo duraram apenas oito horas. Veio, posteriormente a saber-se que fora Portugal - que sempre apoiara esta proposta da AGLP integrar a CPLP com o estatuto de observador - quem a vetara no último momento. A AICL em concertação com o MIL - Movimento Internacional Lusófono - de que faz parte, tomou algumas medidas sendo a mais visível a da Petição ao Ministro dos Estrangeiros de Portugal, Dr Paulo Portas, além de entrevistas e publicação que

fizemos de um MANIFESTO de Repúdio da AICL. Como sempre estamos crentes de que o tempo reporá a justiça da admissão da AGLP na CPLP: Ao tomar conhecimento oficioso de que o meu nome iria constar desta cerimónia, entendi que os Colóquios da Lusofonia mereceriam mais essa honra do que eu, a nível pessoal, dado não ser mais do que um mero facilitador de vontades entre todos os associados da AICL e os projetos e sonhos que temos vindo a construir.

Recordo a propósito que quando em 1962 escrevi um discurso familiar mencionando as auréolas miríficas alguém me incentivou a continuar a escrever. Posteriormente aos 22 anos, em 1972, lancei o meu primeiro livro de poesia, a que outros de crónicas e de ensaio político se seguiram.

Fui sempre jornalista e tradutor e só nestas últimas décadas pude escrever o que queria e sentia. Faço agora 40 anos de vida literária e mais de 47 de jornalismo sem jamais ter acalentado grandes ilusões ou sonhos quanto ao valor dos meus escritos.

Ainda considero ter sido uma honra maior do que eu merecia ter tido a oportunidade de ser convidado a proferir uma palestra dia 29 de março de 2010 na Academia Brasileira de Letras.

Hoje, segue-se a segunda maior honra da minha vida, estar aqui a ler estas palavras evitando os meus improvisos emocionais para vos confessar que a AGLP pode continuar a contar com o meu total e dedicado apoio, nesta luta para a reposição da língua galega, aliás língua portuguesa da Galiza, em todas as esferas da vida do povo galego e nos fóruns internacionais. Espero nunca vos desiludir. Citando o embaixador José Augusto Seabra, primeiro patrono dos Colóquios:

... A disseminação de uma língua que, a partir da sua matriz galaico-portuguesa, se tornou primeiro uma língua nacional e depois uma língua de contacto entre civilizações, cumpriu-se de facto, a partir da grande empresa marítima das Descobertas...

O nosso idioma apresenta todas as características da universalidade: disperso por todos os continentes, ele não é restrito a um grupo étnico, a uma comunidade religiosa, a um tipo de sociedade ou a um regime político, sendo uma língua de mestiçagem cultural, de contacto e de diálogo entre vários povos. Se a comunicação e o cordão umbilical entre os dialetos galego e português perduraram até hoje, a diversificação tornou-se mais nítida nas rotas do Atlântico, do Índico e do Pacífico, do Norte ao Sul e do Ocidente ao Oriente. Pode dizer-se, em suma, que a diversidade se tornou uma condição da unidade, mas não da unicidade, da língua portuguesa. Nesta época de desassossego global, em que o retorno dos fanatismos, dos fundamentalismos e dos terrorismos de toda a ordem impende sobre a nossa condição planetária, saibamos ser de novo, através da nossa portuguesa língua, interlocutores de um polígono de civilizações, culturas e religiões. Símbolo de uma língua que se tornou uma pátria de tantas pátrias quantas são as nossas, de tal modo que poderíamos dizer, parafraseando uma vez mais Pessoa «Nossa Pátria é a língua portuguesa». Mas foi como língua de civilização e cultura que o Português se impôs historicamente, na sua irradiação pelo mundo, como profetizou o poeta-humanista António Ferreira:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva

A portuguesa língua e lá onde for

Senhora vá de si, soberba e altiva... (fim de citação)

Termino dizendo que falta apenas concluir a unificação ortográfica desta língua de todos nós, elevando-a a uma maior dimensão. Nisso quer a AICL quer a AGLP estão unidas, pois podemos preservar todas as nossas inúmeras diferenças, mas mantendo unificada a escrita da língua.

Respeitando a diversidade do Português, que é aliás a sua grande riqueza, impõe-se fazer um esforço no sentido de uma aproximação das suas formas, sim, mas em domínios ligados ao seu uso contemporâneo, como é o caso da terminologia científica e técnica e dos neologismos decorrentes de novos modos de vida e de convivência internacional, sem prejuízo da salvaguarda das especificidades de cada variante, enquanto manifestações que são de identidades e alteridades culturais irredutíveis.

Obrigado uma vez mais por aceitarem este mero aprendiz de feiticeiro da escrita no vosso seio de académicos bem mais distintos e qualificados do que eu.

Cito Jack Kérouac

Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de casos. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que veem as coisas de um modo diferente. Não se adaptam às regras, nem respeitam o status quo. Pode citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E enquanto alguns os veem como loucos, nós vemo-los como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.



Como simples artesão da palavra, poeta e sonhador de utopias manterei a minha saudável loucura ao serviço da língua portuguesa, nem que seja em pequenos poemas como este:

GALIZA COMO HIROXIMA MON AMOUR

acordaste e ouviste o teu hino
bandeira desfraldada ao vento
ao intrépido som

das armas de breogán

amor da terra verde,
da rubra terra nossa,

à nobre lusitânia

os braços estendes amigos
desperta do teu sono
pega nos irmãos e irmãs
caminha pelas estradas
ergue bem alto a tua voz
diz a quem te ouvir quem és
orgulhosa, vetusta e altiva
indomada criatura
nenhum poder te subjugará
nenhum exército te conquistará
nenhuma lei te aniquilará
és a Galiza mon amour

121.3.3. DISCURSO DE ENCERRAMENTO

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Apesar da sua ausência por motivo da campanha eleitoral para a Presidência do Governo Regional dos Açores, farei o discurso que preparara para a presença do Excelentíssimo Senhor Dr Jorge Paulus Bruno, diretor regional da cultura dos Açores, em representação do senhor Presidente do Governo Regional dos Açores. Na minha modesta opinião a AICL deve aproveitar esta honrosa presença para lhe agradecer, salientar e enaltecer a colaboração iniciada em 2007 com o Governo Regional dos Açores. Igualmente merecem uma nota pública de agradecimento os apoios recebidos até hoje da CM Lagoa entre 2008 e 2012, da CM Bragança de 2002 a 2010, CM de Vila do Porto 2011, CM Ribeira Grande 2006 e 2007, Estado Federal de Santa Catarina 2010, Instituto Politécnico de Macau 2011, Academia Galega, sua Fundação e Associação Pró-AGLP 2012, Academia Brasileira desde 2007 e à Direção Regional da Cultura / Direção Regional das Comunidades / Direção Regional da Ciência e Tecnologia, em particular, por nos terem permitido fazer a diferença ao trazer autores expatriados que só vieram enriquecer os nossos Colóquios, havendo ainda a realçar a Direção Regional de Turismo que há 4 anos nos ajuda com ofertas representativas dos Açores aos nossos convidados. Faltarão decerto outras entidades que nos ajudaram ao longo de mais de dez anos e 18 Colóquios, mas seria injusto não salientar aqui as individualidades que têm sido timoneiras desta nau da Lusofonia, esses dois grandes mestres Bechara e Malaca Casteleiro sem os quais os Colóquios não seriam o farol que a todos alumia nesta defesa intransigente da nossa língua e para eles peço um aplauso sentido. A estes, juntaria ainda os nomes do incansável Ângelo Cristóvão e da Concha Rousia, que têm com enorme sacrifício subido o Gólgota deste nosso sonho comum. Como tenho vindo a alertar e ainda mais no atual contexto as nossas relações com as entidades públicas e ou associativas são fundamentais e sem o apoio destas entidades os Colóquios não teriam atingido a projeção internacional de que hoje dispõem. Interessa agora nesta época de convulsão orçamental continuar a demonstrar porque merecemos ser apoiados, pois nós marcamos a diferença para todas as outras realizações do mesmo género. Peço desculpa pela ousadia, mas não poderia deixar de dizer isto. Se a guerra dos afetos entre povos irmãos é exclusiva da coutada dos poetas, agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme

identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua. Foi isso que nos trouxe à Galiza neste 18º colóquio para juntos fortalecermos o que nos une e que é património imaterial de tantos. Apesar das leis e das promessas oficiais o galego é menos falado hoje do que na minha juventude quando aqui vinha de férias, mas felizmente existe uma geração de visionários como a AGLP e a AGAL, entre outras, que querem beneficiar do mercado global da nossa língua única em todas as suas ricas variantes do Brasil a Timor e confiamos neles para que consigam essa revolução das mentes para que as novas gerações se orgulhem desse património imaterial que é a língua portuguesa comum a todos nós. Os nossos projetos de divulgação de autores açorianos, sua tradução em várias línguas, a divulgação do cancioneiro açoriano, as antologias, os livros que temos editado, os artistas que temos promovido, entre tantos outros projetos que enunciamos na sessão de abertura deste 18º colóquio permitiram já levar os Açores a locais desconhecidos, e sentimo-nos todos embaixadores dessa açorianidade quando os nossos oradores estudam autores açorianos. Com esta vinda à Galiza acreditamos que podemos criar novas pontes culturais entre duas regiões autónomas cercadas por culturas dominantes e que têm um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono. Queremos criar intercâmbios entre os Açores e a Galiza para juntos, e com o apoio do Governo Regional dos Açores possamos incrementar as relações comerciais e culturais entre as regiões, porque afinal falamos todos a mesma língua. Aos que aqui estão presentes o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.

CRÓNICA 122 O FIM DE UMA TRADIÇÃO NOVº 1, 2012

122.1. A MORTE DA TRADIÇÃO

Termina hoje sem pompa nem circunstância, nem tampouco notícia no jornal, uma tradição milenar. Não morreu por falta de entusiasmo ou de praticantes, morreu por mero decreto governamental, que, obviamente, nunca ouviu falar dela, jamais a partilhou, ou sentiu, habituados que estão agora acomodarem-se nas suas torres de marfim longe de tudo e de todos, alheios ao povo que sugam com impostos como sanguessugas que são, sem tempo para tradições ou costumes. Falo do Pão por Deus que esta manhã, na pacata Lomba da Maia nos obrigou a levantar antes das nove da matina, com bandos de crianças a baterem à porta pedindo o Pão por Deus. Uma chusma deles, perdi a conta, mas bateram mais de doze vezes até ao meio-dia, em grupos, maiores ou menores, creio que o maior era de uma dezena.

Não se trata do Halloween nem do *trick or treat* com jovens disfarçados de bruxas e quejandos que batem às portas dos norte-americanos na noite de Halloween. Eram jovens desde a primária até à secundária (a partir dos 14 ou 15 anos desinteressam-se destas tradições) que sem o saberem cumpriam este ritual pela última vez, dado que o - cada vez mais tirânico e déspota Governo do senhor Passos Coelho - assim o decretou. O feriado de Todos os Santos, acaba neste ano de 2012. Não virá grande mal ao mundo e quem mais o lamentará serão os/as vendedores/as de flores, de velas e outros artefactos típicos desta homenagem aos mortos.

A Santa Igreja também não deve entender que prestar preito aos mortos atraia grandes adeptos e vai daí acedeu a este cancelamento da data feriado. Ora com a dificuldade que tem atualmente em atrair vivos não ficaria mal ter persistido em manter os mortos na cena das celebrações em dia feriado. Foi um dia feriado tradicionalmente utilizado para recordar entes falecidos.

O Dia dos Fiéis Defuntos é a 2 de novembro, mas, por questões de ordem prática, passou-se a usar o 1 de novembro para visitar e recordar os falecidos. Foi celebrado pela última vez em 2012 [1] pois para o ano todas estas criancinhas estarão nas suas escolas e daqui a algum tempo, mais ninguém se vai lembrar de como era costume andarem em bando a bater às portas. Não me lembro, ao crescer na urbana cidade do Porto, de tal tradição embora ela se tivesse mantido viva nas zonas mais remotas e nas aldeias do interior até recentes anos, mas aqui nos Açores, desde há oito anos que nos acostumámos a ela...o toque incessante da campainha e a dádiva de rebuçados e doces...num dos anos até se acabaram os que havíamos comprado e tivemos de ir reforçar o estoque.

No livro Crónica Açores (vol. 2 de 2011) narro a génese da tradição que ora termina como se pode ler [Crónica 31](#).

122.2. CREMAÇÃO

Eu observava, empiricamente, um nítido decréscimo de participação popular nos ritos, comparativamente à infância. Há menos gente a acreditar na vida além-túmulo ou a participação restringe-se aos mais velhos. O decréscimo de crentes católicos em Portugal é notável. No último censo eram 92,2 %, mas só 10 % ia à missa.... Opino não ser preciso haver um dia assinalado no calendário, propositadamente colocado a seguir ao Dia de Todos os Santos, que é uma data com algum relevo. Obviamente, um dia de Finados em dia de laboração normal não deixa grande margem de manobra para alguém ir aos cemitérios, depois de se levantar cedo, pôr os filhos na escola, voltar do trabalho, ir buscar os filhos ao ATL (tempos livres), preparar o jantar, etc. Cada um, na reclusão do seu lar, deverá dedicar os momentos que quiser ou sentir necessidade para homenagear os seus mortos, da forma que melhor entenda. Por vezes, bastará um pensamento ou lembrança em instâncias de dor, alegria ou dúvida. Seria mais adequado para evocar aqueles que mereciam ser recordados. Não o neguem, há muitos cuja ausência não é sentida, quer pela sociedade, quer pelos familiares. Outros deveriam ser proibidos de serem evocados.

A religião cria hipocrisias que levam a venerar todos os mortos mesmo os que não merecem qualquer espécie de sentimento ou os antepassados que nunca conheceram. Há muito que dedico momentos de pausa para recordar, aqueles que gostaria que ainda estivessem comigo. Para saborearmos juntos uma vitória pessoal ou profissional. Para partilharmos um triunfo particularmente interessante. Tão-só para receber uma palmada congratulatória nas costas. Somos companheiros de sempre. Mesmo que já não estejam no rol dos presentes. Por vezes, dialogo com eles, de forma não audível. Falo-lhes. Mesmo sem respostas, continuo num feliz solilóquio. Talvez gostem de ser recordados assim. A sua memória perdura. Dessa forma os homenageio. Sem vasos nem flores, nem peregrinações ao sítio onde deixaram as ossadas terrenas, ao contrário da minha mãe que mantém, há décadas, uma romagem semanal ao cemitério de família (em Agramonte, Porto).

Já assisti em 1974 e 1975 em Bali (Indonésia) à cerimónia religiosa que mais me marcou: o Ngaben, rito da cremação ([detalhes em Crónica 10](#)). Muitos acreditam ser a mais importante. A religião hindu balinesa crê que a alma se reincarna, após passar por várias fases. Como os balineses se reúnem em grupo para conversar e contar histórias, é provável que os espíritos façam o mesmo. As procissões, além de coloridas e festivas, são complicadas, pois andam em círculos. Vale tudo para confundir os espíritos. Durante anos tive essa cláusula da cremação num testamento, o que muito espantara a minha mulher, descrente de coisas dos orientes exóticos.

Sabida a distância, o Atlântico deverá bastar, pois a viagem para o outro lado do oceano é longa. Talvez mais demorada do que para a outra vida em que não acredito. Nem na luz ao fundo do túnel. Não pretendo ter os ossos esquecidos no jazigo de família sem alguém que vá e me visite. Não quero que a capela onde repousam gerações de antepassados fique cheia de ervas daninhas. Não deverei ter a visita de filhos na última morada, já que não me visitam enquanto cá ando e mais difícil seria que me fossem saudar nesse eterno repouso inventado pelos cristãos. Prefiro que as

cinzas desapareçam, e a remanescer algo, que reste a memória e os meus escritos. A propósito deste escrito acrescentava a Joana Mota Vanzeller

Aqui que eu saiba "Pão por Deus" não era uso.
 A primeira vez que ouvi, foi em S. Miguel.
 Eu ia na rua e uma velhinha disse-me "pãprê" ...
 Não percebi, e perguntei se ela tinha perdido alguma coisa e ela repetiu umas poucas de vezes e eu envergonhada pedi desculpa e deixei-a.
 Cheguei a casa e contei ao meu Pai - Riu-se - traduziu...
 Hoje, claro fui à missa....
 Já nem me lembrava que este era o último Dia Santo, dia 1 de novembro o dia de Todos os Santos!
 Em que para acumular se junta mais ou menos o dos "Fieis defuntos" que tenho ideia de, em pequena, ser feriado também.
 Esse é que era o dia de ir aos cemitérios....
 Recordar e rezar pelos mortos da nossa Família....
 Mas acabou foi considerado inútil e ridículo substituído pelas bruxas...
 Uma tradição cheia de nexos...
 A vez de quem vende chapéus em bico e abóboras.
 Todos tem direito a ganhar a sua vida...
 Lá andam os meninos com a ridícula fardeta de bruxa...deambulando sem sentido nenhum por essas ruas...
 Mas ainda há muita gente gastando, para bem das floristas, o dinheiro que tem e não tem, para pôr a campa mais enfeitada do que a do vizinho...
 Chegam ao ponto de fazer roupa...para bem dos vendedores de roupa, certamente dos Chineses, que o dinheiro não dá para mais...para estar todo o dia no cemitério!
 Eu, como os cemitérios onde está a Família, estão longe - um em S. Miguel outro em Aveiro...mando pôr lá duas velas um ramo de Verdes para não ficar com ar de abandonado....
 Eu agora irei lá, como se costuma dizer, com os pés para a frente... ou mais moderno, num potinho com tampa...
 O acabar de dias santos era para serem todos e ficaria suponha que só natal.
 Natal, com o Pai Natal.
 E a Páscoa - com o coelho que põe ovos....
 Uma coisa que tenha interesse, enfim alguma coisa original e com piada!
 Que isto de poder ser católico é uma coisa que não tem razão de ser...
 Religião que se respeita só a dos árabes....
 As autoridades da Igreja conseguiram negociar acabar dois dias (já não me lembro qual é o outro) contra dois feriados civis.
 Mas como não tenho já a certeza como é depois ...o Daniel (de Sá) diz... (Desculpe Daniel [de Sá] ---mas ...já ficou nosso costume.)
 O Padre lastimou que governos quebrassem tradições, tirassem as memórias e história dum costume que em toda a Europa há, penso eu.
 Pelo menos em França era um dia marcado dantes.
 Agora com esta preocupação de manter o pessoal a trabalhar, não sei...
 Só quem pode fazer as suas tradições são os árabes aí eles baixam a orelha...
 Agora aqui os palermas dos nativos "Vai trabalhá Vágábundo" que tem que se pagar a quem não trabalha...
 Alguém ouviu sobre aquele serviço de saúde em Guimarães em que as mulheres têm quarto particular um tapete para as rezas, sal e pimenta para a comida, médica especial, têm que os médicos aprender árabe e cumulo só comem carne de ovelha morta lá como eles querem - só há um talho para fazer aquela barbaridade.... Claro que não disseram como era o matar os cordeiros pela tradição da religião islâmica...é o dizes...
 Nessas coisas não se fala, que é discriminação racial.
 bj Joana

CRÓNICA 123, DO FIM DO MUNDO, DEZEMBRO 21, 2012



Ainda não são 10.43 e escrevo do meu "bunker" ou abrigo, que mandei instalar aqui sob o torreão do meu castelo... Pelo periscópio montado na seteira, vejo o céu acinzentado bem escuro, ouço o vento a soprar com força e a chuva cai impiedosa...não consigo ver o alinhamento dos planetas nem as explosões solares, mas temo que as previsões do fim do mundo sejam como as do ministro Gaspar...

Quando chegar a hora do almoço vou sair, que hoje nem tomei o mata-bicho (café da manhã) e já preciso de um bom banho quente pois os "mestres" construtores do bunker que cobraram mais de 300 mil pela construção, esqueceram-se de ligar a água ao poço artesiano que há no quintal ligado a um tubo lávico da falha Fogo-Congro e pelo qual se exalam cheiros diabólicos.

Sempre gostei de estar em contacto com a natureza profunda! Na R P da China (lá, onde levam tudo a sério) prenderam centenas de pessoas de uma seita que anunciou o fim do mundo em virtude de perturbarem a ordem pública. Aqui na Lomba da Maia não se viram manifestações similares pois era tempo de fazer os preparativos do natal, que esse costuma vir sempre a horas todos os anos.

Admira-me o presidente do Governo Regional não ter ido à TV (RTP-A) apelar à calma, mas depois dei conta de que o ministro Relvas mandou fechar a "janela" da TV e só pelas 17 horas temos notícias locais. Mais espertos foram os do

parlamento regional que foram todos de férias com a família para estarem juntos no fim do mundo em vez de estarem em plenários a fingir que resolvem os problemas açorianos. A Casa Real de Bragança teme que o fim do mundo seja aproveitado para o regresso de Dom Sebastião o que prejudicaria os interesses legítimos do atual pretendente ao trono que não existe.

Para já a programação que recebi não está a ser cumprida, deve ter sido organizada por portugueses, que nunca estão a horas nem sabem cumprir horários, mas continuo a não entender isto dos Maias pois os únicos que conheci eram os do Eça de Queirós, gente fina que não se metia a fazer disto.

Dizem-me que o Governo ainda não vendeu a TAP para os seus membros estarem hoje voarem nela para longe do país, mas tratou-se de mais um boato sem fundamento...não havia classe executiva suficiente para tanta gente...e ainda nem todos garantiram "tachos" para abandonarem a ação misericordiosa, mal compreendida e mal paga que é estar no Governo, tarefa bem mais espinhosa que governar!

Os invejosos do "El País" noticiavam há dias que Portugal estava à venda, uma completa mentira, pois já se sabe que o país foi vendido a retalho e o que sobra mal dá para pagar o café e um maço de tabaco. Também não é verdade que se esteja a acabar com o SNS (Serviço Nacional de Saúde) pois o que se pretende é acabar com as "baixas" ardilosas com que alguns tentam defraudar os seus empregadores, em especial na função pública.


Com o tempo de espera para casos não urgentes igual ou superior a doze horas acabam-se as baixas fraudulentas...não há estômago que aguente! Iguamente falsa é a asserção de que o Governo pretende privatizar o ensino público, pois todos sabemos como ele tem sido essencial para colocar este país nos lugares cimeiros das estatísticas em Bruxelas. Os privados continuam a ser coutada de privilegiados que nada acrescentam ao saber nacional, a acreditar nas licenciaturas do Sócrates, Relvas e tantos outros dos principais partidos que nunca tiveram tempo de estudar para doutor devido aos seus afazeres político-partidários.

Quanto à justiça, temos um dos sistemas mais bem preparados em todo o mundo, com um longo prazo de investigação a fim de se apurarem todas as responsabilidades e as "fugas ao segredo de justiça" são uma forma elaborada de se descobrir quem são os verdadeiros criminosos para que o povo esteja atento, ainda antes de contra eles ser formada culpa.


As inúmeras formas de apelação existentes permitem a todos os que foram injustamente acusados como o major Valentim, o Isaltino Morais e outros, de se poderem defender de cabalas monstruosas montadas por aqueles que os não conseguem vencer de forma limpa em eleições livres!

E, por fim, a Banca internacional está com alguns problemas de liquidez depois de terem tornado o dinheiro da lavagem de capitais em ativos tóxicos, mas tudo isso se cura. Se a crise global continuar, para o ano somente dois bancos ficarão operacionais: o Banco de Sangue e o Banco de Esperma! Mais tarde estes 2 bancos serão fundidos, internacionalizados e chamados: "The Bloody Fucking Bank".

E é com eles que contamos para a retoma financeira e o aumento das taxas de natalidade europeias.



TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA,
LER UMA BOA POESIA,
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL,
DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.
GOETHE



Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moínhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua mátria desconhecida, partiu à conquista do "lulic" em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um "Anno Horribilis" no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descobriu a sua mátria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta "Atlântida" onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.



chrys@lusofonias.net -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro **"Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1"** (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Electricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese **"Timor Leste: o dossiê secreto 1973-1975"** (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia **"Crónicas Austrais 1976-1996"**.

Em 2005 publicou o **"Cancioneiro Transmontano 2005"**

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia **"Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter"**.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dores (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa **"Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino."**

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias).

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia **"CrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores"**, (esgotado) cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia **"CrónicaAçores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores"** (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia **"Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)"**, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de **"Crónicas Austrais 1978-1998"**.

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da **"Trilogia da História de Timor"**

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, **"Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor"**, vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café

Em 2017 lançou o seu opus magister **"Bibliografia Geral da Açorianidade"** em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro **"O Mundo Perdido de Timor-Leste"** de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 **"Fotoemas"**, foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de **"Missionários açorianos em Timor"** vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de **"CrónicaAçores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores"** cronicando as suas viagens pelo mundo

Completo a **Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)**

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online,

2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceania - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> www.lusofonias.com

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOL. 3 ANO 2012 SEM CORTES (CRÓNICAS 114 A 123 - 2012)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES
VOLUME 3**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2017

TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA, VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER
ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS. GOETHE